MARAGATOS

Relatos históricos ocorridos no Rio Grande do Sul nos anos 1923-1927

ROMAN WACHOWICZ

Publicado em polonês em 1965

Tradução pela
Sra. Veronica Dorocz Vettori

ROMAN WACHOWICZ

MARAGATOS

Relatos históricos ocorridos no Rio Grande do Sul nos anos 1923-1927

Publicação em polonês pela
Sociedade "LUDU"
Curitiba – 1965

Tradução pela
Sra. Veronica Dorocz Vettori

Publicação em português por
Simon P. Anderson
Email: nvanderson@yahoo.com
Normal, Illinois, U.S.A. – 2011

DO AUTOR

A historia tem inicio no Município de Boa Vista de Erechim, Rio Grande do Sul. Em 1926 este lugar era chamado Floresta, o qual sofreu horrores no inicio da Guerra revolucionaria nesta região. A revolução foi conduzida pelos revolucionários chamados Maragatos e o destacamento do governo chamado Chimangos.

O trabalho de arte deste livro foi feito polo senhor Stanislaw Kurleto, conhecido artista e pintor na época em que o autor começou escrever o livro. O senhor Kurleto estava passando uns dias em Araucaria cerca de Curitiba na ocasião. Por seu trabalho em conjunto, dou-lhe meus cordiais agradecimentos.

Também agradeço ao engenheiro Edmundo Gardolinski de Porto Alegre pela pronta ajuda para colocar as fotos usadas neste livro.

Araucaria, Paraná
Outubro de 1964.

INTRODUCAO

Se eu não tivesse escrito esta historia, eu ficaria em grande divida aos moradores da Floresta, hoje Barão do Cotegipe, com os quais convivi por dois anos. Para escrever esta historia, carreguei esta lembrança por trinta anos, Algo sempre me interrompia ao começar escrever. O povo continuava a perguntar quando eu iria escrever o livro. Especialmente o corneteiro, que tocava corneta para o alarme no episodio sanguíneo da historia no hotel do Adam Werke. Hoje ele e meu vizinho em Araucaria. Ele se chama Artur Sander Ferreira e mora na casa do meu amigo Bronco Andrusiewcza em Curitiba.

A outra razão para escrever estas memorias foi porque o Bronco Andrusiewcza convidou um grupo de amigos para jantar. Este jantar seria uma comemoração da família. A mesa estava repete de comidas deliciosas. Sentia-se o aroma no ar. Conhecidos e não conhecidos meus estavam presentes. Cada um deles tinha sua historia para contar. As historias eram de seus trabalhos de dois anos fora de sua cidade. Chegou a minha vez de falar. Contei todos os acontecimentos ocorridos com relação à revolução dos Maragatos referentes ao período que estive em Floresta. Falei sobre Szelagu e do bandido Artur que o assassinou. Este Artur, mesmo furado a balas, continuou andando. Ao ser baleado, uma das balas destinada a ele, atravessou o lado do seu corpo, indo atingir sem querer o pescoço de um jovem que atravessava a rua. Este jovem ficou em estado grave, levando muito tempo para recuperar-se. Neste instante da minha narração, o meu vizinho de mesa abriu sua camisa e mostrou uma cicatriz de um balaço que recebeu naquele tempo e disse, "Este e o sinal da bala. Não interrompi a historia antes porque esperei o senhor contar a verdade." Então ele confirmou minha historia dizendo: "E verdade, pois assim foi".

A terceira razão, e porque Floresta tinha e tem uma posição digna de passar para a historia. Entre os grandes, es-

colhendo aqueles que muitas vezes tiveram que passar para o lado dos Maragatos estão as famílias Kucharski, Studzinski, Maleysz, Brszki, Dorosz, Malinowski, Sebulskie, Szulc e antes de tudo Wojciecha Jurkowskiego a qual pegou nas armas em sua defesa e de toda colônia de pobres imigrantes os quais por sua delicada situação do lado da oposição, deitavam a cabeça embaixo da guilhotina dos assassinos. Então neste tempo, o Yurkowsky e seus três companheiros, os quais não lembram os nomes, organizaram um encontro e conseguiram findar com a onda de matança.

A proposito, devo mencionar que Boa Vista de Erechim e a única cidade no Brasil a qual mais vezes mudou de nome. Cada vez que trocava o nome, mais tarde voltava ao nome anterior. Nesta historia aparece com os seguintes nomes: Paiol Grande, Erechim e Boa Vista de Erechim.

Capítulo I

Decisão

- Onde mora Plucinski?
- Plucinski?
- Ah, sim, o comerciante?
- Não sei se ele é comerciante. André Plucinski.
- Ah, o André? Vê lá aquela colina, onde tem luz nas janelas...

Já estava escuro, as luzes amarelas na cidade mal iluminada com ruas bem largas. Na escuridão da noite, apareciam as casas. Na esquina da rua, havia um policial. No ar, sentia-se um cheiro da alfafa pisada com barro pelos cavalos e mulas. Misturado com o barro mole, havia um cheiro bem forte. O silêncio na cidade só era rompido com a partida de um trem que fazia um barulho. Um silêncio sinistro por causa das eleições que estavam para se realizar por aqueles dias. A cada momento, apareciam mais luzes, ruas e casas; eram ralas e, no meio, estavam as grandes árvores. Nos galhos da grande árvore chamada sapopemba, aparecia um pedaço da lua nova.

Ouviam-se os cincerros dos cavalos amarrados no curral. Quando a partida do trem silenciou, longe, no silêncio, ouviu-se o toque de uma guitarra. O guarda parado na esquina apontou com a mão:

- Estás vendo lá no fim da rua, lá mora o André. Aquela luz comprida nas janelas é a casa dele. Apressa o passo antes que apague. Depois das nove, não deixam entrar. Podes ser preso.

- Por quê? - perguntei.

- Esta é a lei desde que a Revolução começou. Os Maragatos estão na redondeza, tem cuidado. Boa noite.

Olhei a janela que o guarda me mostrou, se ela se apagasse, eu não encontraria a casa. Na rua, existiam buracos com poças d'água. Na colina, ainda tinha luz na janela. Nervoso, apertei minha pequena malinha e apurei o passo. Pensei: não são nove horas, eu acho que me deixam entrar. Dois cavalheiros atravessaram a rua. Grandes chapéus, capas cobrindo os cavalos, brilharam as suas espadas e desapareceram.

Aqui é outro mundo, não é como o nosso. Espero que abram a porta para eu entrar, espero que não me deixem de fora. Tenho carta de recomendação e explico que não sou intruso, mas sim enviado. Surpreso, ouvi uma voz de homem desesperado, como se estivessem cortando o seu pescoço ou queimando-o com fogo. Em poucos minutos, tudo mudou. Os gritos, aliás, pareciam berros!

- Eu disse que hoje depenava todos! Risos e gritos, como piadas pela má sorte de quem perdeu, vinham lá de dentro.

- Põe! Abre! Enche! Gritavam...

- Vamos, é a decisão! Jogamos a negra!

Alguém disse um palavrão em polonês e terminou em russo. Parei em frente à porta e pus minha mala na escada. Esperei

Foto do autor da historia "Maragatos" publicada no jornal em 1926, no dia que chegou às terras gaúchas, convidado a ser professor da escola na Vila Floresta.

até relaxar meus nervos e até silenciarem as vozes, pois com aquele barulho todo, só batendo com um martelo para ouvirem. O silêncio de repente era ensurdecedor. Com coração batendo, bati à porta.

- Quem é? Ouvi uma voz enérgica.

- Sou eu, venho de longe e trago saudações.

- É algum malfeitor que quer me enganar? Resmungou o comerciante.

A porta rangeu, uma tranca de ferro bateu, como se tivesse caído, e a porta se abriu. De dentro, saiu um cheiro de vinho entornado. Senti o olhar de olhos semi-fechados do dono do restaurante. Depois mudou de feição. Eu, em vez de entrar porta adentro, procurei no bolso a carta de recomendação. O André perdeu a paciência e gritou:

- Entra!

Obediente como um menino, abaixei-me para pegar a mala e, entrando, disse:

- Seja Louvado, Jesus Cristo!

Os jogadores silenciaram e se olharam.

Plutinski deu um grito:

- Aqui não é Igreja, é jogatina!

Na mesa, todos se calaram, só se ouvia o barulho das cartas sendo passadas.

- De onde tu vens? Perguntou.

- De Curitiba.

- Por que vieste aqui?

- Tenho uma carta do padre Piazeski, pedindo para me ajudarem a chegar até a Floresta.

- O que tu queres? Lá está a revolução. Lá é o buraco cheio de bandidos.

- Não foi para revolução que vim, mas para lecionar na escola.

- O quê? Abaixou-se para falar ao meu ouvido.

- Então tu caíste como um patinho na lagoa?

- Lá tem muita água? Perguntei debochando.

- Tu estás brincando com coisa séria, disse André.

- Já vou te explicar... Lá não é para professor nenhum, porque não pagam bem.

Logo começam a beber e mandam embora. Outra coisa, lá os revolucionários não brincam, é coisa séria. Banditismo, derramamento de sangue. Melhor voltar para Curitiba. Pega o primeiro trem antes do meio-dia e vai embora. Tens dinheiro para voltar?

Enrolei-me como uma folha verde em cima de brasas e procurei resposta: - Para a 3ª classe, pode ser que eu tenha...

- 3ª classe não tem, fazemos uma coleta para te comprar o bilhete...

- Aqui está o senhor Wechenski, comissário de Baliza, por certo o ajudará.

O Sr. Wechenski estava sentado atrás do balcão e examinava alguns papéis. Era um senhor ao estilo gentelman, com barba preta e olhar penetrante. Olhou-me ao mesmo tempo em que lia um livro ou jornal. Os jogadores na mesa começaram novamente a falar em voz alta. Uma partida foi perdida, bebidas foram pedidas e todos beberam.

- Ei, moço de Curitiba, joga conosco uma partida.

- Obrigado, eu não jogo.

-Então um copo de vinho?

- Também não bebo.

Muitos riram.

- Vejam a novidade! Não joga e não bebe.

Um dos jogadores com o rosto furado, como se tivesse tido varicela, disse:

- Olha, professor parece que tu foste criado num castelo... Podes ser bom em Curitiba, mas não aqui no Rio Grande. Aqui é preciso beber, jogar e carregar revolver na cinta. Aqui, há uma revolução a cada ano.

Senti neste momento que esse lugar era mesmo diferente de tudo.

- Estás com fome, perguntou André? Tenho queijo, vinho,

pão e linguiça. Recusei, porque eu tinha certeza de que tinha um bolinho que minha mãe havia posto na minha mala.

- Quando estiver em meu quarto, eu vou comer o meu bolo e tomo água, não gasto nada.

Um homem levantou-se, empurrou a mesa e disse:

- Compadre, vais dormir no quarto do Sr. Plucinski ou na carroça?

- É claro que vou dormir na minha carroça, vou cuidar o que é meu.

- E se te tirarem da carroça?

- Que experimentem! O winchester faz tra-ta-ta-ta!

-Hoje não tem problema - falou Wechenski - veio um batalhão de soldados do governo para manter a ordem.

- Esta é a ordem, protestou André. O mesmo pelotão tem lenço branco no pescoço e o vermelho carrega no bolso.

- É verdade que aqui acontecem essas coisas? Perguntei surpreso.

- Aqui, andam em bando, de vez em quando como Chimangos, outras vezes, como Maragatos, só trocam os lenços. E quando são identificados, eles já fizeram o banditismo, saquearam os bens dos colonos, cavalos e cabeças de gado para comer.

-Ouviste? Gritou André.

- Isso é muito triste... Senti todo o meu corpo formigar.

Bem vestido, o Sr. Dopieralski continuou a narrativa.

- Os colonos se defendem como podem, quando o bando dos lenços vermelhos aparece no local - estes são os Maragatos - mandam bala neles.

Wechewski, com calma, continuou:

- Aqui é um lugar ruim para os colonos, péssimo para quem precisa de mãos para trabalhar e viver em paz com a família. Eu tenho esperança de que tudo se esclareça e se acalme. Todos estão à espera de uma melhora, da estação Marcelino Ramos até Boa Vista, há um destacamento da polícia e dentro dos vagões do trem também.

Plucinski fez um ar de advertência e disse:

- Se tu ainda não resolveste voltar, então aqui está a chave do quarto número 5, vai dormir. Amanhã tu resolves. E ainda disse:

- O trem, se não atrasar, sai cedo, às 9h.

No fundo do quintal, tinham os quartos para dormir. Entrei no quarto e liguei a luz. Tinha uma cama, armário e, no canto, uma mesinha com jarra d'água, sabonete e toalha. No quarto vizinho, tinha um gaúcho, pisava duro e fazia barulho com as esporas. Com um gemido, tirou as botas. Depois pegou a guitarra e se preparou para tocar, procurou umas palavras de amor e cantarolava algo como "E me abandonou...". Longe se ouvia o toque que avisava que era a hora de silenciar. O gaúcho parou de tocar. Os jogadores começaram a se recolher e as luzes começaram apagar.

Capítulo II

Céu claro na terra dos gaúchos

Abri a porta. Era um lindo dia, não havia nenhuma nuvem, mas o céu estava meio pálido, porque o sol estava aparecendo como uma grande bola vermelha. Atrás da colina cheia de mato, apareciam casas, árvores e cercas. Viam-se as pequenas chácaras com terras cultivadas, casas feitas com madeira rústica. Hoje, existe uma cidade a cada passo, vê-se o trabalho do homem, sua força e a que custas tudo foi erguido. Vendo toda esta beleza gaúcha, as árvores velhas e enormes com flores multicores para embelezar a terra, o ar puro como um cristal transparente para respirar, o ar que abre o peito, que reaviva os olhos e limpa a pele.

As ruas abertas, com a cor da terra escura, como café com leite, essa terra promete dar boa colheita. Não há explicação para tanta beleza e tamanha pureza dessa terra brasileira, em especial, a terra erechinense, estou encantado de estar aqui e apreciar.

- Sr. Plucinski, quanto devo pelo pernoite?

- Nada, aqui as pessoas são bondosas, não cobramos, só ajudamos, disse.

- Muito obrigado, respondi.

- Por nada, desejo boa sorte.

Neste momento, Plucinski pegou uma enxada e começou a raspar o barro da noite anterior para melhor abrir a porta. Já de manhã, tinham algumas senhoras esperando pelo pão. Em frente, apareceram dois cavalheiros que nos saudaram dizendo “Bon giorno”. O André saudou-os com as mesmas palavras e perguntou o que havia de novo em Rio do Peixe.

- Nada de bom, o povo está preocupado. Outra vez fomos

atacados e os Maragatos Revolucionistas ontem mataram Babinska.

No rosto do italiano se notava certo ressentimento, por certo ódio.

- Qual Babinska? Perguntou o Plucinski.

- Aquela gorda do armazém.

Ele não conseguiu entender e perguntou outra vez:

- A polaquinha gorda, alguém falou.

- O marido dela esteve aqui ontem e não disse nada...

- Quando voltou, ela já estava morta.

- Quem fez isso? Perguntou Plucisnki.

- É difícil saber, vieram três bandidos, comeram e beberam. Um deles era preto, pediu uma caneca para esquentar água para o chimarrão. A caneca estava pendurada bem no alto e precisava uma escada para alcançar. Quando ela estava na escada, o bandido deu dois tiros, atingiram o coração. A mulher caiu morta e os bandidos foram embora.

- Por que fizeram isso?

- Só para ver a mulher cair morta no chão, bandidos!

- Eram Maragatos ou Chimangos?

- Não se sabes, porque não tinham os lenços coloridos no pescoço. Nós viemos para registrar queixa às autoridades e pedir proteção para o povo.

Plucinski ficou como uma estátua, imóvel. Olhou para mim e disse:

- Meu jovem, tu estás ouvindo como é fácil perder a vida? Eles matam as pessoas por prazer. Roubam, porque precisam, vêm com serviço de manter a ordem e, na saída, queimam a casa e desmoralizam a tua família. Dizem que protegem tua casa e tua família, mas realmente estragam-na, tiram os cavalos e as cabeças de gado do pasto. Fornecem recibos com carimbos falsos que o governo vai pagar, mas ninguém sabe do acontecido. Tudo é falso, é coisa dos Maragatos, famintos, rebeldes, bandidos... Nem a Brigada consegue pôr ordem.

- Mas tudo isso tem seu fim. O governo não sabe o que está acontecendo?

Com estas palavras, o grande italiano abriu o olho e disse:

- Não sabe?!

Agora o Plucinski voltou a olhar para mim.

- Tu queres enfrentar tudo isso? Um mar de bandidos revolucionários? Isso é o mesmo que tu quisesses passar água do mar para o balde com cachimbo. A vida é um tesouro insubstituível. Ouviste? Mataram Babinsnki, mulher que era estimada por todos, e minha amiga.

Plucinski olhou para mim e disse:

- Visitar Roma e não ver o Papa? Vai para a Floresta e pode ser que tu faças como César: "Veni, vidi, vici" (Vim, vi e venci).

- Deixo a minha mala e saio para ver se encontro alguém que me leve até a Floresta...

- Está bem, disse Plucinski, e abaixou-se para perguntar o queria o menino. Ele respondeu:

- Um quilo de açúcar e café.

Capítulo III

Erechim vista de dia

Durante o dia, a cidade parecia outra, vista como foi ontem à noite, parecia maior. O sol claro iluminou as casas com um colorido lindo. Até as ruas ficaram mais compridas e planas. A avenida principal era bem larga, construíram casas de tijolos, só as ruas não tinham asfalto, outras ainda tinham casas de madeira, algumas com sobrados, pintadas com cores claras. Na esquina da avenida principal, havia casas comerciais. Tinha muito movimento de colonos vendendo cereais e comprando o que era preciso, ofereciam seus bancos para que todos os usufruíssem, ainda tinha a igreja, uma construção simples.

No outro lado, havia a sede do Governo, que era a Comissão de Terras de Erechim. Ainda nesta rua, havia a Prefeitura. Era muito grande o movimento de carroças, cavalos e gente, existiam muitas casas de negócios, como farmácias, consultórios médicos, dentistas e hotéis. Também estavam ali os setores industriais, na rua do lado, havia a estação de trem e negócios menores.

A cidade foi bem planejada, para que não precise ser reformada no futuro. A construção foi difícil por falta de areia, cal e barro para fazer tijolos. O material era encomendado de longe, a duzentos quilômetros, graças à linha de trem, era mais fácil consegui-los agora. Não era permitido fazer casas de madeira, só de material, porque a cidade já fora queimada duas vezes; por esse motivo, tinham o nome de Paiol Grande. A polícia montada percorria pouco durante o dia, às vezes um caminhão de polícia fazia barulho nas ruas e depois desaparecia sem rumo. Havia os grandes carroções com sete

mulas atreladas, pareciam umas barracas cobertas com lonas que protegiam da chuva. O carroceiro não estava sentado no carroção, e sim sentado sobre a mula de trás, governava as cinco da frente dessa forma. Se fosse uma subida, o homem descia da mula e trancava as rodas do carroção para que não disparassem. Em caso de chuva, o homem usava uma grande capa que os encobria, a ele e à mula. Para fazer as compras, viam-se mulheres e crianças. O povo usa a língua italiana e a polonesa. Nesta nova e linda cidade, o povo é bem simpático.

Criei coragem e levantei a cabeça. Eu preciso conseguir ir à Floresta custe o que custar, é preciso inspecionar, chegando lá com cuidado. Da estação do trem, vinha um padre. Parecia um residente de Paiol Grande. Eu tinha uma carta com referências para mostrar a ele. Fui ao encontro do homem. Era uma pessoa antipática e, rapidamente, cumprimentei-o, saudando. Ele resmungou e continuou andando. Então, resolvi me encher de coragem e chamei-o:

- Padre, o senhor é daqui? Ele virou-se e disse sim.

- Eu tenho uma carta do Padre Piasescki para o senhor.

-Qual é o problema? Sem interesse estendeu o braço para apanhar a carta e leu. Devolveu, dizendo:

- Está bem, espera aqui. Algumas carroças sairão daqui rumo à Floresta. E foi embora, como se não pudesse ajudar em nada. Esta já é a segunda vez que isso me acontece depois que desembarquei do trem. A cada passo, encontro desinteresse. Eu tenho uma missão para cumprir e aqui só encontro hostilidade. Eu preciso ir à Floresta. E eu que pensei que um padre pudesse me ajudar. Achei que encontraria alguém que me levaria àquela vila para onde fui mandado lecionar. Tudo caiu por terra. Eu estava feliz e agora já estou preocupado comigo, o que vai acontecer se eu não encontrar alguém que possa me levar à tal Floresta? Por certo tempo, fiquei parado pensando.

Nas lojas e ruas, muita gente se movimentando. Cada um tinha seus interesses, todos com coisas para resolver. Para

mim, a cidade estava vazia. Eu tinha que falar com alguém que me orientasse, sentia-me só. Todos passavam por mim e me olhavam de lado, não me dirigiam uma palavra. Talvez porque eu tivesse um chapéu de palha chamado Rondelek, que estava na moda em Curitiba, mas aqui não. Então pensei num versinho:

I egzominem asiot
Grubka laskie nosil
Aby miei rondelek
Nosil melonik.

Meu chapéu de palha destacava-se no meio dos tropeiros com enormes chapéus. Parecia que todos riam do meu Rondelek e não ligavam para minha pessoa. Isso começou já na casa do senhor Plucinski. Talvez eles pensassem que sou um espião, ladrão ou Maragato. Aqui eu sou um homem honesto, limpo de coração e tenho muita vontade de ajudar o próximo. O que fazer? Voltar para casa eu não posso, todos os negócios têm seus caminho curtos, tortos ou diretos. Com calma, chego até lá e tudo acaba, ou tudo acaba mal. No meio de tanto movimento de gente na rua, uma donzela linda me olhou. Não resisti ao olhar dela. Deixei-a passar e fiquei observando-a. Ela se foi e eu fiquei só. Eu acho que ela ficou olhando o meu chapéu de palheta, não foi por mim que ela se interessara. Para ninguém ficar me olhando ali parado, comecei a caminhar pela avenida para o lado da estação de trem.

O trem vinha chegando com duas horas de atraso. Com muita pressa e agitação, o povo desembarcava. Muitos com roupas características gaúchas, com esporas, capas e lenços no pescoço embarcavam também. Desembarcavam alguns oficiais. Na estação, esperavam os amigos, cumprimentando-os com entusiasmo, apertando as mãos e batendo nas costas. Aqui, eu não cumprimentei e ninguém me cumprimentou, fiquei mais um tempo parado, o tempo parecia nunca terminar. O trem estava partindo e eu ali, sem ninguém me ajudar. Pensei em agarrar-me atrás do vagão do trem partindo e

em trinta e seis horas estaria na casa de minha mãe e, todo feliz, a passear pelas ruas - sem os Maragatos - com minha bengala de bambu, mas logo me livrei desses pensamentos. Saí da estação em direção ao Konstante Lech, tirei o Melonik, segurando-o na mão, abanando despreocupado. Dobrei a esquina na direção do senhor Plucinski, mas, no cruzamento, virei para a Superintendência. Não, ali não havia nada a fazer. Vou à Prefeitura - depois que começar a lecionar na Floresta, quando a escola estiver funcionando, então, solicitarei uma pensão, depois não pedirei mais esmolas, e sim o direito de ganhar ajuda - outra vez dobrei a esquina para o centro da nova cidade. Passei perto da Comissão de Terras, dobrei a esquina da rua principal, caminhei do outro lado, para ninguém me olhar, ou criticar por passar tantas vezes dobrando as esquinas.

Mais ou menos na metade da rua, parece que vi um rosto conhecido, uma linda jovem olhou-me com seus negros olhos e seguiu seu destino. Apurei o passo atrás dela, pensei que fosse uma conhecida, nada disso, não conhecia. Foi um engano. Ela era linda, com o caminhar balançando com lindo costume, parecia que estava nadando. Lindos cabelos trançados e amarrados com fita desciam pelos ombros, foi-se embora. Entrei na casa comercial do Saulo. Um jovem elegante negociante estava cortando tecido. Perguntei a ele:

- Alguém da Floresta está aqui hoje?

O negociante olhou em volta e disse:

- Neste momento não há ninguém, mas, ao meio dia, vai ter gente de lá, pode esperar.

Colocou o lápis atrás da orelha e foi servir a clientela. Os carroceiros começaram a distribuir alfafa para os animais. Parei na esquina que terminava num lugar bem largo de onde se via a estrada que ia para a Floresta. Lá estava meu ideal.

Sem demora, ouvia-se o barulho de carroças vindas de Três Vendas. Chegando à rua principal, a orquestra ia tocando; as bombas, estourando. Fiquei sem respirar de alegria. Isso é casamento de Poloneses. A carruagem com a noiva

seguia atrás da banda de música. A noiva parecia uma rainha, sentada no meio de duas damas. Fiquei surpreso, nunca vi uma coisa dessas. Na terceira carroça, estava o noivo com seus melhores amigos. O noivo não é qualquer um, com boa aparência, bem vestido, usando um anuke, estava elegante como um gentleman. Parecia que os noivos tinham sido feitos um para o outro. O rosto da noiva era redondo e o nariz fino, ela era tinha uma composição elegante. Ele, alto com o rosto bem formado.

Quando tudo parou, na última carroça, um homem gritou com alegria, ele me olhou e chamou pelo meu nome, pulou da carroça e veio me cumprimentar. Outro engano, pensei. Ele vai pedir perdão, enganou-se. Mas ele veio com muita certeza e segurança. E quando já estava perto, estendeu os braços e, em vez de se afastar, ele gritou:

- Tu és o professor! E me abraçou.

Ganhei de Simão Dorocz o primeiro abraço na terra dos gaúchos. O meu chapéu de palheta caiu no chão. Este sincero afeto me deixou paralisado.

- De onde o senhor me conhece?

- Da foto do jornal.

- Não pode ser!

- Assim é que estava no jornal, estava escrito que o senhor vai ser professor na Floresta em nossa escola. Já está tudo pronto e só esperamos pelo senhor. Neste momento o céu ficou mais claro, a terra ficou querida e amiga e parecia tudo uma irmandade. Todos tinham um coração aberto para mim, amigos e desejosos.

- Vem conosco ao casamento. Sabes que minha irmã está casando. Onde está a mala, no Plucinski? Vamos apanhá-la.

- Que feliz encontro, falei com alegria.

Tenho agora que escrever aos meus amigos em Curitiba. Aqueles que duvidaram da minha estrela no Rio Grande do Sul. Escrevo a eles que fui recebido com orquestra, foguetes e abraços. Vou como um Embaixador, com casamento, música e foguetes. Embora não seja para mim, mas é a mesma coisa.

Nesta hora, já não estava só, mas, com a família, cantando; milhões de pessoas bondosas para ajudar a vencer e ter uma escola para os filhos.

Capítulo IV

Kristina!

Enquanto os noivos foram para a Igreja realizar o casamento, houve tempo para buscarmos a minha mala e colocarmos na carroça. De repente, apareceu uma jovem, aquela que já havia encontrado antes na rua. E, sem cerimônia, chamou-me atenção:

- Por quê? Perguntou-me.

Respondi um pouco perturbado, olhando para ela, não sabia por quê. Ela disse:

- Nós sonhamos a tua vinda e o senhor, como uma estátua, passa e nem olha. A escola na Floresta, só falta perfumar. Eu sou uma das que fizeram a preparação para a tua vinda.

- Deve estar uma beleza...

- Sim, uma verdadeira beleza. Eu acho que meu irmão já falou que hoje é o casamento da Salome.

- Sim, já contou.

- Eu sou a Kristina, irmã da noiva. Viu como tudo está dando certo? Mas por não teres falado comigo na rua quando nos encontramos, ficas obrigado a dançar comigo três vezes sem parar.

-Agora ou depois? Perguntei. Isso é um prêmio, e não um castigo!

Kristina piscou o olho e levantou a cabeça, pensei que ia dar uma gargalhada, mas, com toda a delicadeza, disse baixinho: em casa, em casa.

- Fico muito agradecido por este convite. Estou feliz e obediente, vou ao casamento da tua irmã com minha manta e chapéu.

- Essa é toda a tua bagagem, perguntou?

-Felizmente é só.

- Melonik está na moda no teu Estado? Porque aqui já faz tempo que não está em moda.

- Eu trouxe esse chapéu para terminar com ele aqui.

As carroças partiram, a música tocava a marcha, embora os foguetes não tenham sido soltos com o aviso do Delegado por causa do movimento revolucionário e dos piquetes em que a polícia mantém a ordem.

Os moradores da avenida saíram para ver o casamento polonês, os negociantes pararam às portas para saudá-los com abanos das mãos. Tudo parou para deixar o casamento passar, rumo à Floresta. Fiquei em pé na carroça, podia observar pela primeira vez a Boa Vista de Erechim.

Kristina era uma moça inteligente e desembaraçada e me chamou a atenção. Fazia muitas perguntas e me olhou, percebendo que eu a observava. Fiquei surpreso e perturbado e procurei disfarçar o meu olhar. Ela era de altura média, tinha lindos cabelos soltos pelos ombros, era uma morena que chamava a atenção de qualquer um. Deveria saber bem da beleza que tinha.

- O que o senhor acha do nosso Rio Grande? Quantas horas o senhor viajou de Curitiba até aqui? Em Curitiba é melhor? Porque aqui é cheio de bandidos...

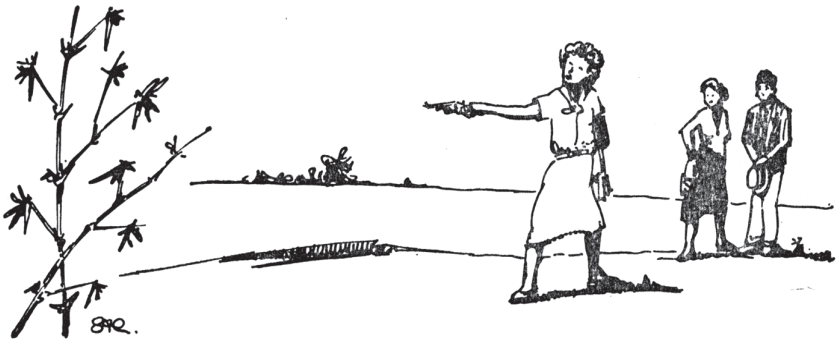
As carruagens pararam para dar de beber aos animais em Três Vendas, grande vertente de água bem limpa e cristalina. Depois do pequeno descanso, retomaram a viagem. A estrada era larga e bem conservada, com muitas voltas no meio do campo. Raramente se encontravam algumas casas e bem conservadas pipas de vinho nas colônias dos italianos. Kristina, sempre alegre, perguntou-me:

- O senhor gosta de caçar?

- Gosto, mas, aqui vejo que não há nada.

Ela tirou o revólver da bolsa e o amigo, que até agora não havia tomado parte na conversa, também empunhou um revólver da mesma marca, dizendo:

- Vamos fazer tiro alvo.



-Mas com o quê? Perguntou Kristina.

- O quê?

- Ainda pergunta? E olhou o meu chapéu de palha.

- Mas isso não é possível, Kristina.

Sorriu e mirou o revolver para cima, deu dois tiros.

- Para cima qualquer um sabe atirar. Atira no centro do alvo, eu quero ver.

- Eu também sou capaz de atirar no alvo, respondeu e olhou para meu lado.

- Quer ver como tiro o chapéu de palha da tua cabeça?

Eu, com rapidez, tirei-o da cabeça e estendi o braço bem longe de mim.

- Não confio, tu és capaz de furar meu chapéu, mas não vais furar minha cabeça!

Na beira da estrada, crescia uma taquara.

- Veja qual de nós dois acerta a cerca e fica de dono do chapéu... Ela piscou um olho e mirou a taquara e, em um segundo, ela atirou. Tremeu e caiu o pé de taquara. Todos gritaram admirados.

- Bravo, póla! Isso é que é pontaria e olho bom! Isso é um acontecimento - gritou o irmão dela, Simão - e como galinha cega, acertou o grão.

A jovem me convidou para atirar:

-Vamos ver quem tem o olho melhor.

- Aqui não tem nada que melhorar! Isso é orgulho da mestra, gritei admirado.

- Só dou tiro em homenagem aos noivos. Eu tenho um revólver na minha mala, mas é difícil procurar agora.

É lógico que eu não tinha, nem um canivete. Disse apenas para saberem que eu estava prevenido por causa da revolução. Mas, na verdade, nunca tive em minhas mãos um revólver.

Capítulo V

No pátio da casa do Senhor Dorocz

A estrada larga era à esquerda e o casamento entrou à direita, numa estrada estreita dentro do mato. No cruzamento das estradas, tinha um córrego de água cristalina por cima das pedras. As carroças corriam no meio do mato. Saíram do meio do fresco mato e apareceu a plantação de milho, existiam capins que eram uma peste no meio da plantação. Tudo era lindo de olhar. A terra, limpa e produtiva. Além disso, via-se ainda, uma grande mata virgem. Tinham alguns pinheiros altos com a copa redonda cheia galhos. Mais altos pinheiros, não existiam, por certo, no mundo.

Na baixada, perto de um riacho, apareceu a moradia do Wawzynie Dorocz. A casa e a cozinha eram ligadas por um corredor coberto. Por toda parte era muito limpo, o soalho de madeira, a mesa, os bancos, tudo era branquinho. Atrás do jardim, tinha uma estrebaria, uma espécie de galpão para guardar mantimentos. Adiante, tinha uma plantação de pasto para os animais. Depois de seco, era guardado para o inverno. Um agradável aroma da alfafa que se misturava com cheiro de figos e uvas maduras. Chegamos ao pátio da casa, aonde vimos as frutas maduras. Todos desceram das carroças e se separaram em duas turmas, uma seguiu para dentro, acompanhando os noivos e a outra foi para baixo das figueiras e das parreiras de uvas.

Krystina desceu da carroça e foi correndo para a cozinha. Todos se cumprimentaram, abraçavam-se e não acreditavam que o professor havia chegado nesses dias de revolução. Viram que era verdade, ficaram felizes e prometeram mandar as crianças e até adultos.

- Lá no Paraná também é assim, também há revoltas? Perguntou o senhor Malinska.

-Lá em Curitiba não tem revolução, respondi.

Neste momento, chegou-se ao grupo o senhor Mikolay Malysz, um homem como um gigante, muito forte. Era plantador de alfafa. Cortava, secava e vendia e com isso, tinha muito dinheiro. Ele sabia dançar bem e, com habilidade, laçava os animais. Ele era muito amigo e gostava de ajudar o próximo. No meio do grupo, estava um intelectual, o senhor Antonio Malinowski. Ele destacava-se, tendo profunda instrução e sendo conhecedor da História Mundial. O senhor Malinowski sabia cantar, parecia sempre andar bem vestido e gostava de dar conselhos a todos. Estavam lá também outros convidados: o negociante Jacuniak, Dominiak, os velhos Goraj e o poeta Leon Kaptan, Tomasz Parol e muitos outros, que eram da organização e da presidência da escola onde eu ia lecionar.

Todos falavam sobre a revolução e a respeito dos bandidos que roubavam e matavam gente. Ali estavam todos prontos para se defender nas horas difíceis. Plantavam e colhiam cereais e faziam festas e casamentos. Construíram escolas para os filhos estudarem, até mandaram alguns para Curitiba para aprofundarem mais o conhecimento. Foram os senhores Dorocz, Matycz, Malinowski, Jacuniak, Zelik, Tyterycz e outros que fizeram tudo para melhorar e instruírem seus filhos. A mulher do Matycz começou a chorar copiosamente e disse:

- Senhor, isso é um banditismo, gritava. Assim não pode continuar. Os Maragatos estão nos aniquilando. Mataram a última vaca, a que nutria meus filhos com leite. A senhora Matycz chorava e todos ficaram tristes com os acontecimentos.

- Será que não é possível fazer uma defesa pessoal, reunir todos com armas de fogo? Fuzis, revólveres, espingardas, carabinas e enfrentar os bandidos, perguntei?

Matycz, tremendo de raiva, falou:

- Com o quê? Com dois pauzinhos? Eles estão em piquetes de oitos a dez pessoas com carabinas. E nós temos apenas algumas espingardas.

Depois de minutos de silêncio, Matycz limpou os olhos, estava aniquilado. O velho Goraj lembrou que, na semana passada, mataram Cieslinki em sua própria casa, na frente de sua família, só porque não tinha dinheiro para dar a eles. O senhor Malinowski falou com voz alta:

- Por isso a mulher teve coragem e matou o bandido.

- A mulher? Como pode fazer isso? Perguntei.

O Juiz e as testemunhas disseram:

- Malinowski ogtosily nievinem. Depois de ter dado a liberdade ao bandido, a viúva estava parada atrás dele, tirou da bolsa um revólver e atirou. Com dois balaços, matou-o.

O dono da casa saiu à porta junto da esposa para chamar os convidados para o almoço e o especial convidado de Curitiba. A dona da casa estava muito feliz em convidar todos. Ela era uma senhora de meia idade, muito amável e, com a voz suave, disse:

- Krystina já me falou sobre o novo professor para nossa vila Floresta. Permita-me cumprimentá-lo e convidar para a mesa do almoço.

- Muito obrigado, é um prazer sentar junto aos noivos.

Wraziniec piscou o olho e mexeu com os bigodes em sinal de satisfação.

- Pedimos com grande prazer - segurando os dedos dentro do bolso do colete – a visita de Deus em casa... Chamava todos pelo nome, a senhora Dorocz levou-me para sentar à mesa dos noivos.

- Temos muita sorte, pois o visitante de Curitiba chegou no dia do casamento. O senhor sabe que minha filha foi a São Paulo para trabalhar e lá achou um marido.

- Em vez de o marido achar uma esposa, disse o noivo.

- Os dois são daqui, disse a senhora Dorocz, foram para a cidade grande para trabalhar e lá se encontraram, vieram aqui só para se casar. Depois do almoço, o gaiteiro Pissatti,

conhecido na região como o melhor músico, fez a gaita vibrar em todas as notas, requebrando-se para todos os lados. Tocou com prazer, não se importou com o cansaço. Todos os jovens e velhos saíram para dançar. Naquele momento, não importava os Maragatos e nem os Chimangos, o casamento era para esquecer todas as tristezas.

O senhor Matycz disse, com toda a delicadeza:

- O senhor tenha a bondade de dançar, será bem agradável para nós.

O senhor Nicolau disse a ele baixinho:

- Será que o senhor teria a bondade de me acompanhar e poderíamos ver a vila Floresta?

Matysz resmungou:

- Podemos ir a dois quilômetros e meio daqui, vamos de carroça.

Chegou o senhor Parol sorrindo e disse algo baixinho:

- Sairemos bem quietos para ninguém nos ver. Matysz e Parol sentaram e eu também. Quando saímos, o dono da casa saiu correndo com as mãos para cima.

- Compadre Matysz, o que é isso? Estás retirando o nosso hóspede. Para! Para agora mesmo! O Matysz parou.

- Como podes fazer isso? E tu, Tomasz, estás ajudando nisso? O senhor Tomasz sabia bem que Dorocz não estava zangado, mas estava curioso sobre aonde iríamos, então respondeu a ele:

- O professor deseja ver ainda hoje a escola? Como parece, tu tens mais interesse na escola, e não na dança.

- Isso é louvável - disse Dorocz- só prometes que, depois de visitar a escola, voltarão novamente.

Kristyna percebeu nossa ausência e saiu correndo ao nosso encontro.

- Para onde vão?

- E por que perguntaste?

- O senhor professor está curioso em ver como está a escola? Falou o senhor Tomasz.

Ela disse:

- Eu vou junto, papai!

E que nem um pássaro pulou na carroça e sentou-se perto de mim. Eu fiquei perturbado, porque, de repente, assim sem me conhecer bem, todos estavam me olhando. Ela pôs os dedos nos lábios, mandando beijos para todos, dizendo:

- Tchau.

- Filha, ouve, desce da carroça, eu não vou. Nós não somos necessários lá.

- Eu sou, eu sou! Senhor Matysz, toca a carroça.

O carroceiro nem se mexeu.

- É verdade que o papai não vai? Perguntou com surpresa.

- Nie pajade.

- Então, eu não vou também - e pulou.

Matysz tocou a carroça. Kristyna voltou para continuar a festa de casamento da irmã.

Capítulo VI

Povoado floresta

Percorremos dois quilômetros e meio da casa do Dorocz até a Floresta. Depois da cantina do senhor Giusepe Bianco, saímos na larga estrada, a mesma de quando vim ao casamento da filha do Dorocz, a que ficava entre Boa Vista de Erechim e a vila Floresta. Antes de entrar na vila, tinha a morada do senhor Malinowski e Jacuniak; logo adiante, tinha uma serraria de madeiras, algumas pequenas lojas. Mais à frente via-se um cruzamento de ruas, uma era para o centro e a outra para o interior, chamada Paloma. Uma pequena ponte que conduzia ao hotel de um oficial aposentado, Adão Welker. Também uma escola Municipal e, na colina, uma enorme casa, chamada Comissão de Terras. Adiante, era uma planície, que era dividida em lotes para, no futuro, aumentar a cidade. Além, era a colônia do senhor Matysz. À esquerda, existiam duas ferrarias: uma era do senhor Studzinski, e a outra, do Bortolli. Na rua principal, tinham quatro pequenas lojinhas e algumas casas, umas velhas, outras novas. E num terreno espaçoso, cercado, estava a escola em que eu iria lecionar. Atrás, tinha um puxado para ser o meu quarto de dormir. A um metro de distância, uma pequena casinha, que seria a minha cozinha. Do meu quarto, havia uma escada de cinco degraus para descer à cozinha, um pátio e um poço para tirar água; um pequeno açude para movimentar a roda do moinho do senhor Zajac, um monte de lenha para fazer fogo na cozinha; casas sem pintura, exceto o hotel do senhor Welker. O lugar que eu sonhava na minha vinda. Vai ser um trabalho bem duro, para educar crianças e o meu pão de cada dia. O senhor Tomasz abriu a porta; no interior, era es-

curo, com cheiro de mofo. O senhor Matysz abriu as janelas sem vidros da escola, duas fileiras de bancos em que cabiam quatro crianças em cada, não tinham cortinas. No canto, estava um quadro negro. No quarto em que eu ia dormir, havia uma mesa, um lampião de querosene e uma cama grande. Na cozinha, uma mesinha e um lugar para fazer fogo no chão.

Tomasz Parol

- Só espero que existam crianças – suspirou.

- Crianças existem, e virão, com certeza - confirmou o senhor Parol - só espero que consiga disciplinar a turma.

- A turma governa o mundo e é disciplinada, falei.

Tomasz estava profundamente preocupado. Matysz só resmungou e procurou disfarçar, dizendo:

- Existem crianças até demais, mas, se todos vão querer mandá-las...

Parol disse, enquanto planejava:

-Amanhã e domingo venha à Igreja, será avisado a todos que já veio o tão esperado professor.

- As aulas começam terça- feira - exclamei, entusiasmado.

- Também os que estão no casamento vão ser avisados.

- Manda quem quiser, o preço vai ser três mil réis por mês por criança.

Saímos da escola em frente da loja do Stefano Malinowski. Neste lugar se cruzavam as ruas. Atrás da capela estava outra loja do Antonio Dembinski , ele tinha também oficina onde consertavam-se armas e relógios. Logo além, tinha uma taberna do senhor Ignácio Gauza, a farmácia e a fotografia do senhor Damer, e mais uma pequena escolinha do senhor

Antonio Beltrão. Na esquina da rua que conduzia ao senhor Tapir, tinha uma casa de negócio bem nova, grande e cheia de tecidos de todos os tipos. Logo ao lado, havia uma cancha de bocha e, abaixo, estava o barulhento moinho do senhor Zajac e logo adiante morava um poliglota, Ferdinando Braszka, que falava seis línguas, ele ajudava todos a resolver seus problemas. Na frente da loja do senhor Malinowski, estavam algumas pessoas conversando e logo saíram na direção de suas casas. Tomasz Parol, o homem que estava me pondo a par dos acontecimentos da vila e dos pobres colonos, viu um homem parado e chamou-o:

- Kucharski, venha cá conosco.

O homem estava bem doente, mas chegou até nós cambaleando. Eu pensei que estava embriagado.

- Temos novidade hoje, chegou o professor esperado...

E o senhor Parol me apresentou. Kucharski estendeu a mão com ar de satisfação. Seu rosto parecia amarelo e estava bem magro. A aparência era de um homem com grandes problemas de saúde, muito sofrido e preocupado, embora também transparecesse ser um bom cidadão, amigo. Ele disse:

- Façam algo e afastem de nós os sofrimentos. Que o governo do Estado castigue os bandidos para não estragar nossas vidas e nossos bens.

Kuchrski segurou minhas mãos entre as suas e falou preocupado:

- Somos gratos porque finalmente o professor chegou. Todos nós o esperávamos. Eu tenho duas crianças para mandar para a escola: a Milka e o Stasio. O Karik ainda é pequeno e eu, como o senhor vê, parece que não sou deste mundo.

- O que aconteceu? Perguntei.

- Eu já pertencia aos mortos e estou admirado que ainda viva e ande. Os olhos se encheram de lágrimas.

- Quando foi isto? Perguntei com pena dele.

- Faz três meses, assaltaram minha casa durante o dia. Chegaram com lenços brancos no pescoço, pensei que fosse

gente do Governo e tratei-os bem, mas eles logo mudaram os lenços para vermelho. Então, começaram a roubar o que puderam. Eram seis pessoas com carabinas e empurraram-nos e bateram-nos com as armas. Queriam dinheiro, eu tinha duzentos mil réis e dei a eles. Colocaram a minha família no porão e puseram guardas. Viraram tudo dentro da casa, procurando mais dinheiro. Até os quadros nas paredes viraram, mas, antes, faziam o sinal da cruz em frente aos santos. Não acharam mais nada, então insistiram que eu tinha dinheiro escondido no mato. Fizeram-me entrar na mata para mostrar onde estava o dinheiro; eu não tinha nada mais, havia entregado tudo. Eles me empurravam com as armas e batiam nas costas e nos rins. Sempre gritando para eu entregar o dinheiro. No mato, fizeram-me limpar um lugar. Disseram que era onde eu morreria e forçavam-me a dizer onde estava o dinheiro. Puxaram o gatilho e apontaram para mim. Eu caí de joelhos e comecei a orar em voz alta, entregando a minha alma a Deus. Deram dois tiros, minhas vistas escureceram, senti meu corpo estremecer e desmaiei. Quando recobrei os sentidos, estava em casa, na cama. O senhor Parol e a família me trouxeram para casa. Deus ouviu minha oração, porque meus filhos são pequenos e precisam de um pai. Eles estragaram minha saúde e me deixaram nervoso. Desde então, eu me sinto mal e não sei se, algum dia, me recupero.

Kucharski, emocionado, limpava os olhos.

- Atirar contra eles com espingarda de chumbo não adianta, pois não se sabe quem vem. Só o Governo pode fazer a limpeza desses bandidos...

Voltando para o casamento, paramos na casa do senhor Kozako, que fazia bons violinos. Matysz estava feliz, sorrindo, satisfeito.

- Por que parou aqui? perguntou Parol.

- Vou levar um baixo, então vamos tocar algo bonito para o professor ouvir.

- O quê? Protestou o Parol - eu não sei tocar um baixo.

- Vamos tocar no casamento, temos bons companheiros para tocar polka, porque a gaita é enjoada.

- Agora, todos devemos discutir sobre a escola, sobre uma forma para torná-la bem limpa e agradável para o professor. Há duas escolinhas ao lado da nossa casa, explicou Matysz, cada uma tem dez crianças, parece que os italianos não se importam com a educação dos filhos. Só nós, os poloneses, temos trinta e cinco crianças. Sobre o pagamento, não se preocupe, eu sou o tesoureiro e garanto tudo.

- O professor pode dar aulas noturnas para adultos. Ou fazer um teatrinho que ajuda um pouco...

Chegamos a casa, dentro, os donos, o senhor Dorocz e esposa estavam à nossa espera, estavam preocupados com a nossa ausência, pois veio mais gente. As moças distribuíram vinho e doces. Todos estavam dançando com alegria. Assim que nos avistaram, levaram-nos para sentar à mesa do jantar. Os cumprimentos, abraços e felicitações não tinham fim. Todos vieram fazer perguntas sobre como achei a Floresta, a cidade e a escola.

- Tudo é muito bonito e alegre, só que com esses maragatos aqui torna-se muito triste.

- Quando nós viemos aqui, disse o senhor Malinowski, só existiam meia dúzia de barracos.

- A escola esta aí, com acomodação para o professor, é pequena, mas, se for preciso, aumentaremos mais uma peça, falou o senhor Studinski.

- Ele é solteiro e um dormitório só chega, falou algum dos presentes.

- Mas não vai ficar só para sempre, um dia ele se casará - falou a cozinheira. Uma senhora que tinha apelido de Esquilo e era viúva do senhor Pedro Wyoce, pôs as mãos em meus ombros:

- Meu querido, amo-o como se fosse meu filho, és bem parecido com meu filho menor que está em Porto Alegre.

Ela pegou minha cabeça com as duas mãos e deu um beijo maternal na minha testa.

- Eu posso retribuir? Perguntei.

- Não. Eu posso, mas a você não é permitido.

- Não perturbe nosso professor, protestou o senhor Dorocz, piscando o olho de alegria.

Neste momento, apareceu um carro com faróis acesos. Chegaram os representantes do Governo Municipal, a surpresa foi grande para todos.

- Vamos cumprimentá-los, disse Dorocz, chamando a esposa que demonstrava alegria pelos dirigentes do município terem vindo prestigiar o casamento da filha. Era o prefeito o comissário de terras Erechinenses, em companhia de um capitão e assistentes, todos se cumprimentaram, apertando-se as mãos. Foram logo convidados para a mesa, as moças logo foram servindo.

- Foi bom os senhores chegarem, não teremos medo dos Maragatos, disse o dono da casa, o senhor Dorocz.

- Obrigado por confiarem em nós - todos agradeceram.

- Por favor, sirvam-se, disse o senhor Dorocz.

- Vinho em jarra ou em garrafas? Perguntou a viúva.

- Em jarra, é melhor e mais gostoso.

Serviram em seguida um suculento jantar.

- Meninas, aqui, mais vinho em jarra, chamava Krystina.

- Então, senhorita Krystina, chamou pelo nome, já dançaste bastante?

- Eu já estou cansada de tanto dançar. És uma menina bem disposta para tudo e agradável a todos...

Trouxeram comida de toda espécie e, de novo, começou o barulho dos pratos e copos. Os convidados começaram a ficar alegres e o senhor Tomasz Parol estava à procura do professor.

- Quem viu o professor?

- Ele está lá no corredor.

- Vem, eu quero te apresentar o prefeito, quem sabe eles nos ajudam.

Chegamos à mesa onde estavam as autoridades. O senhor prefeito levantou-se, o comissário fez a mesma coisa. Agrade-

ceram e felicitaram os noivos. O senhor Parol aproveitou a ocasião e pediu ao senhor prefeito para apresentar o professor do Paraná. Os dois senhores demonstraram contentamento e disseram:

- Temos orgulho de cumprimentar e estenderam as mãos e agradeceram por mais uma força para o Município.

- Faz tempo que o senhor está aqui?

- Eu cheguei ontem.

- O que achou da nossa gauchada?

- Maravilhosa, senhor prefeito, mas infelizmente, cheira a sangue derramado.

- Isso é à primeira vista, mas tudo vai passar. Nós vamos fazer de tudo para pôr ordem em todo o Estado.

Neste momento, uma das moças chegou e pediu ao prefeito para dançar. O prefeito agradeceu e disse:

- Sou muito grato e é com satisfação que vou dançar com a senhorita - e virou-se para o meu lado, dizendo:

- Em trinta dias, apresenta-te na Prefeitura, desculpe agora, logo mais conversaremos.

O prefeito saiu dançando com a Póla, famosa pistoleira de Erechim. Todos saíram balançando os corpos. Logo passou por mim um oficial, cheirando à água de colônia. Firmei o olhar para identificar com quem ele estava dançando. A surpresa tomou-me. Sim, oh, céus, era com ela, com a linda Krystina. Tremi e senti que estava caindo da sacada direto ao chão, mas logo recuperei os sentidos. O Parol tocou-me no ombro, formigou meu corpo, senti que alguém já descobrira meus sentimentos pela linda Krystina, foi quando eu ouvi as palavras da boca do Parol:

- O senhor vai ter ajuda da prefeitura...

Já era meia noite, todos estavam na maior alegria, dançando, comendo e bebendo do melhor vinho feito em casa. Eu resolvi me afastar, nada mais poderia esperar, procurei o dono da casa, o senhor Dorocz, e expliquei minha situação, avisando que iria dormir no galpão. O senhor Dorocz contrariou minha decisão, oferecendo-me um lugar na casa,

que tinha um quarto sobrando. Eu recusei e ele me levou ao galpão, deu-me dois pelegos para fazer minha cama. O galpão estava cheio de alfafa, tinha um cheiro gostoso, finalmente deitei para dormir, ele me desejou boa noite.

- O que aconteceu com nosso hóspede? Perguntou Veviuzka, a cozinheira.

-Nada, aparentemente estava cansado da viagem e foi descansar, explicou Dorocz.

- Oh, esse parece criança, ele me lembra meu filho Antonio. O que aconteceu, ele não gostou, ficou ofendido?

- Ele não dança, não bebe, quem sabe ele está doente, perguntaram os outros.

- Mas tem bom apetite, isso é um bom sinal, gritou Jacuniak.

- Eu digo a vocês, disse o Parol, que esse professor é o certo para nós.

O filho mais velho do Mtysz formou-se em Curitiba, não estava até aquele momento entre nós, durante os festejos do casamento porque tinha ido até Passo Fundo procurar emprego, chegou bem tarde da noite. O pai disse:

- Stasiek, advinha quem está no casamento?

-Quem?

- O prefeito, o comissário, eu já os vi. Então quem?

- Teu colega de Curitiba.

- Está aqui? Onde está, quero vê-lo?

- Está no galpão, interrompeu a cozinheira. O dono da casa escondeu-o para as meninas não o importunarem.

- Com certeza ele não tem medo - o Stasiek levantou-se da mesa e correu para o galpão para certificar-se que era verdade e perguntar sobre tudo.

Deitado em cima do monte de alfafa, não consegui dormir por causa de toda a agitação do dia que tive, cheio de compromissos. Tudo é diferente, é outro mundo, muito estranho, pensei ser igual à Curitiba.

Ao lado da estrebaria, tinha gado que fazia barulho e gemia. Nervoso, o touro dava sinal de ser o rei da manada

e, de vez em quando, dava berros. Pensei: ele não vai sair da mangueira para me atacar. Em vão, procurei dormir. O que estava acontecendo era difícil explicar. Qual o principal motivo da minha agitação? A revolução estaria em primeiro lugar, seria o maior fantasma, seria ameaçadora em todos os momentos. Essa gente não tem uma garantia. Nada ajuda a pensar. Calor sufocante. Não no mundo, mas em meu pensamento, na cabeça e no peito. Nada ajudava. Mas pensei em fazer uma poesia sobre tudo isso. Eu tinha praticamente me apaixonado pela linda Krystina, ela sempre estava no meu pensamento.

Infelizmente, no entanto, ela tinha namorado, ele estava junto das autoridades da prefeitura e, quando a música começou, ela convidou o oficial para dançar. Então, a mim só resta ficar a pensar e compor esse verso, que traduzido para o português, não rima como em polonês.

TORMENTOS E ROSAS

No meio da ventania
Uma linda flor de rosa
Esta é mais linda
Duzentas vezes mais
Mil olhados pouco ainda
O meu coração está dizendo
Que eu devo te beijar
E por isso meu irmão ruku
O coração salta huku huku
Mas é seguro na corrente
Apaixonado e desprezado,
A corrente quebra
Com a tormenta do amor

Neste momento, abriu-se a porta do galpão e alguém me chamou pelo nome:

- Romão!

Será que eu chamei o espírito dela com minhas rimas da poesia? Pensei. Abriu-se a porta e alguém entrou, riscou um fósforo, mas apagou. Brilharam os olhos, mas não os dela.

- Quem é você? Perguntei.

- Não estás vendo que sou eu?

- Não vejo, porque é escuro, mas sinto cheiro de vinho azedo.

Ele procurou meus ombros para abraçar-me e disse:

- Que bom que tu estás aqui, querido amigo! Que sorte! As meninas querem te ver e estão esperando por ti.

- Hei Stacho, alguma vez tu te apaixononaste?

- Não uma vez, mas muitas.

- Stasiek!

O pai chamou:

- Vem cá, existem lindas moças esperando por alguém para dançar.

- Espera, que nós viremos te buscar.

Mesmo com tanto barulho de gente e animais, eu deitei e dormi outra vez. A música continuou. O que Matysz prometeu, certamente cumpriu, juntou as melhores músicas e então começou a dança da manhã. O pai no baixo, o filho no violino e Jakuniak no clarinete. Com o som da música, todos que estavam para se retirar, voltaram a dançar. Os visitantes de Paiol Grande de novo se animaram a dançar. O sol despontou bem claro, apareceu lindo no azul do céu nas terras gaúchas.

Stacho lembrou-se do colega no galpão e chamou os convidados:

- Venham, vamos cantar parabéns para o professor.

Todos os músicos para lá se dirigiram, foram todas as crianças, mulheres e Veviuka, a cozinheira. A dona da casa, em agradecimento pela presença do casal de velhinhos Goraj, convenceu-os a deitarem-se por uma hora para descansar na cama que o professor recusou.

Capítulo VII

Mtysz Toureador

Acordei com gritos de alegria e conversa, levantei e procurei logo me vestir rápido, a porta se abriu e ficou muito claro lá dentro. Eu estava pronto para sair, o senhor Malinowski me viu, já fez um verso para dar as boas vindas e disse:

Querido visitante que veio do Paraná,
Perdoe-nos senhor, que dormiste no Paiol.

- Viva! Gritaram os músicos e todos juntos tocaram, Malinowski percebeu que os baixos eram fracos. Então começou a cantar bem alto. O Senhor Leon chamou, pedindo que fizesse algo em homenagem às vacas. O poeta sumiu e em cinco minutos se ouviu a voz baixa:

Desejo às vaquinhas
Com este povo presente
Para dar dois terneiros a cada ano
Por isso terão
Bastante alfafa e ração.

Esta poesia em polonês rima bem. Os músicos tocaram a marcha. As vacas mugiram e os terneirinhos saíram aos pulos, assustados. Bem tratado, o touro berrava e não se ouviu a música. Neste momento, chegou o senhor Matysz, então deu um grito:

- Malinowski, façamos algo com este touro.

O grande Malinowski disse:

- Eu queria fazer algo, mas não sei como, quem sabe tu poderias fazer algo?

- Espera, eu já dou os parabéns a ele...

O Matysz entrou na mangueira e foi indo, ladeando a cerca para onde o touro já estava enfurecido.

- Tu estás louco - gritaram todos - touro está bravo!

Ele não ouviu os conselhos e, num pulo, agarrou o touro pela cauda. Todos ficaram sem fôlego de medo. O que poderia acontecer ao homem? O touro ficou bem furioso, começou a saltar, berrar, dar coice, torcia a cabeça e olhava para trás para ver quem o agarrara pela cauda. O Matysz pulava e se escondia atrás do touro.

- Alguém tem que vencer esta luta, mas não eu, gritava Matysz.

- Começou, aguente até o fim, bradava o toureador.

Mulheres começaram a gritar alarmadas que o Matysz enlouquecera e que estava em perigo. O Malinowski e o Jacuniak largaram os instrumentos e desapareceram na estrebaria.

- Homens, socorram o Mikotay, gritaram.

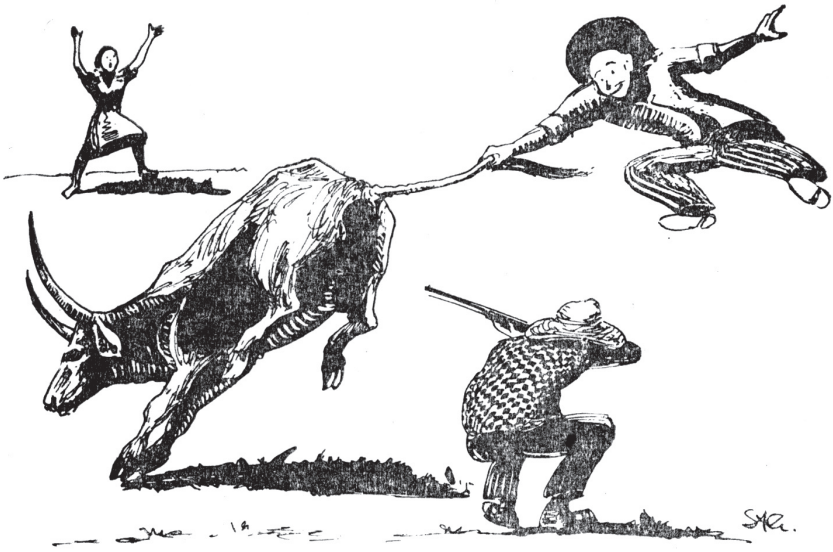
Estes homens, ao invés de socorrer o Matysz, fugiram.

- Corram atrás deles para ver onde se esconderam!

Os homens, neste momento, saíram do galpão com o laço na mão.

- Lacem o touro e amarrem-no, gritaram.

Malinowski pulou para dentro da cerca e começou a



rodear o laço para laçar a cabeça do touro, mas, em vez do touro, ele laçou o Matysz. O homem sacudiu a perna e o laço caiu. O filho, vendo que a luta era séria e o pai estava em perigo, pulou e pegou uma espingarda e apontou para matar o touro. Ele engatilhou a arma que apontava para a cabeça do touro. A cozinheira saltou e tiro-lhe a espingarda, griando:

-Não atires, porque podes acertar o teu pai.

O filho largou a espingarda. O toureador continuava agarrado na cauda do touro. O boi adivinhou o perigo e daí pensou que a salvação dele era correr para o mato e desaparecer atrás da colina. O toureador não podia livrar a mão do rabo. Entretanto, de repente, ele agarrou-se a um galho de árvore e, com isso, livrou-se do rabo do boi.

Entre a mangueira e o mato existiam uns 150 metros. Os homens pularam a cerca e correram em auxílio do toureador. O touro sentiu um alívio, o toureador estava deitado no chão. As mulheres rapidamente fizeram um emplastro de farinha de mandioca para amolecer os espinhos presos nas mãos do homem.

- Tu és um irresponsável, disse Malinowski. O toureador pega o touro pela cabeça, e não pela cauda!

Ao meio dia, todos foram à capela na Floresta. Matysz escondia no bolso a mão pisada com espinhos. Na capela havia muitas pessoas, não tinha padre, mas tinha um homem que fazia oração e todos cantavam hinos. Todos olhavam para a porta para ver se o professor viria. Terminada a reza, todos se reuniram na frente da capela para conversar sobre quem mandaria crianças, quantas e o preço do pagamento por mês para cada criança.

Capítulo VIII

Nós e eles

Na terça-feira, bem cedo, começaram a vir crianças, mas também os pais junto. Na Floresta, parecia um dia de festa. As crianças foram ocupando os bancos da escola, alguns adultos foram entrando, outros ficaram no pátio. Todos vestidos com roupas de festa, esperando o começo das aulas com o novo professor. Quase todos com lenço de diversas cores no pescoço, menos vermelho. Toda a vila Floresta estava esperando a abertura da escola polonesa. A maioria da vila eram de italianos. Só duas famílias de origem alemã. Adam Welke, sargento da Brigada Militar e dono do hotel, também mandou os dois filhos para a escola. Os italianos iam a Paiol Grande e ficavam olhando o movimento na escola e perguntavam:

- Vocês farão festa hoje?

Neste momento, chegou o senhor Ceberlski montado num burro do carroção, equipado com seis mulas. As famílias Tartas, Yurkoski e Shulc estavam sentadas. Eles pareciam gente sofrida, certamente em função da revolução. Eles queriam ver o professor e saber se ele era capaz de ensinar em Português e Polonês.

- Senhor, nós não queremos que nossos filhos sejam analfabetos, custe o que custar, nós pagaremos para que sejam letrados.

Eu estava no meio deles, sem poder me mexer todos queriam me ver e falar comigo ao mesmo tempo. Eu só pensei que precisava fazer qualquer coisa para sair vitorioso. Às vezes me sentia só e vazio. Neste momento, uma senhora bem decidida apareceu no meio da turma de gente e perguntou:

- Onde está o professor? Quero vê-lo.

Olhou, levantou a cabeça e disse:

- Jesus, ele é tão jovem, não conseguirá vencer.

Outras mulheres pediram a ela para esperar para ver o que iria acontecer.

Eu fiz que não ouvi o que ela disse, fiquei bem firme e pensei comigo que teria que vencer. O Tomasz Parol estava na frente, nada disse, só observava o movimento, sabia que na colônia tinha dois partidos, Nós e Eles. Neste momento, entrou o senhor Kryzanski falando bem alto.

- Tomasz, onde está o teu pedagogo? Porque uma vez eu fui professor aqui, mas depois do meio do ano me mandaram embora, nem sei quem foi.

Parol, com sorriso, estendeu a mão:

- É bom que o senhor esteja aqui. Nós esperávamos por ti.

- Quantas crianças vais mandar para a escola?

- Primeiro quero ver o professor, se não é um padre.

Parol apontou para mim e nos cumprimentamos.

- É bem agradável o rapaz - gritou Kryzinski - pensei que estava com hábito. Então agradou a turma:

- Linda reunião!

- São muitas crianças, respondi - isso é bom sinal.

- Se não te mandarem embora do País em seis meses, então serás vitorioso.

- Parece que não vem mais ninguém, podemos começar. Estava à frente de uma mesa. Este era um momento decisivo em minha vida. O problema é grande e eu me sentir pequeno e fraco, mas eu precisava vencer a qualquer preço, não poderia adiar. Não posso chamar ninguém para ajudar, sou apenas eu e o povo, sou responsável por eles. Ganho ou perco a parada. Se este povo veio com tanto entusiasmo, é sinal que espera algo de mim.

Por um momento, esqueci de mim, jovem; esqueci de mim, só; sabia que tinha muito trabalho pela frente. Na escola, todos calados: homens, mulheres e crianças, todos

com olhares voltados para mim. Adquiri coragem e disse a primeira palavra:

- Pais e mães... - baixei a voz e perguntei:

- Sabem por que vieram aqui?

Todos estavam calados, sem resposta. Realmente não sabiam por que estavam ali.

- Eu acho que não é só para me ver, porque vejo lindas crianças. Vieram para trazer vossas filhas e filhos aos meus cuidados na escola. Vieram entregá-las ao segundo pai, protetor na escola, a quem devem ouvir e obedecer. Vieram para isso, para confiar vossos filhos aos meus cuidados.

Depois voltei a falar com as crianças, silêncio absoluto, então fiz uma pergunta:

- Crianças, sabem o que é uma escola?

Nenhuma criança abriu a boca para responder.

- A escola é outra casa, é igual, aconchegante, alegre como a casa dos pais, apenas com uma diferença: aqui ficam comigo o dia todo e com os pais à noite. Nós vamos formar uma casa só onde todas as crianças devem respeitar-se como irmãos e irmãs e eu como professor, como pai. Uma escola para todos nós. Na escola, vão estudar e eu vou ajudá-los.

As crianças boas e obedientes recebem elogios, prêmios por serem pessoas honestas. Crianças desobedientes abandonam as aulas, e os preguiçosos são severamente punidos. Eu empunhei a minha régua, como D. Pedro com sua espada no dia da Independência. Esta régua vai ser minha ajudante, o terceiro pai, guarda a quem vocês devem ouvir.

Eram difíceis aqueles tempos em que era permitido surrar as crianças. Voltei-me novamente para os pais e disse:

- Todos sabem o ditado: "Quem não ouve pai e mãe, então o mundo vai ensinar."

O senhor Dorocz estava ao meu lado e confirmou o ditado, falando emocionado:

- É verdade, eu servi no Exército Russo, na artilharia - e sacudiu a corrente de prata do relógio com que foi premiado com tiro ao alvo de canhão - e ganhei este prêmio, este

relógio. Neste momento, o Warzyniek Dorocz ajudou-me muito por que me ajudou a terminar a minha explanação ao público. Chegou o momento para a inscrição das crianças.

- Nome e sobrenome? Idade? Sabe ler e escrever? Nome do pai e da mãe? Estão presentes? Foram as perguntas que fiz a cada uma das crianças presentes.

Com os pais e as mães, tive muita delicadeza, começou a interrogação:

- Mora longe? Quantos quilômetros? Em que trabalham?

Quase todos eram colonos. Às 14 horas terminei a separação das classes. A primeira classe se dividia em A e B, em que ficariam as crianças que não sabiam nada. E depois separei em 2A, 3A e 4ª. No primeiro dia, terminei a aula às 2 horas, pois todos estavam sem lanche.

- Amanhã, venham às 8 horas, convidem os vizinhos. A escola espera, nenhuma criança deve ficar em casa.

As crianças fizeram oração e saíram. Logo começou a conversação. Kryzanski perguntou ao senhor Parol em voz alta:

- Quanto vão pagar a ele?

O Parol respondeu com segurança:

- Três mil réis por criança para cada mês. Cada um paga o que puder, eu dou o restante do dinheiro para completar. Não vamos criar nossos filhos sem escola. Amanhã mesmo eu irei a Paiol Grande e trago livros e cadernos para registrar as crianças. Pode ficar seguro que a escola vai para frente.

O povo, no começo, ficou surpreso, porque o Parol pagaria o que faltasse.

- Agora acredito que tudo ficará bem, falou o Kryzanski, eu mando minhas crianças. Para comemorar, vamos ao bar do senhor Malinowski para tomar uma cerveja ou vinho.

Decidi me defender de beber em bares:

- Nem um, nem outro, desculpei-me como pude.

-O quê? Nem cerveja e nem vinho? Quem sabe se tomamos água. Talvez até água pura, teremos problemas, debochou Kryzanski.

-Sem problemas e sem bebida, desculpei-me.

-Oh! Vou ficar ofendido, vem comigo só para tomar uma gota. Parol sorria e observava minha decisão.

O Kryzanski pegou-me pelo braço e puxou-me para o bar:

- Vem, tomemos e sejamos amigos.

- Amigos já somos, sem bebedeiras, ouviu!

- Ganhaste! O que tu queres? Falou a senhora Barazcr. Tu queres fazer dele um alcoólatra como os outros e depois mandar embora?

- Ah, não te deixes levar na conversa dele, filho. Estou vendo que tu tens bons ensinamentos de casa, falou a Weriuska.

Kryzanski saiu por alguns momentos, voltou e trouxe linguiça, pão e queijo, tudo feito em casa. Entregou-me nas mãos e disse:

- Toma, tu não queres, mas comer é preciso, pois não podes trabalhar sem comer.

- Ele tem razão, bebedeira deixa pra nós, velhos. Padre e professor não devem beber. Fica bastante tempo conosco. Nós precisávamos de um professor sem vícios. Até logo e pegou o Parol pelo braço e foi embora.

Matysz chegou-se a mim feliz e disse:

- Muito bem, gostei, sempre foi assim. Tomavam juntos e depois ficavam sem professor.

- Vem, vamos almoçar.

Não era no almoço que eu pensava, mas sim nos figos e cachos de uvas saborosas.

FLORES E CRIANÇAS

No outro dia, as crianças vieram bem cedo. Com respeito, estavam paradas no portão da escola, esperando para ser aberto. Fiquei admirado. Cada um tinha, além da mochila, um pacote ou um bouquet de flores. Pensei que fosse para vender, mas a vila era pequena e ninguém compraria. Abri

a porta da escola, cumprimentei todos e voltei para o meu quarto para comer o desjejum e preparar a lição. Logo ouvi uma batida na porta e fiquei comovido. Lágrimas derramadas com emoção, sem dizer nada. Morrer neste momento é levar consigo na lembrança para sempre. Na terra, existem vidas e quadros, seria pecado abandonar estes corações. Uma turma de meninos e meninas estava preocupada com sua nova escola. Cada um tinha um pacote, tanto guris como gurias. Um por um foram me entregando flores, figos, uvas, pão e leite.

- Isso é para o professor. A mãe mandou para o senhor...

Outras não conseguiam pronunciar palavras, só riam. Mas seus olhares diziam tudo!

- Seremos obedientes, estudaremos e ouviremos, guianos, nós te amamos.

Colocamos tudo sobre a mesa: os quitutes, as frutas, carne bem temperada. Que país, que povo! Estes são poloneses que tem bom coração. No primeiro dia, ganhei mantimentos para uma semana.

Os inscritos neste dia somavam 45.

NA DEFESA DO LADRÃO

À tarde, achei uma frigideira de ferro, cortei a carne de porco, deixei na prateleira, acendi o fogo e saí rápido para comprar um bule para fazer café. No armazém do Malinowski havia bastante gente. O dono do armazém estava trabalhando na medição de terras da Comissão de Terras Erechinenses. Atrás do balcão estava a senhora Helena, esposa de Malinowski. Na ponta do balcão estava ajudando o ex-professor Edward Weber, viúvo, era de pele escura, por isso chamavam-no de Polaco preto.

Ele contou-me que tinha terras em Tapir, mas que vieram os Maragatos e levaram tudo.

- Minha esposa ficou doente e faleceu e agora estou sozinho. Voltei para a Floresta, fui professor aqui durante um

ano. Toco violino e sou formado em Advocacia. Não aguentei, com os nervos abalados, larguei a escola. Agora trabalho só pela comida e roupa, não tenho coragem de lutar pelo melhor, só por um pedaço de terra no cemitério. O senhor ouviu que hoje estão preparando algo perigoso. À meia noite transportaram três caminhões de munição para Tapir. Vão procurar destruir Maragatos.

Weber olhou para todos e disse que seria fácil, pois os maragatos eram poucos, os homens estavam se preparando para a grande revolução. Um pobre homem olhou para mim e disse o que aconteceria conosco, sempre nos aniquilavam.

- Olha, senhor - mostrou os animais atrelados na carroça - pobres animais, lavaram os lindos cavalos e entregaram esses doentes. Disse Weber.

Ouvi tudo aquilo e me despedi com pressa, o sol já se punha atrás das colinas e das árvores. Na cozinha a carne que tinha na frigideira, havia sumido e o utensílio estava vermelho do fogo. Alguém levou, algum vizinho com fome, alguém sabia que eu tinha. Um vizinho? Não era possível, pois são bem vistos: os italianos, o ferreiro e três donos de armazéns... Desisti de adivinhar quem era e fui fazer o meu café. Comida tinha bastante, pois tudo havia ficado no quarto de dormir. Tinha pão, linguiça. Tomei chá para rebater a comida. Para sobremesa, tinham figos, uva e queijo.

Tentei acender o lampião, mas não consegui, porque não tinha querosene. Fui de novo para o armazém. Quando me lembrei de me prevenir e fechar bem as janelas e portas. Voltei ouvi o barulho da frigideira e da chaleira. Bonita coisa, alguém quer levar a minha frigideira e chaleira. Todos os dias os Maragatos estão roubando e levando tudo. Peguei a tranca da porta e, como soldado com a espada, abri devagar a porta e fui entrando com cuidado, para não cair abatido por ladrão. Abri a porta da cozinha. Num canto escuro vi dois olhos brilhando:

- Quem está aí? Gritei com voz alta, os olhos se fecharam e ouvi um silencioso miau, mas não era o gato, e sim um

cachorro. Tinha um buraco na cozinha por onde ele entrou. Mas quando ele quis sair, eu o peguei pelo rabo e dei-lhe uma surra pelos dois quilos do meu presente - o pernil de porco.

Enfim, sentei perto do lampião de querosene para escrever uma carta para minha mãe, para que ficasse sossegada por causa da revolução aqui na Floresta. Para dizer a ela que eu me sinto bem e seguro aqui. Contar a ela que o povo daqui é muito bom e me tratam muito bem. O lugar tem muitas frutas e flores... Neste momento, alguém bateu à porta.

- Quem é agora? Perguntei.

- Tem um grande movimento aqui, falou o Parol.

- Entra, já que não é Maragato.

Parol entrou e tirou uma bolsa cheia de coisas e disse:

- Fui à Casa Municipal, deram-nos livros para registrar crianças e um mapa para que tu te orientes mensalmente.

- Comprei algumas panelinhas para a cozinha, já que vou cozinhar sozinho.

- Precisa mandar a cada mês a frequência das crianças.

- O Portinho já está em movimento, melhor estar na cozinha do que andar por aí... Boa noite!

PALAVRAS SEM DINHEIRO

Fui ao Correio levar a carta.

- Por favor, espera aqui, tem algo para o professor. Sem demora trouxe uma carta, era da minha mãe. Guardei no bolso, só fui abrir em casa. Com cuidado e saudade, no fim, ela disse que se, por acaso, eu precisasse, mandaria 60 mil réis para eu pagar a passagem de volta, caso estivesse em perigo.

Olhei a carta por vinte vezes, por dentro e por fora, procurei no chão, mas não encontrei dinheiro. Não era pelo dinheiro, mas só que era da minha mãe. Voltei para o correio e expliquei para o oficial que não continha dinheiro, só palavras. Ele me explicou que se a carta não era registrada, não vinha dinheiro, eles o tiravam. Agradeci e saí. A senhora

do correio olhava com pena de mim e ouvi quando disse para o marido:

- Coitado, ele aqui sozinho, que nem um órfão.

Capítulo IX

Planejado melhoras!

Em pouco tempo, faltaram bancos para a escola. Pagaram o mês de trabalho do professor. O secretário avisou que tinha um saldo na caixa. Era um homem justo e que, financeiramente, estava bem, era jovem e simpático.

- Karpinski, chamou o Parol, você é presidente, precisamos de bancos para a escola.

- Já sei, já sei sobre o assunto, mas onde está o dinheiro?

- Faça bancos para 16 crianças e traga a nota da despesa que eu pagarei.

Karpinski anotou e fez os bancos. As crianças vinham de todos os lados, vinham a cavalo de longe.

Mikolaj Malysz

Em três meses tinham registradas 114 crianças de 6 a 18 anos de idade. Os senhores Parol, Karpinski e Matysz colocaram bancos em todos os cantos. A escola funcionava a todo vapor, das 8h da manhã às 12h em polonês; das 13h às 16h em português. Oito horas por dia ouvindo o barulho de crianças. Parecia perder a cabeça. Mas precisava sempre segurar a disciplina. Para assegurar o silêncio, precisava usar métodos mais fáceis, tais como leitura, história, geografia e literatura. Nunca faltavam alegres iniciativas.

Consegui levar as crianças para a prática de marchas, treino de ginástica e excursões com cantos. As crianças ficaram bem entusiasmadas. Podem imaginar como eu tive de batalhar com cinco classes juntas no meio de quatro paredes no forte do verão, entretanto o que mais me agradava era ser o único a entrar nas classes, bater palmas e todas as crianças ficarem em pé, ouvindo quietas algumas recomendações. Conforme a batida de mãos: senta, levanta, então começavam a lição. Esta escola precisava de três professores para dividir, mas eu sozinho enfrentei tudo. Poderia formar um ginásio dos mais adiantados. Depois do duro trabalho do dia e de fazer meu jantar, tinha pilhas de cadernos para corrigir.

Fui formando cursos noturnos para jovens, como teatros e formação de uma biblioteca.

A LUTA PELO DIREITO

Levei o mapa para a Prefeitura, a média de frequência de alunos era 96 crianças. O prefeito olhou longamente a frequência e eu já fiquei amedrontado. Será que é bom e o que irá me dizer? Continuou olhando e analisando. Olhou para mim dos pés à cabeça. Não era de admirar que eu tremesse pelo meu trabalho com a escola de centenas de crianças gaúchas, filhos legais desta terra, completamente abandonadas pela lei deste município e o que dizer no interior do estado do Rio Grande do Sul? Se o prefeito negar auxílio, então será tudo pago pelos pais das crianças. Eu tenho certificado, mas do Paraná. Quem sabe aqui não vale? Nada de errado eu faço aqui, só quero ser útil para as crianças desta terra. Nada de errado, só quero fazer o bem para as crianças desta terra. Preciso fazer algo para esta gente humilde. Se o prefeito negar auxílio, espero que possa ajudar esse povo humilde, que só trabalha na roça, sem instrução. No fim, olhou mais uma vez para mim e disse:

- Muito bom!

Escreveu uma nota, entregou a folha a mim, dizendo:

- Na primeira ocasião vou visitar a escola - e mostrou a janela do caixa.

Recebi 150,00 mil réis. Ganhei asas, neste momento o prefeito era meu chefe, meu protetor, meu colaborador, meu amigo e meu irmão.

Desci as escadas do 2º andar e saí na rua onde o cavalo emprestado do senhor Dorosz estava à minha espera. Saí na rua por onde antigamente andei. Neste momento, um jovem deu sinal para eu parar. Segurei o cavalo e apeei, parei ao lado do cavalo e cumprimentei o desconhecido.

- Você é professor na vila Floresta?

- Sim, sou professor na vila Floresta - fiquei imaginando mil coisas. Em que posso servi-lo? Perguntei. - Olha aqui, jovem, se quer saber se vale a pena lutar para conquistar o futuro como professor? Tenho certeza - respondi convicto. A esperança é madrasta: um dia beija; outro dia, surra.

- Isso é perda de tempo. A mocidade é uma só. Vem comigo, dou-te trabalho no meu negócio, trabalho e idéias para o futuro.

Percebi que estava falando com um homem de negócios. Prometi, em primeiro lugar, que iria pensar no caso dele, mas disse-lhe que o mundo precisava de gente decidida e de ajuda.

- Deixa dessas ideias de ajuda que não é bem paga. Dar demais para quem morre e pouco para quem vive. Isso é prisão para voluntários.

- Muito obrigado, vou pensar sobre isso. Já tenho amigos e obrigações com o povo da Floresta.

- Então tu tens mais obrigação e a palavra do que força monetária. Quando tu folgares das obrigações da escola, vem me procurar. Eu preciso de gente bem estudada, jovens e que tenham chance de enriquecer. Moro aqui - e mostrou a porta do negócio.

Despedimo-nos. Montei o cavalo com destreza, mas senti o peso de uma pedra em cima de mim.

PIEROGI COM NATA

Os donos da casa, o senhor e a senhora Dorosz, estavam à minha espera com lanche. Tinha mel, pirogi, chimia de figo, de uva e um gostoso café com leite. O senhor Dorosz estava muito bem humorado com seu relógio de prata, que ganhou no tiro ao alvo no Exército Russo. A senhora dona da casa, como sempre, estava com um ar de bondade e preocupação para com todos. O senhor Dorosz disse-me estar preocupado:

- Minha filha casou com Jose Lucaves e já foram embora para São Paulo. Que Deus os abençoe com muitas felicidades, entretanto eu estou triste, como na Sibéria.

- Onde eu olho é vazio. Só espero que não levem a Cristina.

- Esta é como se não estivesse em casa, só a cada sábado vem, é alegre com todos... As duas meninas menores, Verônica e Michalina, todos os dias vão à escola e nós dois, velhos, ficamos sós em casa. Simão tem sua casa e José, em Curitiba, estudando. Esta é a vida, quando casamos, éramos apenas nós dois. E quando estamos envelhecendo, ficamos novamente sozinhos.

- Por favor, coma os pierogis ou não está gostando? Perguntou o senhor Dorosz.

- Muito bom, só estou pensativo, pois fiquei surpreso de saber que a Cristina foi embora para São Paulo - tentei sair do embaraço, mas a senhora dona da casa ficou um pouco desconfiada.

- Os donos do armazém não quiseram deixá-la, queriam-na como filha. Saem juntos e voltam juntos.

Agora entendi o segredo, como ela já conhecia este militar de Erechim... Moravam na mesma rua e se encontravam todos os dias. Esta notícia estava me perturbando, era difícil engolir os pierogis com nata.

Capítulo X

A infantaria voltou

Voltei a pé para casa. Caminhava rápido e, para encurtar o caminho, passei pelo potreiro do senhor Giusepe Bianco. O pasto era bonito e limpo com enormes árvores, tais como angico, imbuia. Os pinheiros eram enormes, na altura sobressaiam-se das outras árvores, estavam como majestade, segurando sobre si bonita coroa de galhos, silenciosos como se estivessem esperando algo. Dois burros estavam pastando preguiçosos, o gado estava voltando à tarde para a mangueira a fim de comer algo e a vaca de leite já estava perto do portão para alimentar o bezerrinho.

Giusepe era um bom trabalhador italiano. Com capricho fazia grande cantina de vinho. Quando me viu, chamou-me com simpatia.

- Senhor professor, tenha a bondade, vem experimentar o meu vinho.

Entrei e já na porta senti o cheiro de vinho. No porão da casa, estavam em fila pequenos barris.

- Todos já cheios, perguntei?

- Sim, neste ano faltou vasilhame, precisei vender uvas para cantinas em Erechim. Flora!

O Bianco chamou a filha:

- Traz um copo.

Flora saiu de dentro do porão. Era alta e bonita, usava chinelos bordados, avental branco com pingos de vinho. Branca e com sorriso na face, olhos brilhantes. Os cabelos atados com fita branca, com cuidado, lavou um copo e encheu de vinho, estendeu a mão e ofereceu o copo de vinho, dizendo baixinho:

- Toma.

Fui tomando aos pouco, de medo de ficar tonto, mas dizendo que era gostoso e a cor bonita. Flora era uma jovem bem prendada, bem humorada e de boa educação. Com respeito, ela perguntou por que todos tinham vindo para a minha escola e ainda acrescentou:

- É demais para o senhor lecionar, como consegue fazer funcionar, foram até adultos?

- Na escola não há mais lugar, não poderia receber mais nenhuma criança.

- Se o senhor aumentar a escola, eu sou a primeira a me oferecer para ajudar.

- O que estou ouvindo? Ajudante? Tu te pareces mais com uma diretora! Com essas palavras a Flora sorriu como uma linda criança.

Pensei: duas vizinhas e dois anjos. Aqui Flora, e lá Kristina, é de ficar tonto. Aqui é o lugar de lindas moças. Se quiser uma boa esposa, só se acha aqui no Rio Grande do Sul.

- Nós, italianos, admiramos o desenvolvimento da escola, a nossa está desaparecendo. Beltrão dirigia a escola, até que foi chamado para ser comissário, explicou Giusepe Bianco, quando foi designado para este cargo começou a se interessar mais, deixava a escola e só andava de bar em bar, tomando bebidas alcoólicas, finalmente perdemos o professor.

Flora contou-me que ia à escola, gostava muito de ouvir as aulas. O Bianco começou a conversa sobre o estudo, disse que agora não sabiam o que fazer. Alguma vez estiveram organizados, mas que sempre ocorria algo e tudo acabava. Falou-me sobre o risco de quem manda crianças para a escola, mais uma preocupação em tempos de revolução. Passou um contingente, todos com uniformes e armados. Parecia que eram soldados do governo.

- Olha lá, disse a senhorita Flora, mostrando o sinal na parede, onde o vinho havia alcançado.

- Como que o vinho poderia estar lá? Era um lago de vinho derramado. Com que milagre?

Muito contrariado, o sangue do senhor Bianco ferveu e ele levantou a voz:

- Como a gente pode viver? Para provar, aí tem o sinal.

- Olha lá! - com a mão calejada mostrou que quase meio metro de altura estava o vinho derramado.

Dois anos atrás, passou um bando, pareciam chimangos do governo, vinham com lenços brancos no pescoço. Beberam vinho como homens de bem, tinham direito. Sem esperar, mudaram de lenços e me enfrentaram dizendo que eu era inimigo, porque somos maragatos. Puseram lenços vermelhos e quebraram todos os barris e até de joelhos andaram no vinho, meu trabalho de anos. O coração ficou endurecido de dor de ver tanto estrago. Na saída, pegaram o melhor novilho e levaram. Nada pudemos fazer, pois eles estavam armados. Flora explicou que eles deixaram um barril porque estava deitado e só por isso ficou.

ENCARCERADO!

Já estava escurecendo, não por ser noite, mas por causa das nuvens carregadas, pretas. Da casa do Bianco para a estrada, eram alguns passos. Na colina, enxerguei o vale da Floresta.

Tudo parecia triste com a revolução, a gente não sabia em quem acreditar, todos roubavam e se não podiam levar, destruíam. Ninguém era dono de nada e ainda ficavam calados, pois era perigoso de ser esbofeteado ou morto.

Imigrantes venceram com amor a Pátria, amaram esta Terra Mãe e esperavam com paciência dias melhores. Os Poloneses e Italianos, em conjunto, com grande esforço, trabalharam pelo progresso da família e pela comunidade e embelezamento da cidade, em prol dos filhos deste país. Os pais faziam economia, deixando as coisas boas para depois, a fim de construir um dia melhor no futuro dos seus filhos. Um mau espírito que estava penando, saiu do mato e encarnou nas pessoas menos instruídas. Estava equipado com unhas,

danificando tudo que os coitados dos colonos trabalharam com esforço e o suor dos rostos.

Debaixo das nuvens negras, caminhei a passos largos. Para ter certeza se não havia perdido, tirei do bolso as duas notinhas do banco, para ter certeza que aí estavam. Eram duas notinhas bem novinhas. Pensei se realmente eu merecia isso. É bem agradável ter meu próprio dinheiro, ganho com merecimento. Tive uma ideia para ganhar 1.000,00. Com essa quantia eu me sentiria bem. No gramado, perto da casa do senhor Malinowski, tinha umas barracas. Será que eram os ciganos? Não deixo nenhum cigano dizer que quer ver minha sorte. O dinheiro eu apertava em meu bolso. Logo vi que eram soldados, o sargento estava dizendo algo aos soldados. Dois soldados pretos levantaram os fuzis e barraram meu caminho. Um deles bateu forte no chão com fuzil e disse:

- Para! Parei.

- Aonde vai?

- Lá para a Floresta.

- De onde vem?

- De Paiol Grande.

- Tem permissão para entrar na vila?

- Não tenho.

- Vem comigo ao comandante. Passou um calafrio no meu corpo. Será que são maragatos? Minha preocupação era meu dinheirinho no bolso, se me revistassem, levariam. Paramos diante de umas das barracas. O soldado entrou e cumprimentou com batida do salto das botas.

- Senhor capitão, temos uma pessoa estranha.

- Entrem.

Entrei. Na rede, bem acomodado, estava se embalando o capitão, lendo um livro. Quando levantou a cabeça e olhou para mim, com surpresa, vi que era o mesmo que estava no casamento.

- Ué! Eu já te conheço, mas não me lembro de onde, disse agradavelmente.

- Do casamento da filha do senhor Warzyniek, fui me explicando rapidamente.

- Sim, era um casamento, gostei muito. Fique conosco para jantar - perguntou-me como ia a escola.

- Vai bem, obrigado.

- Cabo! Traz um cafezinho.

- Café eu tomo, mas não fico para jantar, vai chover, o senhor dá licença que eu vá?

- Pois não, guarda, leve-o até depois da guarda.

Caminhei como um soldado. Quando estávamos retirados, voltou-se para mim e disse, dá um cigarro?

- Não fumo.

- Então me dá 400 réis para um trago de caninha.

Também saí desta sem problemas. O homem ainda me disse que eu era liso que nem um peixe e mandou que eu fosse embora. Quando cheguei à escola, relampejou e caiu um raio, parecia incendiar o hotel do Welker. Olhei para fora e caíram as primeiras gotas de chuva. Ficou silencioso, levantou um cheiro de poeira e só vi as pessoas correndo para fugir da chuva.

Não consegui ir à cozinha, pois a chuva veio com tanta água que era impossível entrar lá para acender o fogo. Eu não estava com fome, enchi o lampião de querosene e ficou bem claro no meu quarto. Na mesa, existiam três montes de cadernos para corrigir. O maior era da 2º. Classe; o menor, da 4º. Classe.

Esta é a vida, todos procuram subir na vida e ser melhor, quem vence e quem cai? Fui para meu quarto, tirei o casaco e atirei-o na cama, procurei cantar, mas a voz não saía bem, então parei, pensei se isso era realidade ou sonho. Compreendi que o título do verso era "Tormenta e as Rosas", mas não consegui lembrar o verso. Quando corrigi os cadernos, já era meia noite. Com o dia de hoje, que tive preocupação com os acontecimentos do dia, consegui corrigir centenas de cadernos. Em cada caderno, podia notar um grande esforço das crianças. Isso me deu mais ânimo.

Depois de tudo pronto, dormi. Mas logo acordei com tiros de carabina e alto toque de cornetas. No caminho, ouvia-se o tropel dos animais e a batida das armas, chamadas e comandos, o esquadrão partia para Paloma, onde era o foco dos bandidos.

★

Na manhã seguinte, na vila Floresta, o céu estava com aparência triste. Os telhados de madeira estavam bem molhados da chuva de ontem. Das chaminés, saia uma fumaça branca. Na estrada, viam-se os sinais das patas de cavalos, o barro sapateado, fugindo na madrugada, aproveitando a noite chuvosa. As crianças começaram a chegar à escola. Os primeiros a chegar, a Póla, a Emilia e Stasio Kucharski trouxeram notícias de que os Maragatos estavam na vila Floresta, mas a Brigada atropelou-os. Com toda a chuva, o barro e a revolução, as crianças chegavam normalmente, só faltaram

Lideres do partido "Libertador" chamados "Maragatos"

as de Paloma, pois os Maragatos passaram por lá. Depois das crianças, chegou Matysz e disse para parar com as aulas por alguns dias. Foi difícil aceitar deixar as crianças sem aulas.

Fiquei pensando se essas adversidades iriam demorar, porque todos estavam amedrontados. As crianças viviam sobressaltadas pelas noticias que corriam todos os dias. Vamos estudar enquanto somos jovens. Chuva, frio ou vento, as crianças estavam na escola com coragem.

Chegou o Parol, vendo todas as crianças alegres. Enquanto entrava, chegou o comissário e trouxe garantia de que eram os Maragatos e encontraram os guardas na observação, fugiram para Paloma. Já que as crianças tinham vindo, que estudassem, avisei.

Depois desses acontecimentos, é difícil de chegar a um acordo, com os Maragatos passando por aqui, até começar as aulas, com tanto barulho e com toques de cornetas, está complicado. Então, hoje não houve lição, só leituras, declamações de obrigações e atenções.

O senhor Matysz e Parol aguentaram ficar ali até ao meio-dia, garantiram às crianças não ter perigo. Com essas aulas, nesses dias, foram só testes. Verônica Dorosz lia com talento; Póla Parol tinha dom da caligrafia; Casia Grapla estudava longos versos para admiração de toda a classe; Vladio Zelic respondia a todas as perguntas com facilidade; Milka Kucharski era boa em todas as coisas. Ao meio-dia, o pelotão de soldados marchou atrás dos Maragatos. Atrás do pelotão ia o capitão. As crianças, por hoje, terminaram as lições.

★

Capítulo XI[1]

No portão do Sr. Matysz

No portão do Matysz, apareceu o bandido Artur Trincheira, ele era africano, homem bem forte, pescoço grosso que nem um boi, nariz com as ventas largas e abertas, com capa nos ombros, revólver na cintura, um estilete na bota e os olhos de bandido. Andava na região, dizendo ser protetor da vila. Todo mundo o conhecia como um falso protetor. Levando muitas denúncias como prova de pesados abusos. Não é nenhuma ou duas como o ditado "por uma porta entra e por outra sai", quando saía, em três dias, assaltava. Uns diziam que ele estava ligado ao Exército em Passo Fundo; outros, que era de Boa Vista e outros ainda, que estaria servindo de espião entre Maragatos e Chimangos, ou ainda que estava encarregado de agir voluntário; ele é bem lacaio de soldados da polícia. Os Juízes, ele convence de inocência; o advogado, ele ameaça até de morte. Se a pessoa é liberta, ele descobre, nem que seja no fim do mundo e mata. Esse monstro em corpo de gente chegou à casa do Sr. Matysz, cumprimentou de longe. O Sr. Matysz tinha maus pressentimentos, a família se fechou dentro do quarto.

- Eu estou levando uma missão para Paiol Grande, gritou Artur - abrindo a porta. Tenho ordem do capitão de alugar um cavalo porque a mula não aguenta até chegar lá.

Matysz tinha um cavalo de estimação, bom para tudo e bem manso. O dono da casa se defendia como podia, dizendo

---

[1] No livro original, *Maragatos*, há dois capítulos XII, mas não tem o capítulo XI. Capítulo XI, desta edição, corresponde com o primeiro capítulo XII do livro original.

que o cavalo era xucro e que é muito fácil derrubar a pessoa e tem cócega.

- Realmente, eu precisava deste - gritou alegre o monstro. Eu amanso pra ti. Tu ainda me dás um garrafão de vinho por eu treinar bem o cavalo...

Atirou o laço e já pegou o cavalo. Já tirou os arreios da mula e pôs no cavalo. Montou com todos os equipamentos. O pobre animal gemeu com o peso do monstro de 120 quilos. Apertou com as esporas e o cavalo saiu a galope. No portão, o Artur gritou:

- Eu logo tiro as cócegas dele.

A família do Matysz saiu do esconderijo, todos muito assustados e nervosos. As crianças choravam e a mãe estava a se lamentar:

- Levou nosso cavalinho, o único, esse Anticristo! Antes levaram uma vaca, hoje, o cavalo, vão nos matar na volta.

- Micotay, leva a mula para a estrada, porque são capazes de te condenar e dizerem que tu roubaste, que és o ladrão.

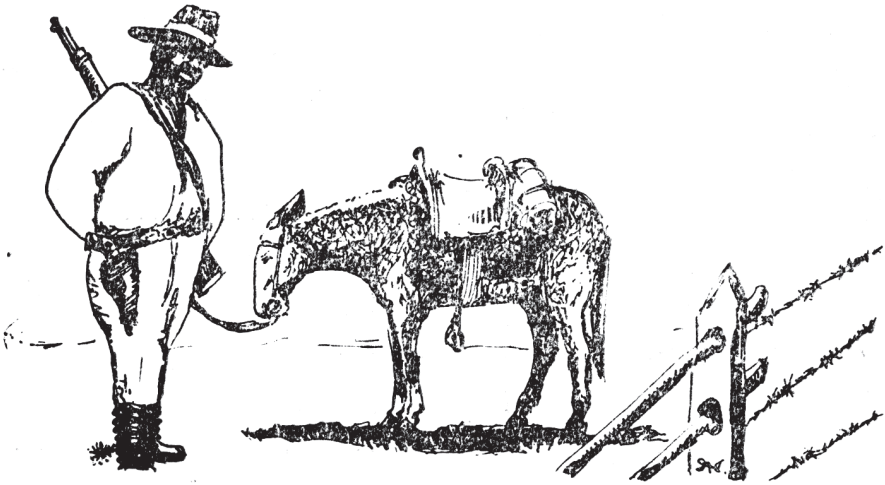
Micotay estava sentado com as mãos na cabeça e não estava sabendo o que fazer, com tristeza e pena do animal. A dona da casa chamou os três cachorros e, com ajuda das crianças, tocou a pobre mula mancando para fora do portão. Que vá, pois, com certeza, é roubada. Matysz, no outro dia, não foi cortar alfafa porque não tinha forças e nem ânimo. Trabalhar de graça? Ficou sentado na frente do fogão, tomando vinho quente.

- Papai! Gritaram as crianças. Artur vem no nosso cavalo e vem com mais gente...

Micotay abriu a janela e, no portão, estava o Artur em companhia de uma mulher branca, ela estava sentada no cavalo. No portão, ficaram dois capangas.

- Trouxe teu cavalo - gritou com satisfação - inteiro e saudável.

Matysz não conseguiu reconhecer o cavalo, embarrado, com a cabeça baixa e respirava tão forte que quase encostava a cabeça no chão.



No portão do Sr. Matysz

- Tu acabaste com meu cavalo, gritou o Matysz.

Artur olhou com os olhos de um animal selvagem e disse:

- Descansando, ele vai melhorar, ele é forte.

O dono do animal chorava. Artur apeou do cavalo e tentou tirar a mulher que trazia junto, a mulher protestou e não quis apear.

- Que teimosia! - resmungou o monstro- digo que desças do cavalo.

A terra rodou debaixo dos pés do Sr. Matysz.

- Patrício, chamou Artur, ela é arisca, mas eu amanso, como o teu cavalo.

Matysz mal pode enxergar o monstro Trincheira e desejou que ele morresse naquele instante. E ele disse:

- Patrício, cede o quarto por uma noite.

- Matysz, isso é um absurdo! - reagiu - é minha ou tua morte, atiro-me e rasgo-te em pedaços, nem que eu morra aqui!

Os capangas se moveram no portão.

- Papai, o nosso cavalo não quer comer. Deitou e está tremendo, gritaram as crianças.

- Como é, Patrício, tu me dás o quarto por uma noite ou não?

Matysz teve intenção de se atirar no monstro e bater até matar, mas pensou no mesmo instante que ele não poderia vencê-lo e se fez bem de humilde e com pena fingida, respondendo:

- Com todo o prazer darei o quarto, minha mulher já o preparou, pois, ao meio dia, veio um soldado para avisar que o capitão vem posar aqui.

O Artur, como se tivesse recebido água quente, montou a cavalo, e gritou:

- A mula não precisa devolver, dou-te de presente!

Saíram a galope com muita pressa, Artur, com os capangas, desapareceu. No outro dia, bem cedo, o cavalo do Matysz estava morto. De Quatro Irmãos, estava voltando o ruivo Stultz, amigo do Matysz. Ele trouxe notícia que o Artur raptou a esposa do sargento e rumou para a Floresta. Quem soubesse do paradeiro dele, ganharia prêmio: um cavalo aparelhado.

- Ele queria passar a noite em minha casa, mas, com inteligência, afastei-o sem problemas, explicou Matysz.

Com todos os acontecimentos no dia, sem proteção, eles ficaram conversando até altas horas da noite e chegaram à conclusão de que não valia a pena denunciar o monstro.

- Não sabemos quem é Chimango, ou quem é Maragato. No pescoço, pode pôr lenço da cor que quiser. Nem que dessem um cavalo hoje, amanhã, vem o dono e é capaz de pôr a gente na cadeia, dizendo que somos ladrões. Que eles se torçam o pescoço! Nós vamos guardar nossas cabeças, nem que seja debaixo do chapéu, se o tiver.

- Amigo! No Tapir, não posso ficar mais, vou ficar sem sapatos e sem chapéu.

- Acredito em ti! Aqui, com guardas e comissário, roubam tudo. Milagre que

ainda estamos vivos. Seguido aparecem e não se sabe quem, levam tudo e deixam recibo só pelo gado. Tenho uma bolsa cheia. Estive no destacamento três, lá é onde deveriam pagar. Quatro recibos me pagaram, porque eram assinados pelos Chimangos. O resto, o comandante rasgou e disse que não tinham valor, que pelos Maragatos não ia pagar. Disse que estávamos aqui para acabar com os Maragatos. Quem vai fazer isso, eu? Você, com o quê? Com chapéu?

- Eles que deem armas e ordem de acabar com eles, gritou o Matysz.

- Desmancho minha casa no Tapir e trago para Floresta, eu comprei um terreno atrás da igreja. Deixo lá só o galpão, porque a terra é boa e tudo que se planta dá. Quando tudo passar, eu irei de vez em quando para trabalhar. Por enquanto, as crianças têm escola, que estudem enquanto tem professor.

- Esse talvez fique mais tempo - falou Matysz - pode até casar, pois já está recebendo pensão do governo.

- Isso é verdade? Perguntou curioso Schultz - já ouvi falar sobre isso.

- Verdade verdadeira, afirmou Matysz. Eu pensei que tudo era fofoca. Ele tem diploma, ele tem direito a uma pensão do governo. Tantas crianças é muito trabalho.

- Assim deve ser, pois o Paraná e o Rio Grande do Sul são o mesmo Brasil. Eu ouvi dizer que não precisa pagar por cada criança, alguém falou que vai ser mais fácil e será uma alegria para os pais.

-Oh, não! Protestou Matysz, precisa pagar. O governo paga o ensino em português, nós pagamos o ensino em polonês.

- Eu apenas estou dizendo o que ouvi falar que duas pensões é demais para um só. Deveria se casar porque sofrer sozinho com tantas crianças, não sobra tempo para nada.

- Estão prevendo que pode dar certo com a Kristina. Que seja com ela, é bom.

- É muito jovem, retrucou Schultz.

- E tu que tinhas 18 anos quando casei vocês.

- Isso eram outros tempos, nós éramos sozinhos, sem ninguém, éramos imigrantes.

- Ele parece um imigrante: sem pai e sem mãe, que se case.

- O que eu ouvi, estou dizendo, não tenho nada que ver com essas coisas. Eu acho que os que falam são os que não mandam as crianças... Fiquei sabendo que nunca foi assim. Às vezes, quero deixar o menino, para ajudar em coisas urgentes, mas não quer ficar hoje na escola, nunca foi assim.

- Eu sei pelos meus filhos, ninguém os segura em casa. Mas dizem que vão cortar a pensão, isso não é minha imaginação, isso eu estou ouvindo em toda a parte.

- Vamos ter uma reunião sobre isso. Vamos consultar o Parol, eu não sei de nada. Faladores não faltam...

Os galos cantaram, prevendo meia-noite. Quando os galos cantam, os homens vão dormir, e os dois foram para cama.

OS PÁSSAROS CANTAM

- Tomazzi! Até onde é a viagem? Gritou o Matysz, chegando-se à carroça.

O Parol estava pronto para a viagem. Da escola, ouvia-se uma canção de centenas de crianças.

- Estás ouvindo, disse o Parol, como é lindo de ouvir a criançada feliz, cantando. E ainda o satanás quer destruir nossa escola. E tu já ouviste sobre isso, disse o Matysz, há muito tempo, o que fazer?

- Vamos pedir a bênção do Senhor!

- Com que milagre? Com porcos, resmungou o Parol.

O toureador ficou surpreso e disse:

- Isso é ofensa, os porcos são garantia de vencer. Estou levando seis latas de banha para Paiol Grande. No caso de alguns dos pais negarem-se a pagar, então eu pagarei do meu bolso, a escola tem que continuar funcionando.

- Os pais não têm culpa, apenas confiam, apenas se deix-

Ferdynand Braszka

am enganar. Eu tenho certeza de que vai bem.

- Quem será que está fazendo isso? Por que não fazemos uma reunião e todos se denunciam uns aos outros.

- Isso é coisa dos Maragatos, alguém larga uma mentira e os maus espíritos assopram para o fogo e eles mesmos se queimam. Vamos lutar, não nos entreguemos.

E tocou rumo a Paiol Grande. A cada domingo, muitos pais visitavam a escola. O pátio da escola fervia de crianças, preferiam a escola a outro lugar qualquer. Neste domingo, o Parol chegou mais cedo, sempre bem humorado, para resolver os problemas e fazer planos. Ele era muito saudável, o que não faltava era o vinho de barril, que ele mesmo fazia, e um pernil assado no forno, a cada dia na mesa preparada pela sua dedicada esposa. Chegando, tinha sempre o costume de testar a cadeira, para ver se era forte. Sentado no meio da sala, cruzava as pernas, e eu, na mesa, perto do monte de cadernos para corrigir. De repente, com um sorriso, Parol fez uma pergunta:

- Tu já te apaixonaste por algumas gaúchas?

E, como confirmei, sem pensar muito... seguiu dizendo-me:

- Os jovens, continuou Parol, essas coisas são diárias. Ouvi comentários que estão arrumando casamento para ti. Eu arranjei uma pensão de 30 mil réis por mês.

- Onde estão esta boa gente? Disse bem feliz.

- Na casa do Gabinski, é bem perto, apenas a dois pulos. Já pode servir o almoço.

TEATRO

A roda dos jovens em cursos para adultos.

- Vai ter teatro, gritavam.

Faltavam moças para a apresentação. Os homens, sem demora, começaram a decorar as falas da peça. Alguns se prontificaram a fazer papel de mulher. Esse pensamento, deixamos para uma hora negra. No grupo de amadores, brilharam os talentos: Kazimisz, como declamador, tinha uma ideia para tudo, era individualista, tinha um repertório de versos para cada local. Às vezes, ele declamava nos bares, assim, juntava muita gente para ouvi-lo.

As notícias correm rápidas, entretanto sempre faltavam mulheres. Depois de muito tempo, veio o Sr. Ferdynando Braszka e avisou que existiam moças que queriam participar, mas tínhamos que pedir aos pais, para darem licença.

- Isso é uma honra, imaginem, pedir aos pais, eu disse com entusiasmo.

Já estávamos no meio do caminho, o Braszka recomendou-me e disse:

- Só não vai te enganar, deves pedir para terem parte no teatro e não pedir a mão em casamento...

Compramos panos para cortinas, eu gastei metade do meu ordenado. Adquirimos cordas, arames e tudo o que precisávamos para fazer as cortinas se abrirem com facilidade.

ANJO DOS CÉUS

Poucos dias antes de o teatro funcionar, chegou a cavalo este Anjo, atirou as rédeas na cerca e entrou sem cerimônia na classe. Eu estava no último caderno de provas e pensava quantos pontos daria pelo trabalho. Na presença do anjo parado à minha frente, levantei-me da cadeira, meus pensamentos passavam que nem relâmpagos...

Passados alguns meses da primeira visão que eu tive dela,

o tempo era curto, pois os dias de revolução apagavam tudo. Com a surpresa da presença do Anjo, consegui dizer algo:

- Quem eu estou vendo?

- Sou eu, respondeu, sacudiu a cabeça para atirar as lindas tranças de cabelos.

- O senhor sabe porque eu vim?

-Bem, eu não sei...

- Não é verdade, porque o Senhor sabe... Vim para perguntar por que não me convidaste para fazer parte do teatro. Não gosto de ti, estou zangada. Será que era difícil me convidar para participar? Viste que tenho razão em estar chateada?

- Sim, falei envergonhado.

Ela levantou a cabeça, esperando resposta. Eu estava sem fôlego para falar. No fim da conversa, recobrei a mente para dar a resposta a tudo.

- Quem aparece primeiro tem direito.

- Então eu tenho direito, pois sou a primeira.

- Tens razão, era longe, não tive como te escrever, não tinha o endereço, no entanto agora não é tempo de recordar. Vais encontrar o policial no caminho de volta?

- Não tem policial nenhum, tem o capitão, esse é o mais alto, galardão.

Dizendo isso, deu dois passos e encostou e encostou a mão na cabeça, dizendo-me:

- Isso tudo não é certo, dessa farinha não vai sair pão!

Levantou, caminhou, virou e voltou e, com outro tom de voz, falou-me:

- Vem me visitar qualquer dia desses.

- Pois não, com grande satisfação, respondi envergonhado.

- Por favor, pode me emprestar um bom livro?

Rápido fui procurar uma boa literatura, enrolei com um papel bem bonito:

- Aqui está...

Ela pegou o embrulho e apertou contra o coração e logo disse-me:

- Outro dia eu levo... E atirou-o sobre a mesa.

- Até logo! Saiu e montou no cavalo.

O cavalo começou a dançar, ela tocou-o levemente com o chicote, ele deu um pulo e saiu correndo, como se fosse jogar carreira. Kristina se abaixou e os cabelos voaram com o vento. O cavalo correu e desapareceu na curva. As pessoas que estavam olhando, gritaram apavoradas, dizendo que o cavalo disparara, embestara. Outros, que nada aconteceria, alguns exclamavam que era mais uma das brincadeiras dela, comentavam que ela montava até cavalo chucro.

Capítulo XII

O bico amarelo no inferno

Esta noite não dormi bem, estava preocupado. A repentina volta de Kristina de São Paulo deixou-me atordoado. A presença dela tirou meu sono e perturbou meu trabalho e pensamento. Mil vezes procurei me acalmar e mil vezes me preocupei comigo, por não poder raciocinar direito. Isso era como a continuação do dia em que cheguei e quando a vi pela primeira vez. Centenas de vezes eu maldizia, para afastar de mim essa linda jovem, nada adiantava. Leva a coisa a sério, dizia para mim mesmo, para de sonhar.

Finalmente consegui dar resposta à pergunta: Será que vim só para isso? Faltaram-me forças para terminar a pergunta. Ela era uma jovem cheia de vida e alegria. A vida colocou-a em meu caminho, não podia me livrar daquele sentimento, entretanto eu repetia mentalmente: esqueça, porque não é para ti. A cada dia, surgiam mais coisas, mais a imaginar, mais a sonhar.

Estava com minha cabeça doendo de tantas coisas que eu imaginava. São coisas que acontecem diariamente para gente jovem, mas que, às vezes traziam dor. Eu repetia para mim mesmo que esperasse, mas o povo não dormia e as fofocas vinham com rapidez. Talvez o Saulo cumprisse o que prometeu, empregá-la no comércio, mas isso não passava de imaginação, ela nem pensava em mim, imaginava.

Enquanto eu estava me debatendo com a minha imaginação fértil, alguém virou o banco. Ouvi bem o barulho, ouvi conversa, puxaram a mesa e alguém estava varrendo a classe. Perguntei-me quem abrira a porta. Rapidamente respondi-me que ninguém havia aberto, porque eu não fechara

ontem. O mundo parecia virado, levantei-me como um sem sentidos.

SURPRESA

Arrumei-me com rapidez e saí, cumprimentei as crianças, elas levantaram e juntas responderam:

- Bom dia, professor!

Eu pensei: por que havia de ser bom, ao invés de um dia fatídico? No portão da escola, estava um rapaz com duas cartas, entregou-me e disse que a irmã não participaria do teatro, ponderou que seria importante que eu procurasse outra. Senti um fio de suor escorrer na testa e meu coração bateu mais rápido. Fingi calma, mas não conseguia. As crianças na classe ficaram sem respirar, ansiosas para saber o que aconteceria. Agradeci o portador e pus a carta na bolsa. Com sacrifício, entrei na cozinha. Joaninha veio à minha frente e, com raiva, perguntou:

- Como está teu coraçãozinho?

- O meu bate setenta e duas vezes por minuto, mas isso de ontem? Visita a cavalo?

- Ela quer ser artista, participar da encenação, mas não há lugar.

- Não é verdade, existe, sim, existe porque dois de ontem entregaram os papéis, agora ela vai tomar lugar...

Neste momento, alguém bateu à porta e a Joaninha correu para o armazém.

Fiquei sozinho. Hoje, no desjejum, não consegui engolir, o pão era duro, a linguiça era como a massa crua. Rápida, a fofoca é que nem um raio, correu na zona e, sem esperar, entrou com toda raiva nas atrizes amadoras, ficaram sabendo da cena de ontem ainda à tarde. Repetiam que estávamos namorando sem saber. Senti que o teatro ficou desfeito. Fiquei tão preocupado que, ao invés de pôr o café na xícara, derramei-o no açucareiro. A sorte que não havia ninguém ali naquele momento. Saí com um pensamento: com minha

perturbação, descobririam a minha mentira e eu teria problemas com minha cozinheira. Desastrado, derramar café no açucareiro dava para entender, mas também para aquecer as fofocas, porque estava realmente perturbado com um romance que ainda nem começara.

S.O.S. SOCORRO!

No caminho para Tapir, perto do mato, tinha uma grande horta e, no meio dela, um pequeno chalezinho novo. Na terra, tinham sinais de que o mato fora recém derrubado. No meio, tinha uma pessoa, às vezes, abaixava-se; outras vezes, endireitava-se. Na mão, tinha uma pá com que virava a terra. Pelos movimentos dele, podia adivinhar que não pensava em virar a terra, mas em outra coisa, alguma coisa mais importante.

Ferdynando Braszka, pensando em sua cabeça de jovem poliglota, falando em algumas línguas estrangeiras – ele falava seis línguas estrangeiras perfeitamente - homem inteligente, bom para ajudar em qualquer ocasião, foi um dos que ajudou a desenvolver tudo o que eu tinha em meu pensamento: cada pedaço de terra, pequeno ou grande, é igual, tudo depende da união. Todos unidos chegarão a um bom resultado. Nações também são unidas em dois elementos: o material e o espiritual. Essas duas palavras formam a nação. Na Floresta, destroem pontes e as estradas. Da parte material, os Maragatos arruínam e na parte espiritual, nós é que fazemos o possível para controlar e conservar.

Ainda há jeito para melhorar, mas não é fácil, custa muito e dá trabalho aguentar. Construir o futuro é difícil e com os Maragatos destruindo tudo e os problemas com a igreja polonesa e a romana. Divisão (nós e eles), problemas na Floresta e em todo o mundo. Conservar a união é difícil. É preciso aceitar o que se tem, podia ser pior. Cheguei até o portão, gritei como se fosse um navio afundando.

Braszka largou a pá e respondeu com tom de voz calma:

S.O.S. Socorro!

- O navio está consertado, vamos adiante. Temos ataques.

- Eu sei disso. As rosas formaram tempestade, a ventania já passou, respondeu calmamente.

- As moças entregaram os papéis do teatro.

- Elas já aceitaram de novo.

- Com que milagre?

- Os papéis estão no meu bolso. Vão se apresentar, respondeu o Braszka, estive na casa delas, benzi a tempestade e agora está tudo calmo.

No sábado, vamos apresentar a peça. Na última prova, saiu tudo muito bem, só a cortina não funcionou, ela engasgou. Tudo estava pronto, roupas, chapéus, bigodes, espadas.

No dia da apresentação, um dos atores não veio, parece que os Maragatos impediram a vinda dele. Eu precisei improvisar a parte dele, a escola estava cheia a notícia se espalhou aos quatro cantos da Floresta.

VISITA

Um dia, em uma tarde linda, 140 crianças cantaram o Hino da Independência. Neste momento, chegaram a cavalo homens da autoridade de Erechim: o Intendente e o Comissário das terras erechinenses, o inspetor das escolas e dois guarda-costas. Tiraram os chapéus e ficaram em continên-

cia, esperaram até terminar a ultima estrofe do hino. O prefeito dirigiu-se a mim. Eu saí para cumprimentar as visitas. O primeiro a entrar foi o Sr. Intendente. As crianças levantaram com as mãos em continência. O prefeito dirigiu-se a mim gentilmente, dizendo:

- Decidi visitar esta escola hoje. O senhor dá licença para ouvir os alunos? O inspetor com muito carinho começou a falar com os alunos para não assustá-los, o Intendente das escolas foi formulando perguntas sobre o que era Inconfidência Mineira. As crianças não souberam responder, mas quando eu perguntei quem era o Tiradentes, todos responderam. Liam e mostravam cadernos; outros faziam contas no quadro negro. O pior desempenho era sobre Geografia, pois os livros que nós tínhamos eram do estado do Paraná, o resto do Brasil não estava no mapa. Perguntaram sobre o rio na chegada em Porto Alegre. Ninguém respondeu, mas um disse que morava muito longe e que nunca estivera lá. O Intendente falou para o comissário das terras erechinenses que todos estavam tão absorvidos com a revolução que se esqueceram do ensino das crianças. No final, o Senhor Intendente proferiu um discurso em homenagem às crianças, pais, professor e ao grande país Brasileiro. O Senhor comissário das terras também falou e o mais importante é que ele me chamou pelo título: Professor. Daquele dia hoje em diante, pediu que eu enviasse cópias dos trabalhos, mensalmente:

- Consideramos a ti um bom filho desta terra pelo trabalho, esforço e pela dedicação. Prometemos uma pensão de 80 mil réis por mês por sua disciplina e entusiasmo com as crianças, o que não é fácil conseguir.

O inspetor das escolas, enquanto anotava os acontecimentos, não se cansava de elogiar o meu trabalho com as 100 crianças. Um guarda-costas veio e me falou ao ouvido para dar vivas ao Intendente e Comissário. Depois de terminado, bati palmas e toda a criançada estava em pé. Falei às crianças:

- Pela dedicação do nosso querido prefeito, Pedro Pinto de Sousa, levanto a voz em sua saúde!

As crianças em uma só voz gritaram:

- Viva o prefeito! Viva o Senhor comissário das terras erechinenses!

Os vizinhos em volta da escola apareceram nas janelas e portas, os ferreiros Studinski e Bertoldi pararam de bater a bigorna e saíram para a rua. Os guarda-costas conseguiram distribuir bastantes balas. As autoridades se despediram, reconhecendo e prometendo visitar a escola em tempo dos exames e foram embora.

Os mandatários de Boa Vista de Erechim deixaram boas esperanças para a escola da Floresta. Para mim, depois de falar com eles, fiquei bem contente com a boa promessa, esta é a segunda pensão do governo depois da visita, a terceira estava garantida pela sociedade dos pais dos alunos.

O PROCURADOR PULOU DA JANELA

A promessa da segunda pensão para a escola tinha outras divergências: primeiro, a abertura dos estudos pelo país e não pelos imigrantes; segundo, era para a escolha dos candidatos nas próximas eleições para prefeito da cidade. A nova promessa da pensão saiu como grande novidade. Uns aceitaram a notícia com satisfação, porque o governo viu com bons olhos, reconhecendo o trabalho dos pais para ter uma boa escolha de escola para seus filhos; outros, porque vão folgar os pagamentos extras para as lições de polonês. Aconteceram muitas contrariedades entre os pais dos alunos. Finalmente, chegaram ao acordo de reunir todos para tal reunião. Os pais e famílias de todos os alunos, muitos curiosos para ver seus filhos alegres, declamando, cantando, marchando e apresentando-se. Todos estavam falando e admirando, já que existiam tantas crianças. A maioria não se interessava pela reunião e por conselhos. Só desejava uma escola que funcionasse. Queriam ver suas crianças progre-

direm. Outros iam com os planos para aumentar a escola e conseguir outro professor. Compareceram para dar palpites, sem pertencer à sociedade escolar. Iam felizes com a ideia de fazer o bem, para impor controle com a pensão do professor, ao ponto de protestarem e não chegar a um acordo, se não fosse com as ideias deles.

Tempos antigos eram aqueles em que através das reuniões via-se a união, era povo de bom coração, hospitaleiro, trabalhador e desejavam o bem para todos. O que fazer com eles? É preciso reconhecer que os imigrantes de 1912, de Lublin, tinham sangue patriótico de alta cultura. Estes valores escondidos poderiam facilmente serem descobertos nas crianças brasileiras, mas, na primeira década, o que se viu foram machado, esforço e luta pela vida. Na segunda década, o medo da violência e dos roubos efetuados pelos Maragatos, a defesa do nome e da vida. Vinte anos de luta doíam aos bons homens de famílias em desespero, tudo ia por água abaixo, porém, mesmo assim, ainda havia humor e fantasia. Quando o sol brilhava no céu azul, encaminhavam-se para o trabalho. Esqueciam-se dos dias de maldição, pegavam o machado e derrubavam mato para um dia, um amanhã melhor. Para grande admiração, eles falavam bem a língua polonesa. Tinham um bom coração para retribuir os bens que recebiam com palavras ou através de ofertas. Trabalhavam em conjunto com o professor na educação dos filhos. Com frequência visitavam a escola para saber como ia o ensino e o avanço dos seus filhos. Sempre elogiavam o trabalho do professor e ensinavam as crianças para obedecerem a ele.

A visita das autoridades aumentou o valor da vila Floresta, pelo trabalho em conjunto, saindo, não se esqueciam de oferecer:

- Pedimos que nos visitem, sozinhos ou com os alunos, para recreação fora da escola. Esperamos toda a escola. Esperamos com almoço, nossas crianças iriam até o fim do mundo com o senhor.

Quando tudo estava transcorrendo numa boa conversa

entre os amigos, contando os dias passados, Parol olhou todos com ar de satisfação para saber se todos estavam aí. Depois se chegou a mim e falou baixinho:

- Peço que não se importem com o que será falado, eu garanto tudo.

O senhor Karpinski estava parado, parecia uma estátua atrás da mesa, Parol foi lendo os nomes, quem já pagara, quanto dinheiro tinha em caixa e quanto fora pago.

- Agora quem tem mais a pagar?

Os que tinham de pagar, levantaram e Tomasz Parol avisou:

- O caixa está bem. Depois de pagar as obrigações, restou ainda para dois meses. Como estou vendo, todos estão satisfeitos.

Aí o Kucharski tomou a palavra e disse:

- O professor está na escola dia e noite, não nos bares bebendo com os amigos. Depois do trabalho com as crianças, ainda tem a escola noturna para os adultos e o teatro. Se eu acho que todos estão satisfeitos? Pois sim!

- E como trabalha! Todos disseram.

- Peço a palavra! Chamou o homem que estava sentado no último banco.

O senhor presidente virou para o povo e com a voz bem baixinha, pedindo silencio, mas como não tinha um dente, então, sem querer, assobiou, resmungando que o senhor Gregório queria falar. Os convidados prestaram atenção e houve silêncio. O presidente falou para o homem para manifestar-se. O Gregório levantou-se e ameaçou falar.

- Senhor professor, como eu estou sabendo, foste contratado por 150 mil réis, é ou não é?

- Sim, todos responderam.

- Recebeste ou não recebeste?

- O senhor secretário paga regularmente.

Quando se acalmaram, o palestrante fez uma postura de procurador acusador.

- Quem o autorizou a receber a pensão do governo por ele mesmo?

- Eu não, eu não! Todos falaram ao mesmo tempo e todos ficaram surpresos.

- Estão vendo que ninguém, ele sozinho se governa em nossa sociedade. Recebe dinheiro e guarda no seu bolso. Alguém já viu isso? Ele recebe três vezes, levantando as mãos para cima e contando nos dedos: ele recebe da sociedade, da prefeitura e do governo do estado. E tu, pobre colono, tens que pagar para cada criança.

Uns ficaram surpresos com a conversa do Gregório, outros estavam fervendo de raiva e outros ainda acreditavam que o Gregório estava abrindo os olhos deles.

O procurador continuou:

- O dinheiro do governo deveria vir para a sociedade e ser controlado pelo presidente e seus auxiliares...

As pessoas ficaram perturbadas, questionando se o professor seria capaz de fazer tamanho ultraje contra a escola? Dorosz levantou-se e disse:

- Sr. Parol, explique a esta boa gente como é realmente.

- Se todos querem, eu digo a verdade, falou o secretário.

- Conte-nos, estamos ouvindo, Parol falou.

- Quando organizamos a escola, nós contamos apenas 35 alunos. Comunicamos a pensão de 150 mil réis. O professor veio e hoje, na escola, temos 114 crianças. Trabalha três vezes mais o que nós tínhamos planejado. Não recebe nada a mais. Então, quem é mais prejudicado, nós ou ele? Porque a sociedade tem lucros sobre ele. Nós pagamos pelo ensino da língua Polonesa para nossos filhos. O governo paga pela língua Portuguesa. Ele tem diploma de professor e ele tem direito da pensão do governo, compreendem? Esta é a verdade. Se o senhor tem qualificação, vai ao governo e pede também a pensão. E outra coisa, o senhor não manda as crianças para a escola e não tem nada a reclamar.

O Gregório pulou e disse:

- Não isso, mas para mandar Karpinski, disse, batendo no peito.

- Eu mando, eu sou presidente e não o senhor. Sr. Matysz paga, o Parol controla. Estás ouvindo!

- Protesto! - gritou o Gregorio - eu e todos! Hoje previno, para que não seja tarde. Então ele vai receber a pensão que não tem direito. Eu estou exigindo uma votação secreta. Outra coisa, controlar o dinheiro que vem do governo. Põe esses dois itens para votação do povo.

- Pois, espera, falador! Levantou a senhora Barszova, abrindo seu guarda-sol - És um falso procurador!

Atrás dela saiu a Veviurka dizendo:

- Vamos dar uma surra neste cachorro!

O senhor Gregório, vendo as coisas pretas contra ele, decidiu pular a janela e desaparecer. Parol agradeceu às mulheres que o fizeram desaparecer do meio da reunião na escola e convidou a todos para tomarem um copo de vinho em comemoração por espantarem o inimigo.

FUGA DO SERTÃO

Szulc com seus filhos estava preparando a mudança de Tapir para Floresta. Era preciso fugir do ninho dos Maragatos, pois aquele lugar era um deserto e pertencia aos refugiados bandidos. Ele estava apressado com a mudança de sua casa, enquanto estava transportando- a com um carretão, com ajuda de bons amigos, as rodas de trás caíram na valeta, as vigas, que eram muito compridas, numa curva fechada, saíram fora. Para sair da valeta, houve muito trabalho, os cavalos lutaram, mas o carretão não saía do lugar.

Tentaram de todo jeito e nada conseguiram. Decidiram esvaziar a carroça, mas quando conseguiram desatar as correntes, no exato momento, chegou com um grande carretão o senhor Cebulski, que parou e gritou:

- Então tu atolaste?

- As rodas de trás quiseram encurtar o caminho e olha o que aconteceu!

- Espera, disse Cebulski, eu vou te ajudar a sair do buraco. Atrelou seus animais à carroça do Szluc. Quando tudo estava pronto, o Cebulski só deu um grito:

- Firma!

Os animais pegaram todos juntos e o carroção saiu na estrada firme.

- Pelo trabalho e gasto que tu tiveste para mudar a casa, era melhor que tu tivesses comprado armas e atropelado os bandidos e não fugido.

- Os Maragatos podem ficar sossegados, eu não quero ser um assassino.

- Quantas vezes tu ainda tens para transportar a tua casa? Na quarta vez, eu acho que trago o resto.

- Amanhã vamos lá buscar o resto da tua casa.

O Cebulski era do tipo que prometia e cumpria, trouxe o resto da casa, assim ajudou o amigo. Para construir a casa, vieram os amigos Kucharski, Karpinski e Czapla.

Nicolau se ofereceu para fazer o poço, porque a nascente de água ficava longe de casa. Ele conhecia o lugar onde o poço poderia dar bastante água através de um instrumento de aço. No primeiro dia, encontrou pedras, mas no terceiro, ele começou a fazer buracos e colocar dinamite para arrebentá-las. Depois de uma semana, encontrou água, o poço já tinha a fundura de 3 metros.

- Se água desaparecer, eu vou afundar mais o poço - disse Matysz.

Conseguiu um pedaço de terra e construiu uma pequena casinha, era uma espécie de galpão para guardar mantimentos e uma estrebaria para animais. Um dia, apareceram amigos com carroças de mantimentos. Também o senhor Cebulski com sua carreta cheia de milho veio. Começou ajudar para pôr tudo em ordem e fazer um bom jantar para os voluntários, ajudantes que fizeram tudo para começar nova vida.

Joãozinho trazia um cachorrinho na corrente e Mariazinha tinha um gatinho no colo. Ela andava em volta da casa para ver as novidades, mas o gato ficou assustado com tanto movimento de gente estranha e pulou dos braços da Mariazinha, fugindo para baixo da casa. Mariazinha foi embaixo da casa à procura do gato chamando Kiti. O gato, assustado, nem quis ouvir a Mariazinha e, num pulo, saiu debaixo da casa e, sem perceber, o poço, caiu dentro.

A mãe deu falta da menina e disse:

- Onde está Mariazinha?

Ninguém sabia.

- Há poucos minutos estava aqui, mas agora onde está?

O senhor Szulc pensou e olhou dentro do poço, a água estava agitada e ele viu claramente a cabeça branca, gritando logo:

- Socorro! A criança caiu no poço - e correu em busca de uma escada.

O posseiro Matysz sabia certo da fundura do poço e, sem pensar, pulou no poço à procura da menina, entretanto não encontrou nada. De repente, ele ouviu o miado do gato.

- Isso não é o choro de criança! Logo sentiu dor nas costas e na cabeça. O gato pulou nas costas do Matysz e usou todas as unhas para não cair de novo na água. O gato usou todas as forças para se livrar do poço e dali saiu. Deixou o pobre do homem com profundos ferimentos.

- Procura a criança, por favor, que ela esteja viva, oh, meu Deus!

Todos estavam em volta do poço, à espera de tirar a criança viva. A mãe estava preocupada com a demora e acabou desmaiando, mas a Mariazinha se escondeu embaixo da escada e observou as pessoas agitadas às voltas do lugar, vend o gatinho todo molhado e gritando desesperada:

- Eu quero meu Kiti!

Uma das mulheres pegou a criança no colo e se ajoelhou perto da mãe, desmaiada, massageando-a com vinagre, para fazê-la reviver.

- Levanta, nada aconteceu à criança, ela está aqui e viva.

A mãe abriu os olhos, estendeu os braços e apertou-a contra o peito. Matysz saiu do poço todo ferido e uma das mulheres fez curativos no homem, depois levaram o Matysz para um médico, o único na Floresta.

Capítulo XIII

Festa

Toda semana, todos os dias, soltavam rojões, o que fazia parecer uma guerra, tudo era feito pelo senhor Wawszyniec Dorosz. Albert Szulc era o festeiro, era em homenagem a Santo Antônio.

O Szulc estava ajudando em tudo, como bebidas, brinquedos, barracas e churrasco. Os italianos também participavam em tudo. Certo dia, antes da festa, veio o Szulc preocupado.

- O Senhor Padre Cyril Stroka espera em Paloma, espera para assumir o lugar na Floresta, a decisão foi do padre de Paiol Grande.

- A comissão deve pedir, aconselhei.

- O Senhor pode escrever a carta e eu vou...

Escrevi. O Szulc foi e voltou aborrecido.

- O que tem autorizado? , perguntei curioso.

- Nada, respondeu o homem cansado.

- Por quê?

- Disse que o professor não é autoridade.

Era preciso que a comissão assinasse a capela. Szulc, com pressa, voltou e foi ver o padre, que era de Erechim e que estava permanente no lugar. Quando passava perto do Hotel Welker, no caminho de Paloma, vinha com passos lentos num velho mulo, um humilde Franciscano com a pequena mala de roupas, era tudo que ele tinha. Passou a cidade de Erechim sem permissão do padre só para servir aqueles que eram desamparados, há dez anos ou mais sem ajuda espiritual, o que desejavam há muito.

O padre Cyril estava fazendo missão para fortalecer as almas carentes. Eram caboclos há anos desamparados, polo-

neses há tempos esquecidos, estavam à espera de um padre para confortá-los. Quando o padre Cyril chegou à vila dos Poloneses, foi recebido com alimento e descanso. Antes, ele passou fome, dormia em capelas, por isso ele trazia na mala um cobertor para se proteger do frio. Era humilde e ajudava os pobres a resolver seus problemas. Todos o admiravam e, por isso, chamavam-no de Padre Santo. Ele era como um apóstolo da igreja.

Num dia de festa, os poloneses pararam à frente que fora construída pelos primeiros imigrantes Poloneses com o nome de Nossa Senhora de Czestochova. Depois, os Italianos tomaram parte, colocaram o Quadro da Santa da Polônia para um lado, não mais no altar. Os Poloneses não reagiram, pois sabiam que a Santa era mais forte do que todos os santos. Os Poloneses decidiram ajudar, e não perturbar.

A festa continuava a todo vapor. Parece que os Italianos nasceram debaixo de uma estrela barulhenta. Eles conseguem cantar e brincar com vozes bem altas. Reúnem-se em grupos, comem carne, tomam vinho e cantam com diversas vozes, chamando por mais vinho. Eu não gosto de festas, achei isto perda de tempo e dinheiro porque no dia seguinte o que fica é a ressaca.

Voltei para casa, comecei a ler, mas o barulho dos rojões não me deixava em paz. Fechei o livro e saí à porta. Na esquina do senhor Malinowski, avistei um cavalheiro com os cabelos soltos nos ombros. Era ela, estava na festa. Neste momento, mudou tudo para mim. Não tinha mais tristeza, nem solidão. Precisava ir, pois ela estava na festa. Fui até o espelho para me barbear, mudei as botas por um sapato festivo, troquei a roupa e pus a gravata.

Perto do portão de entrada, avistei três pessoas: pai, mãe e filha. O senhor Bianco entregou-me um litro de vinho puro e disse para que aceitasse. A Flora, como nunca, era linda, estendi a mão para cumprimentá-la e disse:

- Entrem , por favor...

Eles entraram, Flora sentou num banco, olhou para mim e disse:

- Mais uma aluna.

- Esta é uma aluna especial.

Os pais da Flora olharam em volta das classes, olhando os quadros, o mapa. A mãe de Flora perguntou-me quantas crianças eu tinha nas classes. Respondi que havia mais de cem inscritas e que frequentavam. A senhora ficou surpresa e disse:

- Isso dá dor de cabeça, tantas crianças.

- Nem sempre, às vezes, uma aluna dá mais dor de cabeça do que cem - e olhei sem querer para a aluna do momento, mas logo me dei conta de que errei e fiquei ruborizado. Queria ser outro no momento. A família Bianco estava de saída, desejando-me sucesso no meu trabalho. Flora estendeu a mão e disse achar que eu já estivesse acostumado com o vinho.

- O senhor não gosta de festa?

- Gosto!

- Venha conosco para comer churrasco.

Ao ouvir o convite, pensei e resolvi voltar. Flora respondeu-me:

- Quem gosta de solidão, então, sente-se bem sozinho - e foram andando. Entrei nos meus aposentos e comecei ler um livro com o título Cem anos na prisão, naquele momento o título era bem adequado para mim, e fiquei imaginando a minha solidão. Na porta da frente, ouvi passos e vozes de duas jovens...

- Não é possível que ele tenha se escondido... Tanta gente que veio de longe e ele tão perto e não vai a esta linda festa!

- Seu mestre! - ouvi a voz conhecida. Saí à porta e lá estavam Krystina e Flora. A conversa seguiu bem animada, elas oferecendo números de jogos da festa, mas neste momento, um grupo de homens interrompeu a conversa, eram Kucharski, Parol e Braszka, Matysz, Dorosz e Kzyzaminski com conversas bem alteradas.

Eu respondi que só havia comprado um número de jogos da festa, um deles me olhou e disse que eu tinha bom gosto, mas que deveria escolher apenas uma das jovens. Todos gritaram para voltar à festa. Os Italianos continuavam bebendo e cantando. No fim da tarde, todos começaram a se retirar para as casas, voltando como podiam. Os de mais perto voltavam a pé; os de mais longe, com as carroças.

A MORTE DO SENHOR CEBULSKI

Paulo Cebulski, na festa, comprou duas mulas ariscas, uma delas era a teimosa, dava coices e mordia. Cebulski, voltando de Paiol Grande, trazia sal, açúcar e muitas encomendas. No caminho, deixava para pequenos comerciantes. Já em Vila Floresta, havia uma pequena ladeira, na subida, ele bateu na mula xucra que comprou e adicionou no carretão. Em certo momento, descuidou-se e caiu no meio dos animais, ele ficou pendurado nas correntes que os atrelavam. Os animais, vendo a subida, apuraram os passos. Cebulski gritou por socorro, assustou as mulas e elas apuraram mais os passos. Em poucos metros, ele conseguiu se livrar das rédeas e caiu, por azar, debaixo da roda do carretão, que passou em cima da cabeça.

Uma senhora que morava perto do local do acidente, chamou por socorro. O Cebulski retorcia-se de dor, chegou gente. Dona Tereza estava limpando o sangue do rosto do infeliz homem. O sangue jorrava da boca e do nariz. O senhor Matysz conseguiu segurar os animais e em seguida mandou chamar o médico. Quando o médico chegou, o Cebulski já estava sem vida. Perto da cabeça dele, puseram duas velas e Cebulski descansava.

As crianças saíram da escola e encontraram o pai sem vida. Eles puxavam as mãos e chamavam-no, pedindo para que levantasse. Todas as pessoas em volta ficaram pesarosas com o acontecimento que vitimou o pobre homem. Ergueram

o corpo e puseram-no na carroça, levando até Paloma, para a casa onde morava.

À noite, fui visitar a família do falecido. No meio do mato, existia a casa da família, hoje, silenciosa e triste, era o luto. Todas as pessoas presentes estavam pesarosas pela família enlutada. Apareceram os cantores, mas dessa vez, o Cebulski não ergueu a voz, estava dormindo o sono eterno. No grande galpão, os amigos começaram a fazer o caixão.

No dia seguinte, um grupo de amigos e crianças da escola acompanharam o pai e bom amigo. O Szymaninski fez a encomendação do corpo dedicando a sepultura!

Capítulo XIV

Casamento

O movimento da revolução silenciou. Vinham alerta de que os pontos de encontros mudavam de lugar seguidamente. Começaram em Santa Catarina e no Paraná e depois foram até São Paulo, repelidos para o Mato Grosso pela polícia, mas veio a notícia de que o Rio Grande do Sul estava começando a ferver, porém, antes disso, existiram momentos felizes. O jovem Mietk Kartaszka encontrou, perto da capela, a jovem Dorotea Piranicka. Ao primeiro olhar, tudo fazia crer que eram feitos um para o outro. Tamanho amor, beleza, idade e consentimento dos pais. Não havia razão para prolongar. Todos começaram a preparação do casamento, pois a jovem era a única filha da casa.

A Veviuska começou a preparar o menu, correndo para todos os lados. No final, teimou que seria a filha dela...

- Já que o professor não quer aceitar ser o acompanhante do noivo, disse a noiva preocupada.

- O quê?! Gritou a cozinheira - meu filho teimoso? Deixem para mim e eu vou conversar com ele, ele tem três dias para pensar.

Eu não tinha nem conhecimento do que um rapaz como eu ia fazer no casamento, se cantar, ou acompanhar o noivo, ou a noiva, ou só assinar a ata, ou ainda servir as mesas, mas com a Senhora Weviuska, a cozinheira, que me considerava como um filho, eu estava seguro que faria tudo certo.

Saiu o cortejo de carrocinhas com o casamento em direção à igreja em Paiol Grande. A noiva estava linda e eu sentado perto dela, ela parecia estar orgulhosa, começamos conversar e eu elogiei Weviuska, dizendo que sem ela nada

saía bem, ela sempre planejava tudo com muita coordenação, na hora certa, com o menu bem pensado. Eu disse à noiva:

- Você sabe que ela me beijou?

- Sei, sei, não foi só ela que o beijou...

- Ela fez isso porque eu sou parecido com o filho dela.

As carroças iam vagarosamente, às vezes mais rápidas. Os conhecidos abanavam com as mãos em sinal de cumprimento.

MANGUÁS E CARABINAS

Nas horas da tarde, o Eduardo, que foi escolhido para cuidar das coisas dos convidados, veio com o garrafão de caninha e ia bebendo noite adentro, pois todos estavam se divertindo, dançando e eu fiquei no seco e acordado.

Eduardo, mais uma vez, gritou:

- Saúde!

Depois da meia noite, olhou por tudo, procurou em volta da casa, tudo estava em ordem, tomou o resto da caninha e trouxe três tipos de armas para espantar ladrões, se viessem. Trouxe para perto da cama o manguá, a foice e a carabina. O manguá para poloneses; foice para caboclos e carabina para Maragatos. Ele se armou com um real arsenal.

- Quem quiser que venha, ou todos juntos, eu me defendo muito bem!

Já eram altas horas da noite, ele estava convencido de que os Maragatos estavam dormindo.

JÁ PASSOU A NOITE E VEM O DIA - VAMOS EMBORA

O Senhor Matysz sempre inventa as artes para os amigos. Ele foi à carroça do Dembinski, levantou- a e mudou as rodas, as da frente, colocou atrás, as detrás, na frente, que eram mais altas. Depois, veio à cozinha e disse que era cedo ainda para ir embora.

- Você viu um lobo? - perguntou o Veviuzka.

- Não o lobo, mas a mulher do lobo, respondeu Matysz.

Todos queriam ir embora, mas os donos da casa começaram a dizer para que ficassem mais um pouco. Dembinski trouxe os cavalos para atrelar à carroça, mas não estava certo. Ele insistia que não estava bêbado, era impossível não acertar, não atrelar os cavalos.

- Ontem, tudo estava plano e hoje parece ondeado e eu sei não houve terremoto, mas se eu sair, quem sabe, tudo volta ao normal...

Os convidados despediam-se não sei quantas vezes... Sempre havia um "mais um pouco, mais uma valsa, mais doce, mais vinho"... A Senhora Veviuzka me deu um embrulho e disse:

- Toma, filho, isso é pela tua obediência.

- Mãezinha, disse surpreso, se for isso, podes me convidar mais vezes.

- Estás contente? - perguntou Veviuzka.

- Certamente que gostei muito da ideia. Eu sempre tive certeza que tu és um bom filho e de boa família. Dorota sempre te elogiou, não és um tímido, como estão falando.

A noite já desapareceu e o dia apontou, a Senhora Dembinski sentou na carroça e a filhinha perto dela, sentadas, viradas para trás, e chamava o marido para que atrelasse os cavalos e fossem para casa. Gritava que não estava escuro para ele não visse os cavalos, gritava a Senhora Dembinski revoltada.

- Senta que nem gente civilizada! Eu estou vendo que a carroça está para frente dos cavalos e não para trás. O Sr. Dembisnki subiu na carroça. Eu estava sentado perto dele assustado. Ele gritou adeus e mandou os cavalos saírem. A carroça rodou uns passos:

- Josef! - gritou Dembinski - O que está acontecendo? Estás virado do avesso?

- Senta mulher, senta como gente, sê calma! Vamos cavalinhos!

Malysz Gebinskim já levou os cavalos para o lado vazio da

carroça. O responsável pela confusão concordou em segurar os cavalos pelo cabresto.

"Parem quietos", gritou ele aos cavalos. _ "Logo irão galopar".

O carroceiro mexia com as redais e gritou:

"Não consigo ver a ponta do palo, somente a barra que o atravessa".

"Mova o cabeçalho", disse Malysz, dando gargalhadas.

Gebinski estava batendo com um machado no anel metálico que segura a roda, a qual logo caiu no chão juntamente com o cabeçalho. Ele arrastou o cabeçalho ao lado oposto da carroça. Ajoelhou-se e tentou reconectar o cabeçalho a carroça. Ele resmungou por um tempo e depois gritou: "alguém desparafusou esta parte e não tem como reconecta-la… 'droga'".

"Temos que mover esta parte para este lado também para que possa encaixar no cabeçalho", sugeriu Malysz num serio tom de voz.

O Debinski voltou, e agachado batia sem efeito. "Não estão saindo, precisamos de um ferreiro".

"Studzinski" – gritou Malysz. "Stasiek! … chame o Stasiek".

"Ele já está dormindo por muito tempo", gritou Wiewiorka. "Ele foi para casa a meia noite. Sabe o que? Tome um trago desta bebida (vinho temperado) e teu cérebro se iluminará tal qual o sol que logo nascerá".

O Gebinski disse: "Dê-me um pouco! Alguém me pregou uma brincadeira de mau gosto!"

"Quem seria a não ser Studzinski!" _ Gritou Malysz, parado próximo aos cavalos. Gebinski falou: "A carroça sempre andou muito bem, e hoje, esta como se estivesse encantada: não se move nem para frente nem para traz".

Para esconder sua risada, Malysz falava com os cavalos: "Parem quietos, suas bestas! Devagar".

"Senhor professor" - gritou Gebinski – "você que ensina a

todos, dê-nos uma ideia sobre o que devemos fazer com esta carroça".

"Meu Deus" – respirei fundo – "como posso endireitar esta gerigonça? Posso ensinar pessoas a ler e a escrever a pessoas que podem pensar, porém não posso ensinar um objeto como uma carroça como deve andar".

"E eu que pensei que o senhor soubesse de tudo". - disse Malysz brincando. Sua risada fazia seu esparso bigode tremer. "Piwnicki! Estou te dizendo para mandar alguém buscar Studzinski para que desfaça o que ele fez" – Ele enrolava o cigarro enquanto os cavalos estavam parados com suas cabeças baixas.

"Ah!" gritou Glebinski com satisfação. – "Studzinski levou minhas rodas grandes e deixou as pequenas no seu lugar; por isso é que estava com tanta pressa para ir para sua casa. Ele terá que me pagar, ou se haverá comigo. Piwnicki, empresteme a roda da tua carroça". Eles tiraram os parafusos da base e colocaram rodas diferentes. A carroça está parecendo uma caixa deformada. "Que acontecerá agora? – gritou Gebinska. – "Será que tenho que usar uma escada quando tiver que subir e descer da carroça"?

"Espera só, pagaras por isso!" – bradou o carroceiro. "Coloque as rodas menores na carroça. Deixe que o Studzinski o faça". – gritou Malysz. Wiewiorka notou o mau funcionamento das rodas e disse um palavrão.

"Tem tantos homens aqui e nenhum pode colocar as rodas nesta estupida carroça".

"Sabemos nos como coloca-las, mas nada encaixa de maneira alguma".

"Só o que deves fazer, é trocar as rodas pequenas para frente da carroça".

Eles acataram a sugestão. Agora a carroça estava na posição correta.

"Sim, mas porque as minhas duas rodas devem ficar aqui?" – perguntou Gebinski.

"Coloquem as rodas na carroça" – ordenou ele, confund-

indo ainda mais a todos. - Depois de troca-las lá no Sdudzinski, poderás leva-las ao Piwnicki amanha".

"Porque e que minhas rodas devem ficar aqui?" "Mas a carroça do Piwnicki esta sem rodas".

"Fique com minhas rodas" – retrucou Gebinski.

"Eu prefiro as minhas", protestou Piwnicki – "Não darei as minhas nem tampouco aceito as rodas de estranhos".

"Se não queres ir de graça amanha, devolve imediatamente as rodas". – gritou Mikolaj,

Escondendo sua risada atrás de uma falsa brabeza.

"Finalmente eles entraram em acordo". – Wiewiorka parou de argumentar – "mas tu estas ou bêbado ou louco!"

"Ambos" - confirmou Mikolaj e riu contente.

"Nos? Loucos?" – gritou Glebinski, ofendido. – "E este "serviço" aqui, de quem é, senão teu? Tu tens usado Studzinski para encobrir suas pegadas enquanto ria-se de mim por uma hora".

Ele pulou na carroça e pegou um facão.

"Deixe disto!" – gritou Wiewiorka, pondo-se na frente de Gebinski, o qual, com seus olhos fechados, se aproximavam do Malysz.

Familiarizada com o mau temperamento do esposo, Katarzyna pulou da carroça e junto com Piwnicka e Wiewiorka, separaram o homem armado do Malysz gritante: "Acalme-se em nome de Deus!" Estas tentando usar uma faca contra uma pessoa inocente? Para que? "Ninguém sabe quem causou este dano a tua carroça desse jeito".

"Quem?" – gritou Gebinski apontando para Malysz "é aquele pequeno miserável".

As três mulheres imploravam ao sujeito armado com mais intensidade: "Entregue a faca!"

"Não dou" – enquanto afastava-se das mulheres. Para livrar-se do cerco, ele acabou no canto perto da cerca, atrás do celeiro.

"Temos que tirar a faca dele. Este bêbado e não sabe o

que esta fazendo". – Wiewiorka dirigiu-se a Malisz gritando: "Você é homem; tire esta faca dele!"

"Eu prefiro pegar um touro pelo rabo do que pegar este homem por sua mão direita", gritou Malysz, surpreendido e preocupado porque sua pequena brincadeira de mau gosto tomou tamanha dimensão.

"E realmente fácil, mas tu tens que pular quando ele fechar os olhos" – avisou Wiewiorka – "Só então poderás tirar a faca dele".

Malysz começou andar para o lado e se prepare para saltar, esperando o momento oportuno quando Gebinski cerrasse os olhos. De repente, Malysz desistiu do intento.

"Que? Estas com medo?" – Falou Gebinska –"Quando ele fechar os olhos, pule. Não tenha medo!"

"Não creio" – disse Malysz, resignado – "Quanto mais ele fecha seus olhos, melhor ele enxerga. Além disso, ele quer atacar Studzinski. Porém a uma distância de alguns quilômetros, ele não pode fazer nada. Deixe que ele abane a faca no ar".

"Tem certeza que foi o Studzinski que causou tudo isto?" - Agora, ele abriu mais um pouco seus olhos brilhantes. "E quem mais poderia ter sido? – retrucou o brincalhão.

"Se isto for verdade, porque estão me encurralando assim? Heim?"

"Queremos que tu te livres da faca".

"Não ha razão para atacar, portanto, pegue-a e coloque na carroça".

O sol estava aparecendo assim como o fez ontem. Ele segue a mesma órbita e adiciona um novo dia. Eu estava começando a sentir remorso e pensando se as últimas vinte horas não tinham sido uma perda de tempo.

O sol era como um diamante queimando no claro céu azul do Rio Grande do Sul. Estava ao mesmo tempo ambos, aparentemente sem se movimentar mas ao mesmo tempo andando. A terra embaixo estava quieta, sem se mexer, ainda um pouco tonta, sonolenta, parecendo estar impedida.

E necessário tirar vantagem de cada momento de nossas vidas neste piscar de olho que constitui a vida humana.

VOLTA

As rodas rangeram e não saíram do lugar, pois alguém havia mudado as detrás para frente e as da frente para trás. O Dembinski insistia com os cavalos, mas nada conseguia. Desceu da carroça e olhou embaixo e, no final, viu o problema. Tudo estava em ordem, só os cavalos foram atrelados ao contrário. Mudaram os cavalos.

- Pensem bem! - gritou o carroceiro no escuro, todas as vacas são pardas!

Uma senhora trouxe uma jarra de vinho e disse:

- Tomem que tudo se ajeita!

Finalmente tudo foi esclarecido, fora uma brincadeira que sempre faziam nos casamentos. Nos tempos antigos, os imigrantes Poloneses faziam essas festas de dois dias, comendo e dançando sem parar.

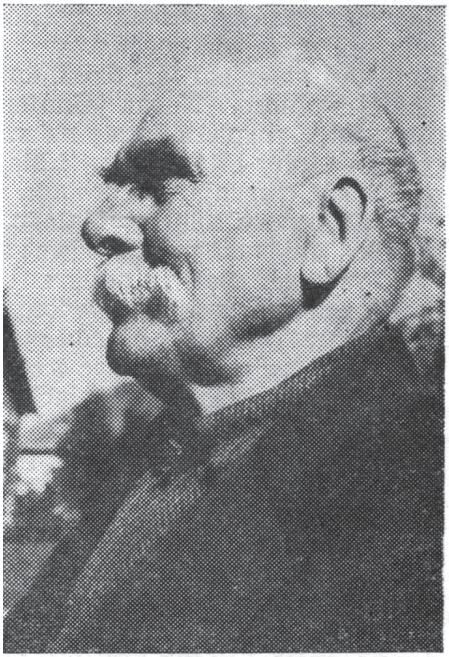
MOINHO NA SELVA DE PALOMA

Paloma era um lugar de pequenas montanhas e de mato fechado, onde se abrigavam muitos malfeitores. Era uma floresta fechada com grandes árvores e no meio alguns gigantescos pinheiros que pareciam guardar a selva. No meio da selva tinha um pequeno rio que logo se encontrava com um riacho, chamado Tapir.

Na selva têm muitos animais selvagens, principalmente capivaras. Elas gostam de onde tem um rio, pois se escondem dos caçadores e dos cães. Elas são parecidas com as pequenas porquinhas selvagens e têm o rio como um esconderijo. Às vezes um cão late, ou se ouve um tiro de espingarda, ou um toque de corneta, então todas correm para o rio Paloma. Lá elas sentem-se protegidas.

Naquela selva, vivem pessoas e índios. O índio sente-se

dono da selva, mora em barracos na beira do rio, selvagem, esquecido por todos, mas sem problemas porque vive ao léu. De repente, chegaram imigrantes de linguagem diferente, mandados pelo governo, fazem suas moradas para sempre, tiram-lhes a liberdade e tiram os tapires e capivaras. Então começa a crescer o ódio, porque eles querem ser donos das terras que era até então dos índios e estes querem vingança. Chegou um tempo que os imigrantes se defendiam da perseguição, pois eram cristãos e não conseguiam imaginar-se maltratando os índios, sabendo que seriam obrigados a viver juntos.



Jurkowski

Continuando as revoluções, os índios se preparavam com boas armas e carabinas. Armas perigosas e de longa distância, e os imigrantes ficavam quietos nas suas barracas. Muitas vezes tiravam a vida dos imigrantes porque estavam nas terras deles.

No meio da selva, morava um tal Gaudêncio, perigoso assassino, ele aproveitou a coragem e destreza dos índios. Atacava as famílias e tirava tudo o que tinham. Bem colocado, o caboclo conhecia tudo e todos naquela região. Tinha muitas mulas que nunca comprou. Transportava feijão, milho e miudezas. Trazia em troca algo de comer e algumas roupas para a beira do rio Paloma. Alguns imigrantes poloneses começaram a progredir. Alguns cansados de trabalho

duro, sem ter certeza de colher algo, abandonavam e fugiam para a próxima cidade.

Perto da vertente do Paloma moravam os poloneses, já bem arrumados, eram Jose Zselag, Jam Szymacha, Jadezak Tartas, Jadczar Biedacha, Zuk Socruk e Shule. Na divisa de Tapir e Paloma morava Wojciech Jorkoski, baixo, mas bem instruído homem. Tinha pequenos olhos, redondos e frios, diziam de grande coragem. A terra era fértil, tudo o que plantava crescia vigoroso, mas os papagaios, macacos e porcos selvagens se associavam em todas as plantações. Depois de construírem a estrada de ferro, Jurkoski decidiu construir um moinho aproveitando uma pequena cascata do rio Paloma. Há muitos anos sonhava em construir um moinho lá. Tinha grande movimento de carroças, chegando e saindo. Ele tinha muita farinha, um verdadeiro produtor de farinha. Os colonos tinham pão com mel porque lá e a terra era fértil, tudo o que se plantava dava bom resultado.

O Jurkoski por alguns anos cavou um canal para pegar água de longe e fazer funcionar o moinho. Quando encontrava pedras, botava dinamites para estourar. Trabalhou bem duro ate conseguir água, fez um canal de madeira e a roda também. A água veio com força e o moinho começou a moer o trigo e daí saiu a farinha cheirosa. Toda a redondeza vibrou, todos os colonos da região de Paloma e Tapir. Todos disseram que a farinha era boa. Traziam o trigo de todos os lados. Os índios traziam milho, mas a farinha de trigo eles preferiam comprar. Não gostavam de colher o trigo, pois, ao cortar, tiravam lascas dos dedos.

No estado do Rio Grande do Sul, havia brigas entre dois partidos, Chimangos e Maragatos. Sempre que tinha revolta, o governo chamava todos para defender a lei. Depois acalmava os que iam para a guerra e voltavam com todas as armas para casa. Esperavam a próxima revolução, então se reuniam em grupos de desordeiros, bem armados, atacavam os colonos imigrantes. Eram só os primeiros tiros serem dados e já começava a batalha de novo. O governo preparou-se

para o próximo ataque e procurou saber onde os Maragatos estavam. Bem armado, o bando usava o lenço da cor dos adversários para confundi-los. Uma vez o governo usava lenço verde, outra vez usava lenço vermelho que era dos Maragatos, usavam dois lenços no bolso para enganar os pobres colonos.

O chefe dos Maragatos era o valente Gaudêncio. Com seu piquete, chegou ao moinho do Jurkoski, ele pensava que os imigrantes tinham muito dinheiro. Com enormes rifles apontando disse para entregarem o dinheiro. O moleiro vendo o perigo de vida puxou a gaveta da mesa:

-Aqui é tudo o que tenho. Não tenho mais porque comprei bastante trigo, ainda estou devendo.

Deu a eles 100 mil réis. Não acreditaram, amarraram o Jurkoski, levaram o seu genro o qual estava preparando o vinho para vender. Destruíram tudo dentro do moinho a procura de dinheiro e por maldade rasgaram todos os sacos de trigo e derramaram todo o vinho. Cortaram todas as correias de peneirar trigo, quebraram tudo o que era de madeira procurando dinheiro.

Amarraram o genro do Jurkoski e levaram para a beira do rio Paloma. Gaudêncio trouxe o Jurkoski, amarraram-no em uma árvore para ser testemunho do que iria acontecer com o genro dele e deu ordens que o desamarrassem para ver se sabia nadar. Começaram a embalar segurando mãos e pés e o jogaram no rio. O jovem Martin já pensava como aguentaria sem fôlego dentro d'água e jurou vingança se saísse com vida. Jurkoski estava tenso e o rosto dele começou a avermelhar, desejava se livrar, mas sem conseguir, o desejo de vingança tomou conta do coração dele. Nunca vou perdoar, pensava Jurkoski se eu puder me livrar. Nisto o Gaudêncio mandou jogar o corpo do Martin no rio. O genro do maleiro desapareceu dentro d'água. O jovem Martin deu um mergulho e saiu no meio do rio e foi nadando para o outro lado, no meio começaram as ondas que levava, e ele se defendia como podia. Quando recobrou um pouco de fôlego e foi se aproxi-

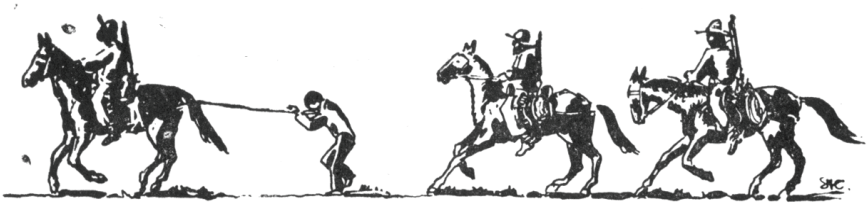
mando do outro lado do rio, Gaudêncio pegou na carabina e desfechou um tiro na cabeça do infeliz Martin e a cabeça desapareceu deixando manchas de sangue.

Jurkoski vendo tudo aquilo parecia sonhar. Baixou a cabeça e alcançou o laço duro que estava amarrado. Tentou cortar com os dentes, então começou a sair sangue dos lábios, que escorria ate os pés. Sentou-se na terra onde aconteceu o terrível assassinato. Terra rica onde criou sua família, na beira deste rio. Lá nasceram os filhos dele, cresceram e encontraram a infelicidade. Sem culpa, caíram nas mãos dos assassinos. O pobre do Martin ficou sepultado no fundo do rio Paloma e vai murmurar pela eternidade, silencioso pelos tempos de seca e alto nos tempos de chuvas. O direito pelo amor da terra pagou com o próprio sangue inocente.

Dolorido e judiado o maleiro Jurkoski chamou as autoridades de Paiol Grande para proteger a vida da família. Veio um contingente da polícia e prendeu o assassino, mas logo ele estava em liberdade novamente por falta de provas oculares na hora do assassinato.

JOSEF SZELAG, HUMILDE TRABALHADOR

Tudo indicava que os bandidos estavam agindo, em conversas com os Maragatos. Quando o governo começou o preparo para enfrentá-los, eles começaram a sair debaixo da terra como formigas para o combate com os Chimangos. Então o governo avisou que o estado estava para ser atacado. Havia movimentação, mandavam os piquetes de lugar em lugar, bloqueando as estradas principais. Muitos se ofereciam como voluntários para lutar sem saber com quem. Muitos revoltosos serviam as duas partes. Com a notícia do terrível revolucionário general Portinho, estremeceu a divisa do Uruguai. Este perigo espalhou-se por todo o país. O Portinho



vem, repetiam. Todos estavam rodeando que nem fantasma o coronel Fabrício, conhecido sanguinário terrorista. Ele recolhia os rebanhos de gado e cavalos, levava para Santa Catarina e vendia nos açougues dos Maragatos de São Paulo.

O exército comandado pelo Bráulio Bezerra acabou com os bandidos na Floresta. O povo do lugar respirou com alívio, mas os colonos no meio do sertão eram seguidamente assaltados. Da divisão do Capitão na Floresta apareceu o conhecido assassino Artur Trincheira, que ofereceu seus préstimos para cuidar os lugares de Paloma e Tapir. Ofereceu trazer Maragatos vivos ou mortos, para terminar de uma vez com o derramamento de sangue. Artur era perseguido pelo sargento do 3º Batalhão, por isso evitava se encontrar com ele. A sorte é que nunca se encontraram pessoalmente. Hoje Artur sente-se uma pessoa respeitada. Viajou com o bando para verificar como estava a revolta no Tapir dos Maragatos. Ele conhecia todo aquele sertão. Foi só para trazer novidades para o Capitão e ser conhecido pelos colonos. Ele ia visitar seus amigos e pedia emprestados cavalos e nunca os devolvia.

Em primeiro lugar, visitou o Matysz para se exaltar com sua missão. O Matysz estava doente, levantou com esforço, com o pescoço enrolado com uma manta de lã porque estava com a garganta inflamada, tanto que não podia falar. Abriu a porta e aí ficou tão chocado que quase caiu. Artur na frente da casa. (Senhor, Misericordioso) pensou assustado. Prefiro ficar na cama mais um dia e não ver este tirano diante de mim. Artur começou a se exibir com sua missão, mas vendo

que com o pobre Matysz não conseguiria nada, tocou com as esporas a mula e saiu com os capangas.

Longe no mato silencioso, ainda tinha um resto de milho para colher do Jose Szelag, homem magro, queimado do sol, judiado de tanto trabalhar, preocupado para dar alimento para sua família. Recolheu o resto de milho deixado pelas capivaras, papagaios e macacos. Esperava um ano pesado, o trigo já estava no fim. Feijão vai dar com a ajuda de Deus, vai aguentar até a nova safra, plantou trigo e vai ter pão. Com animais selvagens dá pra se defender. Mas, com mais homens é difícil porque estão armados. Perto da casa do Szelag estava uma mula bem acabada, não servia pra mais nada. Pobre animal era enxotado por todos, pois não queriam se comprometer em cuidá-lo. Um dia chegou até o antigo dono. Deixou pastar ali para que terminasse seus dias de vida. Ele olhava para a mula, não podia perdoar o Artur aquele homem sem sentimentos pelo pobre do animal continuou a colher o milho e carregou nas costas os cestos de milho.

Com a notícia da revolução, podia esperar a todo o momento receber uma visita inesperada de Maragatos, então botou um lenço desbotado no pescoço, que um dia foi vermelho. Artur Trincheira vinha vindo pelas montanhas passando riachos e abrindo caminho no meio do mato. Não para ajudar os colonos a se prevenir dos assaltantes, mas para roubá-los. Primeiro ele planejou visitar seu colega sanguinário, Gaudêncio. Vindo avistou uma mula pastando e a reconheceu. Pois eu dei de presente para o Matysz. Ele murmurou, Artur eu o conheço , deu a mula para o capanga segurar. Pegou a carabina, o laço e um ajudante e foi para onde estava Szelag. Chegou perto e gritou:

- Tu és ladrão, esta mula eu dei ao Matysz e tu roubaste.

O pobre homem quis dizer que a mula foi criada aqui e por isso voltou.

- Tu vais responder por isso.

Atirou o laço e o capanga atirou com a carabina no peito de Szelag. O laço apertou o pescoço do infeliz. Ele tentou se

libertar do laço. O Artur disse que qualquer tentativa de fuga e ia matá-lo.

- És ladrão e Maragato.

- Não, não sou. O pobre homem dizia.

- O lenço vermelho, o que é isso? Eu te enforco. Vais correr atrás da mula até a Floresta, lá o comandante vai te ouvir. Falou o carrasco e amarrou o laço no pescoço.

Saiu na estrada. Amarrou no arreio da mula, montou a mula e o laço esticou e o pobre homem foi andando e três capangas atrás armados.

TRÁGICA SORTE

Os moradores da vila Floresta sentiam a chegada da revolução. O povo da vila já há alguns dias pouco trabalhava. Os Italianos já não trabalhavam, jogavam bocha. Ninguém saía longe de casa para trabalhar. Só se reuniam em grupos para conversar silenciosamente e olhando para os lados. O movimento nos mercados diminuiu, só tinha movimento no hotel e de pessoas graduadas. No caminho para o lado de Tapir, apareceu um homem e atrás dele vinha se arrastando um ponto negro. Atrás da mula vinha um homem cambaleando nas duas pernas, os dois braços seguravam o laço para não apertar a garganta. O rosto estava roxo os olhos cheios de sangue os pulmões esgotados de oxigênio, com lábios abertos, quase sem fôlego. Jose Szelag, pobre colono de Paloma, trazido no laço, amarrado no sangrento pescoço, com as últimas forças chegava à vila. Sentou-se no chão. Nos lábios, tinha febre e o coração batia sem parar, parecia estar morrendo. Esperava de onde viria a defesa e misericórdia para libertá-lo do sofrimento. Conseguiu um pouco de coragem não olhando se alguém está ouvindo. Dizia ao povo:

- Tenha piedade, eu não sou culpado. Ele que é o ladrão, não sou eu. Em casa tenho mulher e criança doente.

Sem ninguém ouvir os lamentos dele, todos fechavam as portas e janelas. Os moradores não ouviam o pedido dele,

estavam com medo, ninguém saiu para defender o pobre colono.

- Vocês sabem que ele é o assassino e mentiu trazendo-me para a justiça. Venham dizer algo de mim!

Com este pensamento ele olhava para as janelas e portas fechadas. Nisto veio o comandante para vê-lo. O Artur disse:

- Senhor comandante, hoje peguei vivo um perigoso Maragato.

O comandante olhou sem acreditar para o miserável imigrante e perguntou:

- Este é Maragato?

- Sim, senhor comandante, falou satisfeito o Artur.

- Como te chamas? perguntou o comandante.

- Jose Szelag, falou.

- Como vives?

- Com trabalho nas terras de Tapir. Senhor, eu não tenho culpa de nada. Ele me pegou na roça colhendo meu milho.

- Tem família?

- Mulher e quatro crianças, uma doente. Nem sabem onde estou agora.

- Artur, livre este homem, disse Bezerra.

- Mas comandante, com perigo de vida que eu peguei este rebelde e agora tenho que soltar sem dar uma surra nele.

- Dois dias sem ração, gritava o Artur.

Pois é, Maragato, aí está ele anda com lenço vermelho. No pescoço de Szelag estava o lenço vermelho, mas era de sangue.

O teimoso Artur queria condenar o pobre Szelag, ele é ladrão e Maragato.

- Ele roubou a mula do Matysz, eu negociei com ele.

O Capitão sorriu e disse:

- Em tudo se vê que é colono.

- Sim, mas é ladrão e rebelde como poucos. Desses nós não precisamos. Eu os conheço e sei bem o que ele é e o que merece. Voltes para casa e devolvas a mula, exigiu o Capitão e saiu. O Szelag na sombra dele caiu de joelhos e agradeceu

de todo o coração pela liberdade de voltar para casa e poder cuidar da família. Cuidar da mulher e

da criança doente.

- Ele foi justo comigo.

Em silêncio, orou. - Por você comandante para a tua segurança e defesa desta santa terra, para que tudo seja melhor. Dou toda a minha força, todo meu trabalho, até a própria vida. Por ser justo comigo. Pois você olhou dentro do meu coração e libertou-me do terrível assassino. Nesta terra tem gente boa e justa do coração. Em casa tenho 4 filhos homens, vão servir a pátria para defender a honra desta terra.

Enquanto fazia a promessa abria o coração dolorido por ser digno brasileiro desta terra. Artur puxou o laço e gritou brutalmente:

- Levanta e vamos.

Quando a mula saiu o laço esticou. Szelag sem dizer nada com o pescoço sangrando, saiu troteando cansado de tudo o que aconteceu, não sabia por que estava sendo levado, já que o comandante mandou soltá-lo para ir para casa dele. Pensou que ia até à casa dele para pegar a mula, pobre sem valor. Conduzido, olhava para quando fosse chegar a noite. O sol estava para se por através dos galhos, em poucos minutos desapareceria.

Logo o Artur deixou a estrada e entrou na roça. Teve um sentimento de hiena selvagem. Despertou nele uma vontade de ver sangue e sentir o vapor do sangue morno. Pelo trabalho Artur decidiu cobrar, vendo-o tremer, agonizando. Capangas entraram na roça, o José estava no meio deles.

- Se ele me deixar aqui eu consigo me arrastar até em casa.

Logo ali tinha um pé de quina com folhas miúdas e boas para a febre. Quebrou um galho para levar para casa, seria bom até para crianças. Artur chegou perto do Jose e abrindo o laço disse:

- Estás livre e sem perceber passou a navalha pelo pescoço.

- Jesus! Gritou Szelag e atirou-se para trás.

Caiu no chão e levantou-se, com as mãos segurou o pescoço estancando o sangue que espirrava por meio dos dedos. Caiu e chamou seus filhos, se arrastou um pouco de joelhos e caiu, abanava com as mãos procurando ajuda sem conseguir nada. Os capangas estavam assustados com a maldade do sanguinário Artur. Ele estava como vencedor, gozando do que tinha feito. José Szelag estava deitado na poça de sangue. Estava deitado com o rosto na terra, entregou sua alma a Deus. Com o sol se pondo, terminava a vida do pobre imigrante. O sangue derramado começou a coalhar na grama, endureceu o corpo do pobre colono, pai de quatro crianças órfãos do colono trabalhador na mata do Tapir. Sob o comando do assassino, os capangas cavaram com baionetas um pequeno buraco para cobrir o corpo do colono tarbalhador, que as mãos hoje de manhã estavam colhendo milho, para dar alimento para sua família. Rapidamente cobriram o corpo bem raso, deixando a ponta das botas aparecendo. Sem encontrar o José, todos os vizinhos e família estavam a sua procura na roça.

★

- Pai responda, pai volta para casa.

A família não obteve licença de levar o corpo para o cemitério. Tinham que esperar até escolher o novo governador. A família e vizinhos trouxeram tábuas e cercaram o lugar para defender o corpo dos insistentes corvos. Havia uma grande tristeza, havia mais tristeza de não saber quem era o acusador e quem era da defesa. O comandante podia salvar a vida do pobre colono, mas cedeu à insistência do assassino, ou não pensou que o Artur faria tal coisa que não deu melhor defesa. Uma noite o contingente da Brigada sumiu sem saber para onde, não deixou nem rastro, ficou só o Artur Trincheira para tristeza e medo, era o azar para os moradores da Vila Floresta.

Capítulo XV

A visita do ministro do Grabowski

Mandaram telegrama para o Ministro Grabowski no Rio de Janeiro com pedido de interferência do governo para dar garantia de vida aos imigrantes. Em 46 horas o presidente do estado do Rio Grande do Sul, Antonio Borges de Medeiros mandou uma divisão da Brigada Gaúcha. A Brigada se espalhou por todos os pontos estratégicos e na divisa do Uruguay. Tinha a maioria de pretos, gaúchos e voluntários de todas as nações. Eram Poloneses, Russos, Lituanos, Tchecos e Lotysses, a verdadeira Torre de Babel. Verificaram todos os pontos e não acharam Maragatos. Desapareceram, mudaram de roupas e caras e pareciam amigos. Artur parecia uma assombração, não saía da Brigada.

Algumas semanas depois veio a notícia de que a Brigada tinha se mudado para a escola Municipal. Neste meio tempo os bandidos mataram a família Stolar. Casemiro Stolar vendeu a sua propriedade, barata, por nove mil só para se afastar daquele lugar, sem saber o que poderia acontecer no outro dia. Um dia antes de sair, ele teve a visita de três homens desconhecidos, fingindo terem ido para a despedida. Ficaram até tarde da noite tomando chimarrão. A esposa do Stolar, cansada com a visita, pegou a pequena criança muda e foi para o quarto. Quando foi passar o corredor que unia a cozinha com a casa, um dos ladrões deu um tiro nas costas dela. A bala atravessou quebrando duas costelas. A mulher caiu, então caíram em cima do dono da casa e rebentaram a cabeça com coronhadas de rifles e, como um pau de lenha, empurraram ele para o fogo, pondo a sua cabeça nas brasas. Acharam no quarto a caixinha de dinheiro. Saíram para fora

da casa e rebentaram a caixa para repartir o dinheiro. Enquanto isso a mulher recobrou os sentidos e se arrastou até o visinho, este foi para ajudar com uma espingarda de dois tiros.

Os bandidos, com a lua bem clara ainda estavam repartindo o dinheiro. O visinho apontou e puxou o gatilho e não saiu, pois, não estava carregada. O dono da casa acabou morrendo com a cabeça no fogo, a mulher morreu dois dias depois. A criança depois de uma semana morreu no hospital de tanto chorar.

Capítulo XVI

A vingança do Jurkowski

Com estes acontecimentos nem o Jurkoski consertava o moinho e ninguém tinha vontade de trabalhar. Fugir daqui para onde, Jurkoski e família olhavam para as ondas do rio Paloma, mas o Martin nunca mais apareceu para ver o corpo e aliviar a dor da mulher, filhos, mãe e pai.

- Assim não pode ser mais, disse Jurkoski.

Ele decidiu organizar a defesa própria, e ele estar na frente. Convidou os visinhos, só aqueles que tinham coragem. De toda a Paloma e Tapir ele achou só três homens valentes. Nós precisamos de carabinas, só espingardas não adiantam. Saíram em quatro para o quartel da brigada e disseram o que estava acontecendo. No meio dos Maragatos e Chimangos apareciam livres bandos que serviam uns aos outros. Tinham armamento da brigada, e com isto ele tinham a confiança do governo.

- Esses bandidos rodeiam vocês e a nós também. Eu conheço a todos, disse Jurkoski.

- Deram a nós, quatro carabinas com munição e licença para lutar. Eu prometo trazê-los vivos ou mortos. Trago-os aos seus pés, comandante! Com isso eu prometo que limpo a região dos importunos assaltantes e sanguinários Maragatos.

Quando Jurkoski recebeu as carabinas, acendeu-se dois pequenos e redondos olhos e depois receberam abrigos e quatro mulas.

— ★ —

Longe no mato, pararam para descansar, Jurkoski, Kalberek, Jasinski e Dolengoski. Acenderem fogo, fizeram café e saboreavam com pão de trigo. As mulas cansadas comiam as folhas de palmeiras. Depois do almoço estavam provando as carabinas. Jurkoski ensinava os recrutas como usar as armas. Cortou com facão um pé de sapopemba da altura do joelho e chamou Jasinski:

- Prova, vê se tu acertas.

Jasinski atirou, a bala fez sinal meio metro mais alto.

- Abaixa-te até o zero - saiu outro tiro.

- A bala foi quase no centro, muito bem - disse Jurkoski.

Com grande surpresa Jasinski e Kolberek compreenderam que a bala da carabina atravessa uma árvore e na saída faz lascas da árvore. Esta prova faz com que tenham cuidado com armas do exército. Chegaram de noite no moinho silencioso. O moinho estava morto, quebrado, sem vida e muita gente esperava pela farinha. O moinho esperava pela reforma para poder moer o milho. Soltaram as mulas para pastar. A esposa de Jurkoski acendeu o fogo, levantou também, a viúva segurava as órfãs assustadas. Todos esperavam pelas noticias, se vem alguém para protegê-las ou deixar que um milagre de Deus venha ajudar. O Jurkoski bem cedo pegou a carabina e saiu descalço, foi até onde morava Gaudêncio, longe alguns quilômetros, ele ia pelo mato. Ele ia bem silencioso sem fazer barulho. Chegou bem perto a 100 metros. Cedo com o sol iluminando a mata bem verde coberta de sereno da noite. Na beira do rio Paloma se ouvia a voz e gritos do Gaudêncio. Os raios do sol batiam na barraca do terrível assassino. O moleiro queria saber certo, em qual o barraco morava o Gaudêncio. Quando o sol já estava fora dos matos, a primeira cabocla descabelada trouxe água do rio. Em outros barracos levantavam preguiçosos ajudantes com os pés descalços e mal trapilhos. Um começou a cortar lenha, outro foi na beira do rio puxar o cesto com peixes. Gaudêncio escolheu seus capangas de outros lugares, pois ele morava aqui só com sua família. Aqui ele sentia inveja dos colonos

imigrantes. Logo ele saiu do barraco. Jurkoski o conheceu logo pelo vasto cabelo. Tinha as botas altas, calças (caqui) como da brigada, e com revólver na cintura. Ele vive sempre em prontidão, não se separa do revólver. No rio lavou o rosto e penteou o cabelo. Parecia visita e não morador e mandante. O maleiro pensava no seu esconderijo. Depois do desjejum o empregado trouxe a mula com arreios. Ele não pedia e sim mandava, era o dono de tudo. Dizia o que devia ser feito e onde, depois, saiu em uma picada, mato adentro. Não ia para Paloma, foi para o lado contrário, vinha poucos metros da carabina do Jurkoski. Ele nem esperava o ataque. Agora passou a eliminá-lo em um minuto. Gaudêncio parou e olhou para traz, parecia que admirava o vale onde morava ou se foi feito o que ele mandou fazer, o malheiro estava atrás de uma pedra. O jagunço apertou as esporas na mula e saiu com calma pela trilha dentro do mato.

- Espera! Não vou matá-lo, mas sim quero te pegar vivo. Não fica bem para mim.

Ao meio dia o Jurkoski voltou sozinho para o moinho. O Jurkoski pensou em um bom plano para pegar o mandante do terrível bando de malfeitores famosos no alto Uruguai. Logo saiu do moinho bem armado com quatro homens, Jurkoski e Kolberek, eles queriam bater no barracão, quebrando as paredes dos dois lados. Delengoski Ejasinski deviam estar de fora para cobrir o ataque em caso de aparecer ajuda. Tinham que cuidar de todos os lados. Amanheceu, Jurkoski e Kolberek estavam agachados atrás de um toco. Neste momento se ergueram. Cada um tinha dois paus nos ombros e carabina nas costas, no mesmo momento bateram nas paredes do barraco e as paredes ruíram, entraram Jurkoski e Kolberek com gritos.

- Preso! Preso!

- Quem tem coragem, de fazer isso? Gritou Gaudêncio.

Como uma fera ferida botou a mão no revolver, mas o Jurkoski mais rápido, encostou-o na parede lutaram os dois homens pesados, Gaudêncio se torceu, deu coices onde podia, virava-se para todos os lados como uma jiboia. Tentou se livrar do atacante, Jurkoski estava em cima dele e neutralizava seus movimentos. Pegou as mãos dele e virou para as costas e o Kolberek atou com uma corda bem forte. Depois Gaudêncio estava imobilizado, esperneando na cama dele. Ringia, tentava e fazia enorme força para rebentar a corda. Depois se acalmou e olhou em volta e reconheceu Jurkoski.

- És tu? - gritou com ódio. Tu tiveste coragem de me fazer isso e onde? Na minha cama, juro que não vais viver por esta audácia. Eu preciso me vingar.

- Agora tu dependes de mim, gritou Jurkoski.

A cabocla entrou na porta em lamentações e gritos. Os capangas saíram de dentro do paiol e com facões correram para ajudar o colono, mas o Jasinski e o Dalengoski atacaram por trás, os caboclos ouviram para largar os facões. No defumado barraco estava pendurado o quadro da Mãe de Deus,

a preta Czestachova devia ter tirado de alguma casa dos imigrantes. No canto estava uma máquina de costura e algumas cartas escritas em polonês. Não pareciam ter sido escritas para a cabocla que nunca ouviu esta língua. Não pensavam de levar nada, o principal era levar o Gaudêncio vivo. Debaixo da cama acharam uma carabina e bastante munição. O mandante do bando sentiu que tudo estava sério, ele com as mãos bem amarradas para trás, se viu obrigado a mostrar que estava bem entregue, mas por dentro fervia de ódio.

- Tu sabes com quem estás lidando e o que vai acontecer?

- Sei muito bem que me livrei do Gaudêncio, de ti tirano, disse com voz de autoridade, o Jurkoski.

- Eu te faço em pedaços, gritou o bandido.

- Tente, estás na tua casa, disse o maleiro.

- Não agora, mas quando voltar livre.

- Desta vez com certeza, não voltas.

- Ei, esta não foi a primeira vez que a polícia me pegou eu voltei livre.

- Agora eu vou ser teu protetor para não mais voltar livre.

Gaudêncio ouvindo a sentença decidida do maleiro. Desta vez o assassino perguntou com calma:

- O que pensas em fazer comigo?

- Vamos te levar para a mais alta autoridade.

- Então rápido, porque as minhas mãos estão doendo. Meu genro por ti está todo duro, até hoje não voltou. Tu vais procurá-lo.

Neste caso Gaudêncio calou e olhou para o seu rancho com os olhos de sanguinário. A cabocla chorava no canto, os capangas estavam lá fora desarmados e sem saber o que iria acontecer.

★

Kolberek ia na frente, Gaudêncio atrás com as mãos

atadas nas costas. Jurkoski levava duas carabinas, uma pendurada no ombro e a outra nas mãos, engatilhadas, em caso de perigo. Outros dois vinham atrás para proteger. Às dez horas pararam em frente do moinho destruído, encilharam as mulas, botaram o Gaudêncio numa delas, Jurkoski chegou perto dele e perguntou:

- Lembras como com um tiro certeiro você esfacelou a cabeça de meu genro, que sumiu debaixo dágua?

- Para mim, atirar na cabeça não é novidade, e olhou uma árvore que um dia tinha amarrado o maleiro. Arrependo-me que naquele dia não dei um tiro na tua cabeça.

Jurkoski empalideceu, montou a mula e ordenou:

- Vamos pelo Tapir.

A triste caravana partiu. Por dez quilômetros de viagem Gaudêncio desejou descer da mula para necessidade natural. Jurkoski disse a ele que iria descansar no lugar chamado inferno. Depois de algum tempo Jurkoski perguntou:

- Tu não tens remorso pelas maldades com os pobres colonos?

- Se isso é maldade, então procure a justiça.

- Tu vais agora para a justiça!

- Grande coisa, disse como deboche. Por cada cabeça que matei só tinha um ano de prisão.

- A Babinska está no teu remorço.

- Ela caiu, disse o sanguinário.

- A família Stolaw não denunciou, porque era medrosa. O Gaudêncio procurou intimidá-lo, mas o Junkoski mastigou fumo de ódio e fechava os olhos para não ver o terrível assassino.

O Gaudêncio em tom de deboche disse:

- Posso ir para o tribunal, não tem jeito, mas quando eu voltar, meu caro, nem o pó do teu corpo fica em Tapir. Para evitar isso, deixe-me livre no mato como os outros fizeram.

- Gaudêncio, eu queria rebentar tua cabeça como tu fizeste para muita gente inocente, por todo o derramamento de sangue.

- Isso tu nunca vais conseguir, respondeu.

- O que meu genro Martin fez a ti de mal?

- Nada, só não queria deixá-lo sair do outro lado do rio. Não fui eu, mas sim tu o assassino dele.

Para Jurkoski os olhos se encheram de sangue, de ódio, os lábios tremiam por ele ser tão tirano.

- Quem? Eu? Balbuciou o maleiro.

- Sim, porque tu não deste o que pedíamos, o dinheiro.

Jurkoski estava com os nervos à flor da pele. Ia atrás dele, daqui não era permitido deixá-lo, meditou o Jurkoski neste momento, o que fazer com o sanguinário. Era muito difícil de pensar certo, com calma. Para não mais perturbar a região dos imigrantes, precisava terminar com o perigoso assassino. Os capangas não podiam soltar para não continuar a obra do mandão, pois poderia continuar a perturbar a paz dos colonos. A sorte de todos estava sempre em perigo. O malfeitor era uma pedra no caminho da vida. Para não existir mais essa pedra, precisava eliminá-la. Levá-lo até a corte é perda de tempo. Demonstrava que deixar ele em liberdade é cair na própria armadilha. O Jarkoski estava passando maus momentos. Mas decidiu, no último momento, pela limpeza e ordem na terra no meio de gente.

- Que Deus seja o juiz nos céus. Isso não é para mim, pois eu poderia sumir daquele lugar para bem longe e nos livrar do tirano. Mas faço para o bem da comunidade, a qual treme das mãos assassinas.

Num lugar combinado na colina, o Jurkoski vai dar o que fazer.

- Ele quer descer da mula. Dá prontidão, eu corto as cordas que prendem as mãos, Gaudêncio precisa das mãos livres.

No lugar combinado, o Kolberek parou na estrada e no precipício do inferno, o rio Tapir fazia ruídos. Jasinski e Delengoski fecharam a saída. Jurkoski pegou a faca e cortou a corda que prendia as mãos do Gaudêncio, o preso demorou para esticar os braços doídos, depois desceu da mula, olhou

em volta onde poderia escapar. Começou a desabotoar a camisa, no fim levantou a cabeça. Relampeou a arma no arreio da mula saiu um tiro. Gaudêncio caiu no fundo do rio barulhento e levando o nome de tiroteio no inferno.

OS CAPANGAS ASSUSTADOS

A notícia da morte do Gaudêncio surgiu que nem um relâmpago para os capangas dele. João Cobra e Onça Preta ficaram sem saber o que fazer por falta do chefe deles. Sentiram-se humilhados.

- Imigrantes fizeram isso.

Ficaram olhando um para o outro, apertavam os fuzis, olhando a cama quebrada, era vivo sinal de luta, decidiram sem pensar dar notícia de onde está o Gaudêncio. No outro dia, deram parte na polícia do desaparecimento do seu chefe. Quem pegou esta missão foi o mais valente capanga, João Cobra. Andava ele por tudo, para alguém ajudá-lo a encontrar o Gaudêncio, andava descalço com chapéu de palha e uma pistola na cintura. A polícia deu a resposta que ninguém deu notícia que ele fora capturado.

- O que tu tens com Gaudêncio?

- É meu parente. Desde ontem desapareceu sem notícias. Esperamos que venha para se defender. Se o capturarem, irão trazê-lo aqui.

O caboclo na porta da justiça não tinha o que fazer. Voltou pelos trilhos, depois avisou a viúva do Gaudêncio que em Paiol Grande ninguém soube o que aconteceu. O Jurkoski sempre teve cuidado nos trilhos. Depois de alguns dias, chegou aviso na Brigada. Jurkoski sentado na cadeira falou alto:

- Comandante, eu peguei o Gaudêncio, mas o infeliz fugiu no mato.

O comandante pensou e calmamente disse:

- Este com certeza não vai se atravessar no teu caminho.

Jurkoski voltando para Paloma, viu de longe a carroça e cavalos do velho Szcruk. Desconfiado, correu ao encontro

para saber o que acontecera. Na carroça estava deitado o Kolberek bastante ferido.

- Os capangas fizeram a vingança, contou o velho Szcruk.

Teve grande tiroteio, eles perderam bastante. Jasinski e Delengoski demonstraram grande coragem. Tartas e o filho do Szcruk vieram para ajudar. A sorte é que o jovem Cebrulski foi atrás do bando, foi bom por que tinha arma boa que era do Gaudêncio.

- Conheceram alguém do bando? João Cobra e Onça Preta eram os piores. Eles que comandavam, outros não pudemos reconhecer.

Jurkoski voltou do caminho e decidiu levar ajuda ao ferido Kolberek. Chegaram na Floresta, o enfermeiro Damer alugou um quarto para por o ferido. A esposa do Strudinski rápido arrumou um quarto para por o Kolberek. Damer olhou o ferimento, a ferida era grande, o Damer ficou analisando e pensando.

- Vou fazer tudo pra salvar, mas para conseguir curar, vai levar mais de um mês. Todos ficaram penalizados com o ferimento no valente Kolberek .

Durante a briga o Kolberek estava deitado, protegendo-se atrás de uma pedra grande. Mas a bala assassina acertou-o no quadril, fez um enorme ferimento, levando para dentro fiapos da camisa que ficou dentro do ferimento que era grande. Jurkoski passou a noite com o homem ferido. O farmacêutico conseguiu com muito cuidado tirar tudo e lavou bem, pôs o dreno e decidiu esperar até vir a infecção. O estado do pobre homem era pesado e provocava pena nos amigos. Bem cedo, o carroceiro Szcruk e Jurkoski foram para Paloma. João Cobra e Onça Preta estavam sempre juntos, mas o Jurkoski pensou que seria melhor pegá-los um por um. Em primeiro lugar o Cobra e o outro, o Onça, são os piores que ficaram. Agora eles não vão dar combate, vão agir às escondidas. Mas eu me adianto. Na beira do riacho Lambari, Jurkoski decidiu parar, fizeram café, e os cavalos pastaram. Jurkoski tirou a areia da carroça e pôs na mula. Esperou na estrada grande, eles não

apareceram. Precisa procurá-los nas picadas. Ao lado do riacho tinha uma trilha que dava bem perto do barraco de Onça Preto.

- Pode ficar bem sossegado, eu vou descobri-los em seus barracos. Eu os tiro da casa como fiz com Gaudêncio, agachando-se em cima da mula, saiu por debaixo dos galhos de taquara.

O sol já estava passando do meio dia e já se preparava para o poente. O Jurkoski lembrou que Onça Preta não dormia e ficava esperando que a qualquer momento seria atacado. Saiu na invernada de cavalos, gados e porcos. Já está perto. Agora a pergunta se ele está em casa ou na espera. Por alguns minutos encontrou um menino com um prato vazio.

- Aonde tu vais, perguntou com um sorriso o moleiro.
- Para casa, respondeu o menino assustado.
- Aonde tu foste?
- Levei a comida para o meu pai.
- Estás colhendo milho?
- Não, ele está lá no mato, porque está doente.

Não precisava melhor informação, pensou feliz o moleiro, ele está na espera. O doente certamente está ferido. Pensou em fazer algo para despertar. Bem sabia Jurkoski que o menino não mentiu. Um pouco antes de chegar onde estava o canalha, ele desceu da mula. Verificou a carabina, pôs a munição. Pegou um palito de fósforo, acendeu e pôs embaixo do rabo. A mula queimando, saiu a galope. Jurkoski abaixado seguia à frente. Onça Preta saltou com a carabina e ficou olhando atrás da mula. Jurkoski sem demora apontou, atirou e silenciou. Esperou um momento bem quieto. Por outro lado, só se ouvia o tropel da mula. Com cuidado chegou e verificou. Onça Preta já estava morto, estava com a perna com bandagem, ele foi ferido antes. Levou a carabina e o cinto com a munição. Logo ali estava a mula esperando o seu dono.

CAÇADA DO JURKOSKI

No grande sertão correu a notícia de que os dois piores assassinos já estavam afastados da vida, Artur Trincheira ficou encolerizado de tão inesperada notícia. Entrou em contato com Venâncio e João Cobra, estavam combinando para matar o Jurkoski. No rancho de Venâncio, uniram-se para a grande decisão. Sim, agora o Jurkoski era um grande perigo, ele tem armas, igual a nós.

- Enquanto ele estiver rodeando pelas estradas bem armado, disse o Artur, nós somos obrigados a nos cuidar do grande perigo que ele nos causa. Terminou nossa liberdade, ele fez nós entrarmos na cova dos ratos.

- Pela morte do Gaudêncio, gritou Cobra, precisamos matar pelo menos dez imigrantes e os vizinhos dele.

- Terminar com todos os gringos, gritou revoltado Artur.

- Ele é louco, satã, ele não tem medo de nada, gritou o Venâncio.

- Precisamos de uma boa pontaria, com um tiro tudo acaba, falou o Trincheira.

- Não é tão fácil de lidar com mau espírito. Ele adivinha antes o que vai acontecer. Não é uma, nem duas vezes fiquei a espera, mas ele aparece e volta para trás, não se sabe aonde vai atacar. Precisamos nos cuidar dia e noite, o pior é que não temos pessoas de confiança. Para por guardas em todas as estradas e picadas para caçá-lo.

- Com tigre bem furioso não é fácil de lidar. Precisamos estar alertas todos os momentos, isto não é vida.

Onça Preta nem descansou, ele já soube do refugio dele e logo acabou com ele.

Depois de longo conselho, João Cobra fez o plano claro.

- Vamos todos de noite para incendiar o moinho e a casa. E com o fogo nós poderemos ver quem vai sair, nós mataremos um por um.

Artur não quis fazer parte no assalto. Protestando que

não poderia, pois, é gordo e sente falta de ar e não poderia fugir no meio do mato.

- Na primeira oportunidade mando um atrás do Gaudêncio. Com isso, lembrem-se que quando forem por fogo, preciso saber se ele esta noite dorme em casa. Porque ele pode chegar atrás e atacá-los para a fogueira, porque ele é um tigre ferido.

O maleiro não podia ficar em casa nem um dia e repetia que não podia fazer nada, nem reparar o moinho. Enquanto não põem o último bandido no buraco do inferno. Tinha que fazer porque de outro jeito todo o esforço está no fio de cabelo.

Já faz quatro meses que Jurkoski, incansável, andava atrás dos malfeitores. Botou de guarda na casa, gente de confiança. Ele andava por todos os cantos de Erechim, andava de lugar em lugar, passava rios e depois sem esperar aparecia em Paloma. Não se barbeou, deixou crescer o cabelo, com rosto queimado parecia um homem selvagem. Com esta aparência selvagem, com carabina nas costas, revólver na cintura e faca. Assim, Jurkoski chegou um dia na escola e gritou:

- Oh, de casa!

-Será que em dia claro é um ataque, e saiu a receber o importuno visitante. Ele chamou pelo nome e disse:

- Não tenha medo, sou eu, o Jurkoski!

Pulou da mula, o lenço branco esvoaçava pelos ombros com enorme chapéu em cima da vasta cabeleira. Voyniek Jurkoski, o homem que tirou do mundo os piores assassinos, era famoso em Erechim. Todos os colonos se sentiam livres dos bandidos. Devolveu a eles a paz e livrou-os do medo. Olhavam para ele com respeito e oravam por ele para sair sempre vitorioso. Sentiam sempre como uma tábua de salvação dos colonos.

O senhor professor dizia que agora poderiam trabalhar sem medo:

- Não vão mais atacar, atirar nas pessoas por gosto. Está

se terminando a insegurança. No sertão não falta muito para varrer o lixo dos Maragatos.

E chegou bem perto abaixando a voz:

- Mas aqui na Floresta, o senhor se cuide, disse bem baixinho. Digo isso para que tenha cuidado.

- De quem, algum vizinho? Perguntei curioso.

Jurkoski olhou em volta e disse:

- Aqui está um falso negro, ele está em liberdade, aquele que cortou o pescoço do Szelag, Artur.

- Artur Trincheira, ele sempre está no hotel do Welkier. Ninguém sabe o que ele faz e de que parte ele é. Ele é falso eu o conheço, ele vai contra o governo porque daqui a sessenta dias vamos ter eleições para prefeito. Escuta bem, precisamos votar em Borges de Medeiros. Se ele não tivesse mandado a brigada então nós teríamos sido mortos, todos. Eu estou ao lado do Borges. Quem ouvir o preto Artur vai mal. Eu tenho me encontrado com ele e não ligo, faço de conta que não o conheço, mas sempre com o dedo no gatilho, ele está sempre falando de mim, eu sei bem, mas quero pegá-lo no momento oportuno, ele é um assassino, disse Jurkoski.

Estava na hora de soltar as crianças da escola, pedi para o visitante esperar um momento para nós conversarmos da situação que está acontecendo em Erechim. Cem crianças ficaram em pé. Nos olhos deles aparecia alegria de ver o salvador Jurkoski. Ele fez tudo para não ter mais lágrimas, medo dos assaltantes. Ele é o único que tem a mágica força e os assassinos têm medo dele. Os pais trabalham na roça e as crianças vão à escola.

Cedo veio a denúncia de que o grande Yasniek fingindo-se de Maragato, ataca e assusta as crianças menores. Decidi que o grande Yasniek, depois da aula, fica na classe e depois vai sozinho para casa. Para terminar, as classes cantaram o verso preferido. A vida corre rápida. Jurkoski esperou no portão e ouviu o canto das crianças emocionadas e adicionou o verso.

- Nossos jovens, anos vão rápidos além e no coração

restam só tristeza e dor. Coração do soldado amador o qual pegou a causa por conta dele para defender-se e aos outros, com coração endurecido pela luta e trabalho, canseira moral e física para ter esta coragem de tamanha decisão. De simples e humilde colono, maleiro passou a acabar com os bandidos. Pegar nas armas em defesa dos réus irmãos que moram no mato, caboclos os que estão abandonados pelo mundo. Para estes humildes trabalhadores atacar nas estradas e tirar-lhes a vida. Isso é uma vida horrível. Porque é assim e não é diferente?

Esta sangrenta missão a qual estava fazendo, doía no coração. Com pernas fracas ele sentou no chão na sombra da mula. Trancou os dedos das mãos, baixou a cabeça e fixou os olhos no chão ouvindo o canto das crianças, e as lágrimas correram pelo rosto. Quem pode evitar a triste verdade? Daqui a um ano, ou dias, até um momento, juntos não estaremos mais. Sentado no chão, começou a pensar na sua vida tão infeliz. Principalmente na última campanha sangrenta.

- Esta canção das crianças tem certa verdade. Não só comigo, mas com meu querido genro, tinha tanta esperança, ficaram só os órfãos. Não tem nem o Cebrulski, mas este morreu no acidente. O honesto Jose Szelag, arrancado do seu trabalho, colhendo milho. O assassino dele é o bandido Artur.

- Hoje ele me ameaça, e como eu serei santo? Como ficar na fila do Szelag? E a assassinada família do Stalaz? A Babinska, Gasierovicz e a Visnieski e tantos outros, morreram sem culpa. Para ter limpeza na terra, tem que afastar os bandidos. Saíram, mas não por minha vontade. Deveriam morrer para ter ordem no mundo, para proteger nossos colonos imigrantes. Gaudêncio, Onça Preta, Venâncio e Tertuliano.

Quando Jurkoski estava pensando e pensou nos acontecimentos no portão e na rua, apareceram crianças que saiam da escola. Neste momento Jurkoski fez dois buraquinhos na terra e enterraram aí as suas lágrimas de tristeza, amor derramado nesta terra gaúcha, mãe de tantos filhos bons e ru-

ins, mas não tem outro jeito. A terra não recusou as lágrimas e o sangue recebeu no seu colo. Destes sangrentos encontros nasceu a nova era. Hoje, crianças estudando, o que agora estão se movimentando fora da escola. Essa nova juventude espera dias melhores. Jurkoski com carabina nas costas.

KOLBEREK DOENTE

Sem perder tempo fomos visitar o Kolberek, no quarto se sentia o mau cheiro do ferimento da perna do homem. Neste momento, o enfermeiro terminou o curativo. Era dramática a situação e importante que ainda ele podia falar bem baixinho. O rosto dele sem sangue parecia esqueleto coberto com pele. As pernas pareciam dois paus. A perna ferida continua deteriorando porque ao correr dos quadris formava bolhas de alergia. Domer, incansável, tirava com alicate pedaços de camisa e casaco. O farmacêutico Damer tinha esperança que o Kolberek fosse ficar bom, porque ele já tirou o último pedaço de pano que tinha no ferimento. O doente tentou cumprimentá-lo com sorriso. Abriram-se os olhos que há muito tempo não se moviam. Os lábios se abriram com dificuldade. Há mais de três meses ele estava enfermo. Quem cuidava dele era a mãe de três filhos, a esposa do Studrinski. Sim, dias e noites nos trocamos para cuidar dele e não conseguimos acalmar as dores do coitado. O Studrinski era o ferreiro. Não cansava de elogiar o Jurkoski. Que por ele o povo da Floresta respirou aliviado. Mas no longo sertão ainda havia perigo. Ainda anda entre nós o fantasma, Artur Trincheira. Ele não é da brigada e não é civil, ele tem na consciência inocente Szelag.

- O quê? Só o Szelag levantou a voz em protesto.

- Para dez Szelogies tirou a vida.

Jurkoski pôs a mão na boca e mandou calar.

- As maldades do Artur vão chegar ao fim, é só ficarem quietos para não estragar o plano. Precisam pegá-lo no ato.

Todos ficaram quietos, o tema era o Artur. O Jurkoski con-

tou como Venâncio escapou das mãos dele, mas desapareceu quando tentou atravessar o rio.

-Andei dois meses atrás do João Cobra, mas nunca pude pegá-lo, pois ele em cada região trocava de nome, andei até na divisa de Santa Catarina, mas o infeliz se introduziu com os tropeiros e passou o grande rio e desapareceu no mato, contestado.

Neste momento alguém bateu na porta. A Studinska abriu a porta e veio me dizer:

- Um dos alunos quer falar.

- Senhor professor, posso ir para casa agora?

Ficou com vergonha que esqueceu que o deixou de castigo depois das aulas.

- Vai, vai ainda chega a casa antes de escurecer.

Agora as crianças têm liberdade de ir à escola sem medo.

Capítulo XVII

Raio de luz

De todos os lados vêm notícias de que a brigada gaúcha botou contingente de soldados e perseguiu os Maragatos e o general Portinho até Santa Catarina. Os moradores de lindas terras gaúchas, na divisa das terras Uruguaias, respiraram aliviados, passadas as misérias da revolução. Caiu o peso dos ombros que pesou ao longo dos anos. Brilhou nova estrela trazendo esperança para todo o Rio Grande do Sul. Em todas as colônias Erechinenses, brilhou a primavera alegre e feliz com cantos de sabiá. Em toda a parte garantindo a vida e trabalho para todos. Porque onde os imigrantes tomaram posse das terras havia destruição. Muitas perdas materiais, como morais. Agora todos confiam no braço forte do Governador Borges de Medeiros que, com a mudança governamental, enxugou lágrimas de todos que sofreram com assaltos e mortes. Ao término da longa revolução os colonos agora com alívio e satisfação, todos começaram a fazer plantações e criações de gado e animais. Cumprimentavam com alegria as plantações de parreiras em todas as moradias: Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves e muitas outras. A notícia espalhou-se por todas as cidades, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Vinha alegria de todos os cantos do Rio Grande do Sul, onde foi derramado tanto sangue dos irmãos imigrantes. O povo se libertou de tanto sofrer. Todos podiam ser felizes, ver o sol nascer brilhante.

Organizada a nova constituição, a lei do governo, a cidade de Erechim estava se preparando para novas eleições do município.

NO CÉU AZUL APARECE UMA NUVEM NEGRA

Embora tudo estivesse mudado na vila Floresta ainda o povo não estava livre. Ainda o povo estava com medo, esperavam a todo momento que o inesperado aparecesse. Ainda não foi decidido transportar os restos mortais do assassinado Szelag, o qual estava mal enterrado embaixo de uma árvore. O povo estava ansioso para fazer uma homenagem. O povo fazia procissão, orando e esperando o acontecimento. As autoridades avisaram à família do Szelag que só poderiam transportar o corpo depois das eleições. O tempo passou rapidamente para as eleições, Parol, Matysz, Karpinski e Kucharski.

Num domingo, decidiram em um dia só a festa em lembrança de duas datas históricas: de 11 e 15 de novembro, a independência da Polônia e República do Brasil. O Szelag falou com o padre Cirilo para que ele viesse neste dia. Dividiram todo o trabalho com pessoas honestas. Cada um tinha sua tarefa para fazer: churrasco, bebida e mesas. Para enfeitar o ambiente foi a tarefa das crianças da escola. Alguns dias antes da festa, o ambiente ficou bem triste com a não esperada chegada de Artur Trincheira à Floresta. Caiu uma nuvem negra sobre os moradores da Floresta.

- O que vai ser se este malcheiroso assassino aparecer na nossa festa? Vai dar briga ou então o povo vai abandonar a festa? - o Matysz coçou a cabeça.

- Deixem por minha conta, falou Tomas Parol. Eu vou dar um jeito se ele aparecer.

- O quê? Tu vais enfrentar este assassino, gritou o Kucharski. Ele vai te fazer em pedaços.

- Aqui devemos usar a astúcia, falou Parol.

- Na espera deste bandido, devemos usar carabinas, pois ele não é gente, alguém gritou.

- Preparem a festa eu vou preparar a visita dele aqui, falou o Parol.

Todos ficaram amedrontados, pois Parol nunca levantou

a mão para ninguém na vida dele, só com palavras e exemplos. Hoje vai enfrentar o Artur. Parecia estranha a decisão, finalmente deixaram-no em paz.

As crianças na escola estavam ensaiando canções, declamações, teatrinhos e esportes. Para mim foram dadas duas leituras, uma em polonês e outra em português, dedicadas para as duas datas históricas. O Matysz foi escalado a fazer o valo para o churrasco ser assado no pátio da escola. Juntos com Szulc prepararam as mesas e bancos para sentar, improvisaram uma mesa para o caixeiro receber pagamentos. O Szulc, com ajuda dos jovens, buscaram galhos verdes para improvisar e enfeitar a entrada triunfal.

Parol se preparou para uma viagem a Paloma e Tapir. No caminho o Parol encontrou os colonos reformando suas casas e plantando cereais e no caminho ainda viu enorme canal de madeira caindo na roda do moinho. Três pessoas estavam trabalhando na reforma do moinho do Jurkoski. Parol saudou-os de longe. Finalmente temos paz. De joelhos, Jurkoski levantou a cabeça e rápido olhou na carabina que estava do lado dele. Mesmo com as notícias de que tudo estava em paz, ele sempre estava de prevenção. Hoje, Jurkoski estava irreconhecível, quando ele terminou com os dois mais perigosos assassinos ele foi ao barbeiro, mandou cortar cabelo e barba, depois foi tirar foto para mostrar que agora começa nova vida. Ele nem quis lembrar o sangue derramado. Quando me deu a sua foto ele disse:

- Agora estou outro homem, e me deu a foto, leva para lembrança.

- E tu, Tomas? De onde tu vens?

- Venho para ver de perto o dinâmico guerreiro, disse Parol.

- Bom guerreiro, disse o maleiro, que deixou derrubar o moinho.

- Olhe, preciso renovar tudo, tanto tempo no sol e na chuva, está tudo estragado, no moinho tive que dar todas as peneiras novas. O moinho era novo, mas a vida do meu genro

ninguém faz voltar, ele morreu no rio com bala assassina, eles mataram.

Neste momento, entrou o senhor dono da casa com a filha viúva e as crianças convidando a visita para o almoço.

- Venha e entra! Introduziu o visitante para a sala e lugar de honra.

Jurkoski levou o cavalo para dar milho e alfafa. Quando a conversa estava bem animada, lembrando tudo o que tinha acontecido aos pobres colonos, o almoço chegou ao fim. Parol disse a Jurkoski:

- Maleiro guerreiro!

- Estou ouvindo.

- Nós estamos preparando uma festa da escola. Infelizmente o demônio nos mandou o Artur Trincheira.

O Jurkoski mordeu o bigode e os olhos brilharam que nem um raio.

- Artur ainda está na Floresta? - perguntou, e com sorriso pensou algo sério.

- Jurkoski, preciso fazer algo para que a festa possa acontecer, porque se Trincheira aparece o povo se retira. Os olhos do Jurkoski encheram-se de lágrimas e Parol esperou que o dono da casa respondesse como vai resolver o caso do bandido. Por alguns minutos o Jurkoski espera ele decidir e diz:

- Este assassino não vai se atrever a vir na festa porque eu estarei lá.

Parol ficou sem decisão.

- Bem, você vai ser nosso escudo.

Jurkoski com calma perguntou:

- Onde está alojado o assassino?

- No hotel, como sempre.

- Então é perto da festa.

- Podem ficar certos de que na festa ele não se atreve a aparecer. Eu só vou passar em frente ao hotel e com voz alta, chamo o Welkier para que o Artur possa ouvir minha voz, só isso chega para ele. Vocês podem festejar até dois dias. Ele já sabe que eu o tenho na mira. Eu não o estou perseguindo, mas

ele que não se atreva a atravessar o meu caminho. Ele é um lixo que precisamos limpar do ambiente por ter assassinado muita gente, destruiu famílias e acabou com os animais.

Ao se despedir, a família desejou ao Parol feliz festa. Depois o Jurkoski disse:

- Lembro que nas eleições sabes em quem votar.

- Vamos com o governo, respondeu Parol. Ele tem nos ajudado com a escola, ele merece ganhar.

DUAS FESTIVIDADES

Tudo pronto para as festas, as crianças estavam bem entusiasmadas, trouxeram as bandeiras verde-amarela e outra branca e vermelha que é da Polônia. Atraíram uma multidão de gente, vindo da capela rumo à escola. A escola estava enfeitada com galhos de palmeiras e fitas multicores. O cheiro de churrasco em cima das brasas ardentes estava chamando as pessoas com fome de saborear a carne assada. O Szulk que era encarregado de assar o churrasco, incansável molhava com tempero a carne para não ficar seca e virava de vez em quando. Matysz e Fernando Braszka atendiam o balcão de vender bebidas e receber os pagamentos do churrasco e pão. Para cada pedaço de carne, serviam dois pães, duas lindas jovens estavam a servir os que compravam churrasco e pão, era Cristina e Flora. As famílias estavam chegando e tomando os lugares nas mesas. Serviam a farinha de mandioca e bebidas, era vinho, cerveja e outras.

A festa estava bem alegre. Vieram também os nossos vizinhos italianos. Todos estavam seguros porque no portão de entrada estava o defensor da humanidade, morador deste lindo lugar que é a Floresta. O Wojciek Jurkoski de Paloma. Homem que com perigo de sua vida devolveu a paz aos moradores da Floresta e ao redor das colônias. Ao lado dele estava Kucharski e Parol. O Kucharski parecia um esqueleto um grande servidor e amigo, soldado que antes trabalhou na defesa, com arma na mão defendia a vida das famílias e dos

outros. Hoje ele está disposto a defender todos com a vida conturbada. Estava também Kolberek, fiel amigo do Jurkoski. Saiu da casa do Studzinski para respirar ar puro e saber se ainda estava vivo. De hoje em diante, a vida começa para ele mais alegre porque sentiu que por milagre ele se salvou. O sol hoje brilha mais e o azul do céu é mais azul.

Jurkoski estava sentado olhando as mesas preparadas. Cortou um pedaço de carne assada e passou na farinha de mandioca, comia sem pressa. Ele gostava de comer bem e beber, mas sempre na medida certa. Ele comia tudo sem escolher e elogiava a comida. Ele estava alegre com a melhor roupa, porque as armas já entregaram à Brigada. Mas ele sempre tinha uma arma boa em caso de precisão na hora do ataque. Chegou à mesa dele, de pouca conversa, o Welker.

- Jurkoski, perguntou - onde está o Artur Trincheira? Ele encomendou o aloco e desapareceu?

Jurkoski olhou para o Welker e disse satisfeito:

- Não podia fazer o melhor.

Neste momento alguém gritou:

- Atenção!

Todas as crianças se puseram em linha, na frente da mesa ornamentada para os festeiros. Neste momento introduziram duas bandeiras. Começou a cerimônia, cantaram hinos. Neste momento até os churrasqueiros estavam ouvindo silenciosos e então todos sentiram o cheiro do churrasco. Depois de cantarem os hinos, começaram os discursos no tema 15 de novembro. Depois outro do dia 11 de novembro. O tema tinha seis páginas. Tomas Parol segurou o guarda-sol, ele falou no meu ouvido

- Encurta.

Ouvi o que ele me pediu e li a última frase levantando a mão e disse:

- Em homenagem à Polônia e ao Brasil e aos amigos visitantes e, em especial ao Jurkoski e seus dinâmicos assistentes pela liberdade, aos colonos do município Erechinense!

No final, mostrei a Kolberek, com a bengala apoiado e bem emagrecido, que fui ferido na luta pela liberdade.

- Olhem este homem, com custo de sua própria vida defendeu as famílias de roubos, assassinatos, judiação e vergonha. Não é só que mataram em suas próprias casas, mas levando nas cordas que nem animais para o abate. Todos olharam Kolberek, o pobre homem. O Kolberek olhou com um sorriso e baixou a cabeça e as lágrimas rolaram pela face. Todos os que foram prejudicados na revolução vieram apertar a mão em fila, prometendo ajudá-lo em tudo o que precisar. Mas teve pessoa que não foi atingida pela desgraça, teve coragem de dizer que se ele estivesse dentro de casa não teria sido atingido pela bala.

Para esse ignorante, a senhora Barszcrova levantou o seu guarda-sol para dar-lhe na cabeça, mas ele fugiu enraivecido.

- Para ti, homem sem sentimentos, é melhor que fiques no teu buraco para que os cachorros te descubram.

A senhora Weviurka veio correndo e dizendo:

- Eu me atrasei e ele fugiu, é melhor.

- Esse homem não vale nossa atenção.

Depois de formal apresentação, todos começaram a se cumprimentar batendo com as mãos pelas costas. Também os Italianos começaram a se preparar para cantar a canção do mar, a (Santa Lucia), ao invés do mar, um pequeno açude do moinho do senhor Zaja, com isso, aos festeiros, afastou as nuvens trazendo calor e alegria. Vinho corria com abundância, canções após canções. Já não havia o senhor Cybulski para acompanhar os Italianos nas canções e vinho. Então apareceu um poliglota, Fernando Braszka, homem talentoso, que até hoje não era conhecido aqui na vila Floresta. Quando os italianos pararam de cantar, então o Braszka respondeu com o seu pequeno coral, cantou em Polonês, até o nosso salvador da vila o Jurkoski e Matysz ajudaram como tenores. Kristina e Fiora por terminarem o trabalho, saíram de mãos dadas passeando, pareciam que estavam esperando alguém.

Elas combinaram na frente do espelho e penteavam os cabelos iguais. Trançaram o cabelo com a diferença que os da Fiora caíam duas tranças para trás dos ombros, porém os da Kristina tinham as tranças caídas no peito com fitas de sedas brilhantes por cima do coração escondido. Outras moças andavam também por toda a parte da festa. Tinha esperanças de encontrá-las para dizer algumas palavras e ouvir a doce voz.

- Parar na frente, olhar e dizer algo? Para qual delas eu estou decidido a falar. Para as duas? Sim para as duas, pois, se uma se afastar, eu fico com a outra.

Por um momento pensei que poderia ser uma brincadeira. Sorriram as duas, pois, assim, são as jovens de bom senso. Se eu contasse os meus pensamentos, ficariam admiradas. Como o senhor tem a coragem de dizer estas coisas. Atirariam no coração do pobre professor.

- Quem é o senhor? Perguntam.

Pobretão, sem teto em cima de sua cabeça, sem nada. Quem sabe, olham com pena, como este povo olhando o pobre Kolberek. Libertados com a própria vida. Brincam, bebem, cantam e ele abandonado com a bengala, escorado na cerca. Que com seus ferimentos deram a eles momentos de alegria e liberdade.

- Pode ser que eu também espere as mesmas coisas. Pode ser delas, da sociedade ou de cada um. Hoje é tudo bonito, charmoso e promessa, por que e para quê?

Depois de pensar bem, decidi me isolar contra minha vontade e não me entregar aos amores. Isso não é tempo agora de sonhar, todos são amáveis.

A VIDA É ASSIM

Em toda esta confissão de amores, eu preciso me encontrar e mostrar a alegria no meu semblante. Aqui estes dois anjos se segurando pelas mãos me atacaram dizendo:

- Enfim, conseguimos lhe encontrar.

- Eu estou em duas gaiolas, respondi.

- Qual tu preferes? Falou a Kristina.

As duas juntas e cada uma em particular.

- O que estás dizendo? - gritaram as duas juntas, fingindo surpresas.

- Este é o meu gosto confuso.

- Tu sabes o que queremos?

- Não sei e nem imagino...

- Nós queremos trabalhar, fazer teatro. Organiza, nós queremos trabalhar juntas. – O Teatro eu garanto, mas o soalho quebrado...

- Nós não queremos saber, só queremos representar em um bom teatro.

- Nem precisam atuar, só com a presença de duas lindas jovens aparecerão muitas pessoas.

- O senhor está mentindo, gritou Kristina.

- Eu já fiz teatro, falou a Flora.

- Muito bem, acredito na sua palavra.

- O senhor segura pelo coração, que é garantido.

- Mas como chegar até lá para segurar? Quantos rivais estão de guarda? Falei bem triste. Não julgo a ti, que não tens coragem. Mas sei que existem coisas visíveis e invisíveis, falei bem comovido.

Neste momento, os dois anjos viraram e foram embora, desfilando no pátio da escola. As horas passavam rápidas. Chegou a hora de voltar para casa. Para mim, chegou a hora de voltar para casa. Para mim, chegou a hora de agradecer a todos pela presença e trabalho que tiveram para abrilhantar a festa. Sinceramente, apertei as mãos de todos. Estavam Tomas Palor, o secretário da escola, Karpinski, Malinowski, Kraplo, Kucharski, Karpinski com as filhas, Micotay Matysz, Braszka, Tytercz, Shultz e, em especial, todas as crianças da escola. Estavam as dinâmicas senhoras. Chegou a vez da despedida do senhor Dorocz, com as três filhas, duas estudantes, Verônica e Michalina e a tentadora Kristina. Ao lado dela estava José, o irmão, formado professor em Curitiba,

Paraná, estava ao lado também o ativo e mais velho de todos, o senhor Simão. Estavam na fila as famílias Czapla, Maciak, Zajac, Szady e Dominiak, o poeta Leon Kaplan, Tartas, o professor Biedacka, o jovem engenheiro Longine Malinoski, Jacunhak, Szymanski, Malinoski, Makoski com as filhas e vovós Gorage e muitos outros. Chegou a Flora com seus pais para a despedida. Os Italianos saíram por último, estavam roucos de tanto cantar.

Eles estavam procurando voluntários para uma partida de bocha com a luz das lâmpadas de carbureto. Levaram o senhor Jurkoski o qual jogava muito bem, que nem com as balas de carabina, assim como as bochas na cancha. Depois do barulho, tudo silenciou. Eu fiquei sozinho com os meus pensamentos.

ELEIÇÕES

Dia das eleições, todos estão esperando melhores dias depois de tanto sofrimento. Principalmente estes que vivem no sertão, longe de qualquer ajuda rápida. Uns vão com o coração apertado em saber quem vai assumir o novo governo, que vai melhorar as estradas e dar liberdade aos moradores. Uns vão para encontrar seus amigos; outros, não vão votar. Vão só para andar no meio do povo. Depois destes têm ainda os que vão só para comer churrasco, pois todas as eleições são comemoradas com grandes churrascadas. Vão para comer e levar para as suas famílias que estão em casa.

Com estes eleitores, ninguém pode fazer nada. Este partido é melhor por que dá de graça a comida. Neste dia de eleições, todos estão se preparando para ir a Boa Vista de Erechim (Paiol) e votar. Uns vão a pé, outros a cavalo, alguns, ainda de carroça, pois naquele tempo não havia carros, nem ônibus.

Nas eleições, ganham os que prometem tudo para o pobre. Depois das eleições, todos são esquecidos. Para ganhar votos, gastam uma fortuna prometendo coisas impossíveis,

no dia das eleições compram até votos e convidam para um suculento churrasco. Sentam em roda de uma mesa, comendo e bebendo junto aos amigos e até com inimigos, se enganando mutuamente. Os analfabetos vão votar sem saber para quem. As pessoas cultas têm vergonha de enganos e são as que sofrem mais.

No nosso grupo, que vinha para Erechim, eram Kucharski Parol, Dorosz, Matysz, Binco e Bortoli. Na volta de Três Vendas, alguma coisa fez barulho. Apareceu um cavalo surrado com chicote e espetado com rosetas, chegou a nós espumando, o pobre animal.

- Enfim, alcancei vocês! - berrou o Trincheira. Para cumprimentar, estendeu a mão a todos, mão suja de sangue pelas mortes dos imigrantes. Embora ele morasse no hotel do Welker, nós nunca o encontramos. Hoje ele havia perguntado ao senhor Bianco quem era o jovem que o acompanhava. Quando soube que eu era o professor na Floresta, ficou admirado e fingindo um respeito, gritou com voz alta:

- Eu só quero para minha amizade pessoas de cultura - e chegou perto de mim - Estou feliz por conhecer o professor. De hoje em diante, seremos amigos inseparáveis, dizia Artur.

- Amizade de urso, pensei eu.

O meu corpo sentiu medo do vampiro. Parol e Matysz tentaram nos separar vendo meu embaraço. Não adiantava, ele dava um jeito e sempre estava do meu lado, sempre fazendo o possível para não perder a minha presença. Tinha revólver na cintura e faca na bota. Eu só tinha um lenço no bolso e uma carta para a Kristina, avisando que teria provas de teatro no domingo.

- Ele não te larga, mas vamos dar um jeito.

Artur não perdia tempo. Voltou a cavalo e gritou bem alto:

- Eu respeito mais o professor do que a mula. Conheço o mundo como a minha mão e estendeu a mão assassina. Todos me conhecem, porque tenho a honra de servir à Pátria

querida. Desde pequeno, a minha vida é em cima do cavalo. Se eu quisesse contar a história da minha vida, faltaria dias no ano. Se eu botasse todos os cadáveres que caíram desta mão, pusesse um em cima um do outro, seriam três metros de comprimento. Mas não foi fácil...

O Szelag quem o afastou, se não, seria eu. Agora não vai sujar a Floresta, agora não se manifesta contra o governo, não rouba mulas, mas silencioso come as raízes da sapopemba.

- Isso não é uma honra, gritou com alegria.

Comecei a me arrumar e olhei para baixo vendo a ponta da bota e pensando: tu cortaste o pescoço do Szelag e para o bem do País, agora que o inferno te engole para o resto de tua vida. E procurei o jeito de me livrar da companhia dele. Chegamos a Três Vendas, onde tem um bebedouro para animais. Todos desceram dos cavalos para dar uma trégua aos pobres bichos. Todos demoravam, só para ver se o assassino largava deles. Ele, enquanto isso, corria em volta e dava pulos de alegria. Parol chegou perto de mim e disse-me no ouvido:

- Paciência, ele logo nos deixa em paz.

- Monta teu cavalo, professor, vamos, falou o sanguinário Artur.

Tomas respondeu com calma:

- Nós vamos esperar aqui pelo senhor Jurkoski, Nós combinamos com ele.

Com esta notícia, o Artur empalideceu, abriu os olhos e os beiços tremiam de medo. Pensou um momento, será isso verdade ou brincadeira?

Para reforçar, o Dorosz piscou os olhos e puxou o relógio do bolso e disse:

- Daqui a dez minutos o Jurkoski vem nos encontrar, esse foi o nosso trato.

Ele ficou embaraçado, de repente, mudou de voz e disse calmamente:

- Bem, cada um tem suas responsabilidades. Vou sozinho. Virou-se e disse:

- Conto com o senhor, professor, que amanhã cedo vem tomar chimarrão comigo no hotel do Welker, mas palavra de honra para que não fique esperando.

Esporeou o cavalo e saiu a galope, parecia que tinha algo para alcançar. Depois disso, o Matysz falou:

- Parol! Tu mereces uma medalha de ouro, esta foi a primeira alegria de um sorriso saudável do Matysz.

O Parol também deu um sorriso.

- Eu sei onde ele tem a ferida.

O Jurkoski espera encontrá-lo no campo aberto e ele sabe disso. Artur a galope desapareceu nas Três Vendas. Depois de ter votado, todos voltaram juntos. Perto da casa Bianco, para nossa indesejável surpresa, do meio do mato, saiu o Artur e se atravessou no meio da estrada. O cavalo dele demonstrava grande cansaço. O Bianco disse a nós:

- Este bandido conseguiu matar o cavalo, é uma pena, um cavalo bem novo.

O Matysz estava preocupado e disse:

- E agora como nos livrarmos dele.

- Calma, disse Parol. Ele não vai perguntar pelo Jurkoski e se perguntar eu direi que o Prefeito vai levar ele de carro para Paloma pelo prêmio que ele ganhou por ter limpado a região de bandidos.

Chegando à casa do Bianco, Artur começou a se gabar:

- Eu cansei o cavalo. Agora pode passar por baixo dele, tirei as cócegas para sempre. Olhe agora, esporeou dos dois lados sangrando, o cavalo não reagia, só ia passo a passo.

O Bianco convidou todos para tomar um copo de vinho. Artur como se fosse dono, ia na pipa e se servia de vinho. Em poucos minutos, mudou de voz e a língua estava pesada e os olhos sangrentos. Procurou-me, oferecendo um copo de vinho, para cada copo, ele lembrava o convite para amanhã cedo tomar chimarrão com ele. Eu fingia que tomava, ele percebeu e protestou:

- Não só experimentar, mas tomar como eu, tomar sem respirar.

O Bianco convidou-me para ir à cozinha, o bandido ficou com os outros. Aliviei-me do insistente bandido. Na cozinha, estava a linda Flora com a maravilhosa família. Agradeci ao dono da casa por ter me livrado do importuno e indesejável. Quando Artur estava bêbado, sentado embaixo da torneira, montei o cavalo e fui embora para a Floresta.

Capítulo XVIII

Enterro com caixão vazio e morte do bandido Artur

A família do Szelag e os vizinhos estavam preparando uma procissão com caixão vazio. Antes de chegar à Floresta, as carroças e o povo que lá estava, parou. Levantaram um caixão preto na carroça e levaram pelas ruas da vila, cantando o hino funeral. A procissão vinha pela rua que dava na frente do hotel Welker. Tinha gente velha, jovens e crianças. A viúva do Szelag com os filhos vinha atrás do caixão vazio. A viúva estava com um vestido de luto. Solitário, atrás, vinha o Jurkoski, homem bem armado e decidido. Ele era, há muitos anos, grande amigo do trabalhador Jose Szelag. Hoje estava de prontidão a guardar a procissão de todos os amigos.

Artur estava na porta do hotel e olhava para o lado da escola, estava nervoso e resmungava que ontem se deixou entregar pelos companheiros de viagem.

- Se eu descobrir que tudo foi uma mentira, desfazendo de minha pessoa, vingo-me do primeiro da fila, nem que seja o jovem que nomeiam como professor. Convidei-o para o chimarrão, se não vem, vai ser confirmado que não me respeita. Como pode fazer isso comigo? Se ele decide não vir, eu acho tempo, eu tiro ele e faço como fiz ontem com o cavalo.

No momento, quando estava pensando um plano diabólico, passava na frente dele a procissão com caixão preto e vazio. Ele ficou surpreso que este caixão parecia ele, sentiu algo diferente e sentiu como se fosse cair num precipício. Não via a rua na frente e nem atrás. O vazio ele queria preencher com alguma coisa. Atrás do caixão de funeral, ele viu o Jurkoski, os ombros fortes dele que mataram o Gaudêncio e, nestas pernas, casou todos, quase todos os seus correligionários.

- Agora eles andam atrás de mim. Preciso mudar de lugar, vou-me embora. Não! é melhor matar o Jurkoski sem ele esperar. Mas este vazio que sinto o que é isso? Nunca antes sentia.

Afastou-se da porta de entrada. Tinha na mão a cuia e na outra a chaleira com água quente. Com as mãos tremendo, derramava a água, não sabia por que razão isso acontecia. Reagiu por um momento e alcançou a cuia para o Welker, assim era o costume, pois estava do lado direito. O Welker não quis, alegando indisposição do estômago. Serviu outros que estavam ali no hotel. Estendendo a mão e falando que nem tonto.

- Tomem, amigos meus, Artur Trincheira está oferecendo chimarrão de coração. Que cresça a roda de amigos. As andorinhas sozinhas não veem, mas em grandes bandos, cantam alegremente.

Ele achava que com estas conversas, apagava todos os assassinatos, faria o Jurkoski esquecer de persegui-lo. Neste momento, entrou o empregado com uma braçada de lenha e Artur gritou:

- Toma o cavalo porque os inteligentes desprezam os pobres.

O empregado passou sem falar, foi para a cozinha.

- Seu Adão! Chamou o Welker, que estava sentado atrás do balcão. O professor não veio ainda?

- Ele não vem hoje, falou o Welker.

Artur ficou ofendido e falou alto que a empregada veio correndo para ver quem ficou louco. O sargento do 3º. Batalhão que chegara na noite anterior ao hotel, perguntou.

- Quem ficou louco?

- Artur Trincheira - disse a moça.

- Esse negro é o bandido do Artur?

- Tens certeza?

- Sim, aqui ninguém gosta dele. O povo prefere ver uma cobra a vê-lo.

A gritaria e o tilintar das esporas davam a certeza ao sar-

gento de que era ele que enganara a esposa dele. O sargento do 3º. Comando era bem claro e de pequena estatura. Com os dentes cerrados começou a por a túnica como se fosse para ir a uma festa. Com a farda ficou bem elegante, apertou o cinto e a arma. A procissão do funeral passava na frente da escola. Os coveiros traziam vidros com creolina para abrir a cova e diminuir o odor do corpo falecido. Crianças batiam na porta do quarto da escola, queriam ver o enterro sem falecido.

- Como pode ser enterrar só o caixão?

- Vão transportar o corpo do Szelag para o cemitério, respondi para as crianças.

Realmente era grande o grupo de pessoas com as cabeças baixas atrás do caixão vazio, rezando. Estava terminando o enterro e Jurkoski disse-me:

- Bom dia!

Na Floresta, estava tudo calmo e em silêncio pelas tragédias. Às vezes se ouvia uma voz rouca do hotel do Welker, parecia a voz da coruja ao anoitecer, os moradores da Floresta em silêncio deixavam suas casas para acompanhar o enterro da família Szelag, prestando a última homenagem. Fui tomar meu café e voltei rápido, pois estava na hora em que o Artur insistiu para eu fazer companhia no chimarrão. Decidi não ir. Sabia que ele não me perdoaria por fazer pouco caso do convite que ele fez. Não queria amizade deste satanás, era melhor evitá-lo. Parei na janela, estava chegando as oito horas. Olhei para o hotel Welker e para as crianças brincando.

O sargento do 3º. Batalhão caminhava rápido pelo corredor do hotel, pisava bem leve como quem vai atacar. O corredor terminava no bar. Na frente do balcão, havia gente sentada em pequenos bancos.

- Bem, enquanto eu preparo meu chimarrão, ninguém me faz companhia, gritou Artur sentado de costa no corredor.

O sargento deu um soco na portinha do balcão. Conheceu o Artur pelo pescoço grosso, sem uma palavra, puxou o revólver e atirou na cabeça. Artur pulou que nem um louco,

ele pegou seu revólver voltando-se para o lado de onde veio o tiro e berrou:

- Quem teve a coragem de atirar em mim?

E, sem forças atirou, mas para o teto da casa e o revólver caiu da mão dele nos pés do sargento. O sargento com um pulo de gato pegou o revólver dele e decidiu apontar para o peito dele dizendo:

- Canalha, some daqui.

Artur Trincheira estendeu as patas, da cabeça corria sangue para o olho. Quando estava fora da porta o sargento deu mais um tiro, Artur caiu que nem um saco de areia embaixo da escada. Sem demora, levantou. Pegou o chapéu do chão e apertou contra o peito como se fosse uma jóia e pedindo socorro, sem forças, mas ia adiante recebendo ordens. Encontrou uma cerca na horta e passou. Ia pela horta cambaleando. Encontrou uma madeira grossa, mas passou com dificuldade. Ia ainda pelos canteiros da horta. Depois ainda encontrou mais uma cerca.

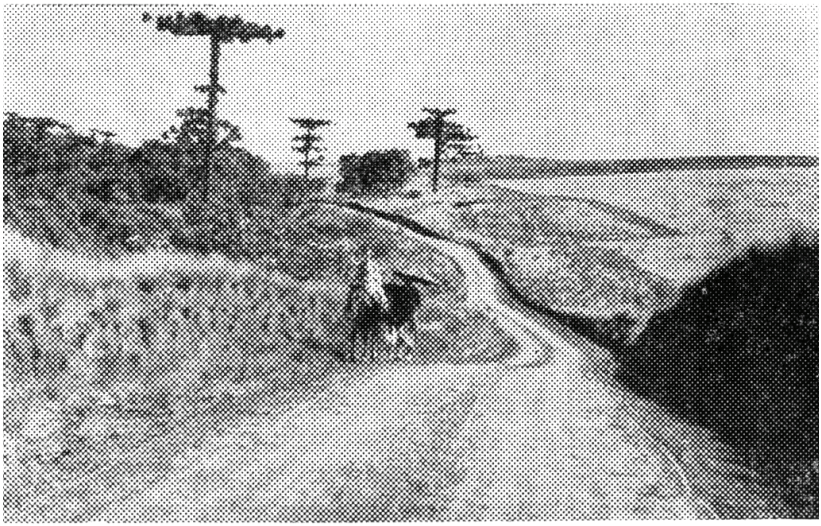
- Sim, aqui o Szelag colhia o milho, e estende a mão moribunda. Estou vendo bem nítido. Por que não entro no mato? Tenho a mão dormenta e ela não obedece a mim...

E atrás vinha a mão estendida. Fugia desta visão. Neste momento, tocou a corneta de alarme. Quatro soldados com carabinas saíram pelo mato a procurar o Artur.

Um sangrento acontecimento ocorreu no hotel do Welker. A notícia espalhou-se como um raio. Todos desejavam a morte do Artur e ele foi para o mato. Todos estavam com o coração apertado, esperavam qual seria a notícia que os soldados iriam trazer. Tudo isso aconteceu um dia depois das eleições.

Para todos os moradores da Floresta, caiu uma pedra do coração. Eu me libertei do indesejável convite. Os colonos pararam de olhar para trás e com medo, fitando os portões e curvas das estradas. Jurkoski se livrou da sangrenta captura do Artur, perigoso assassino. Em frente ao hotel tinha um grupo de curiosos. Chamaram o farmacêutico Damer, ele já

estava no lugar com sua valise de socorro. Na frente do hotel, já estava socorrendo alguém no lugar do acidente. Não era o Artur, mas um jovem que passava na hora do tiroteio por lá.



Um quadro típico gauchesco.

A bala que passou o corpo do assassino pegou no pescoço do jovem, foi só na pele e ficou ali. Ferido, o jovem pedia socorro. O farmacêutico Damer, com éter e alicate, tirou a bala, o jovem recobrou a saúde. O povo, sabendo dos ferimentos do bandido, esperava que ele não voltasse à vida. Sem perda de tempo, todos foram comprar foguetes e bombas, em todas as partes estouravam, iam até o céu e explodiam. Os moradores da Floresta, com isso, demonstravam suas alegrias com o término da vida do sanguinário Artur. Foram libertados da presença do perigoso assassino que rodeava, ameaçando a todos. Para surpresa, a patrulha vinha trazendo do mato o Artur caminhando com suas próprias pernas. Ferido, levaram para o farmacêutico Damer. Ele rodeava em volta do ferido. Artur ainda apertava o chapéu contra o peito e, obrigado pela patrulha, subiu as escadas do hotel. Sentou atrás de

uma mesa e chamou o dono da casa. Disse o endereço do pai dele.

- Caso eu venha a morrer, mande uma carta que eu morri em defesa da Pátria.

Damer recusou o socorro por causa dos grandes ferimentos. Welker mandou preparar uma carrocinha com duas mulas, as que o tirano deixou sem valor para trabalhos pesados. Era uma carrocinha de transportar lixo e lenha para o hotel. As mulas claudicando trouxeram a carrocinha até a frente do hotel. Artur sentou no chão da carrocinha que ainda estava úmida do lixo carregado. Queria ver mais uma vez a Floresta e seus moradores, que estavam olhando e soltando os foguetes. Ele limpava o sangue que corria da cabeça para dentro do olho. Finalmente partiram, as mulas iam passo a passo para levar o assassino de muitas pessoas e animais para o hospital de Boa Vista de Erechim, distante 14 quilômetros da Floresta. Artur Trincheira, depois de longos dias de assassinatos de muitas famílias e animais, terminou sua vida depois de 14 dias no hospital. Com esta nova notícia da morte do bandido, todo mundo se aliviou e foi àquela festa com foguetes e vinho. O pessoal cantava, pois tinha finalmente terminado o banditismo. O Jurkoski ficou muito satisfeito por Deus ter afastado o assassino do seu caminho e, assim, evitou matá-lo com as próprias mãos. Em frente à ferraria do Studzinski, estava sentado com sua bengala o Kolberek, Parol, Delengoski, Jasinski, Matysz e Dorocz com seu relógio de prata. Estavam comentando sobre tudo que passou nas colônias dos pobres imigrantes Poloneses e de outros.

Hoje, o sol no céu azul brilhou alegremente com mais raios para enxugar as lágrimas das viúvas. Também brilhou mais para os colonos e suas terras. Não tinham mais medo nos rostos suados. Agora tudo estava calmo, depois de alguns anos, agora alcançaram os dias melhores. Agora o que fizerem é para sua família e para eles mesmos.

Capítulo XIX

Bife gaúcho

Kristina e Fiora aprenderam com facilidade seu rol de teatro. Praticavam sem se atrapalhar, elas tinham o dom de representar, sorrir, amar e desprezar. Elas representavam como se fossem profissionais. Para elas, escolhemos os melhores grupos de jovens. Os bons artistas eram Braszka, Grelak, Póla Makavska, Regina Malinovska e Karpinska. Mikoty Malysz se prontificaram a representar um bom cozinheiro e um bom (churrasqueiro), em vez de fritar a carne, ele assava nos espetos. E, de vez em quando, ele tocava um violino. Para entrar no palco, entravam pela janela do meu quarto. Eles pulavam de cima de minha cama. No dia da apresentação, veio muita gente, pois Kristina convidara muitos moradores de Paiol Grande e de outros lugares. Jovens vieram mais de curiosidade, para ver Kristina no palco. A sala da escola não tinha lugar para acomodar a todos. Trouxeram até escadas para pôr nas janelas. Com todo esse aperto, o teatro saiu muito bem. Artistas amadores, pela boa vontade, receberam muitos elogios, batidas de palmas e risos. Jovens de Erechim, filhos dos pais bem situados, no dia da apresentação, não viram e deram valor à Flora e à Kristina. Precisava apresentá-los depois no palco para ver a presença de espírito, talento, gosto e graça. Um jovem, filho do dono de um grande supermercado, gostou de Kristina e, sem esperar, pediu a mão dela. O meu anjo milagroso respondeu:

- Não só uma mão, mas podes pedir as duas.

Flora, linda também, recebeu congratulações. Logo começou a rodear em volta dela um rapaz indeciso. Tinha a visto em outro lugar, foi uma inesperada candidata para o

resto da vida, cheia de dons preciosos. O bom relacionamento nunca se acabou. Sempre achava palavras de admiração, respeito e amizade, mas não se falou nada de concreto. Crescia a cortesia que, com paciência, esperava o final de tudo.

Cada romance tem a sua natureza presente, ou escondida. Cada um deixa para trás um rastro que nunca se apaga. Nem que se fuja para o fim do mundo. Todos os rastros de amor ficam para sempre.

Passaram os dias formais de exames. Meu coração ficou ligado às crianças. Foram para casa felizes por terem chegado as férias. Férias... dois meses de descanso.

Escrevia cartas, mas depois as lia e jogava no lixo, vendo as palavras vazias. Um dia, decidi e fechei o envelope e, na carta, pedi desculpas e esperei até tudo amadurecer. No bolso, a carta com pétalas de rosas. Quando passei perto da casa do Bianco, o velho Giusepe convidou-me para tomar um copo de vinho. Flora não apareceu, perdi na hora a chance. A mãe dela é um exemplo de dona de casa, disse-me com satisfação que depois do teatro, a Flora encontrou a felicidade, ela ficou noiva do Benjamim. Dei os parabéns e saí preocupado até Boa Vista de Erechim. Fiz um plano, que em primeiro lugar iria à loja onde Kristina trabalha com o pretexto de comprar

Autor opowieści — ROMAN WACHOWICZ

alguma coisa, então dou a carta a ela com pétalas de rosa. A carta que vai resolver nossos destinos e também nossas esperanças.

Kristina não estava na loja. Entrei. Parecia que todos adivinhavam a minha intenção. E que tudo não passava apenas de um sonho. Eu ia à Comissão de Terra onde receberia minha pensão de professor. Alguém me chamou pelo nome. Olhei para trás. Era Kristina, bela que nem um anjo, mas para estragar tudo, estava ao lado dela um lindo jovem. Neste momento, não poderia entregar a carta. Não sabia o que ele significava para ela. Mas ela, como sempre, disposta, falou:

- Apresento meu namorado! Estivemos para dar os nomes na Igreja para o nosso casamento...

- Parabéns, desejo felicidades, estendi a minha mão para apertá-la.

A terra tremeu debaixo dos meus pés que nem um vulcão. Parecia que estava caindo no precipício. O mundo ficou tão vazio!

- Nesta ocasião, estamos convidando o senhor para o almoço de noivado, depois para o nosso casamento.

Senti-me abandonado, sem gente e sem sol, nem senti quando os noivos saíram. Indo rua acima, a mesma que caminhei quando do primeiro dia, quando cheguei aqui. As mesmas ruas que um dia despertaram em mim uma nova vida, hoje me empurraram e me pisaram. Eu ia cambaleando, que nem o Artur ferido. E por quê? A rua terminou e eu também cheguei ao fim. Parei no mesmo lugar onde estive há um ano. Naquele tempo, desfilavam carroças de casamento. Aqui, recebi um abraço do Simão, senti-me parte da família, hoje, fiquei sozinho. Será que terá outro desfile de carros enfeitados com noivo? Sim, mas não para mim. Parei na beira da rua e olhava sem rumo. As pessoas que passavam por perto perguntavam sobre mim. Alguém me puxou pelo braço dizendo:

- O senhor é surdo ou orgulhoso, chamo e não ouves?

Despertei. Na minha frente estava o Andre Plucinski, dizendo:

- Procuramos por ti em toda cidade e tu estás parado nesse lugar como estátua! Convido-te para o almoço. Meu filho está noivando com a Kristina. Dizem que sem ti não sentam à mesa. Vem sem se opor. Vamos!

- Vamos, repeti atrás dele. E fomos, abraçados que nem dois inseparáveis amigos.

Conhecido negociante, André estava satisfeito, olhava para mim, levantou a cabeça e com os olhos fitos exclamou:

- Lembra-te, gritou com alegria, uma vez profetizei veni, vidi.

- Ah! Interrompi rápido. Isso era certo, sem engano - elogiei a profecia.

O meu corpo era um tormento, mas eu fingia alegria, pensando que não é vício, porque os outros foram premiados. Agora eu o abracei e disse:

- Senhor Plucinski, veja o senhor que o mundo é grande, começa lá onde parece que termina... Peguei meu cavalo e vim embora.

TRADUTORA

Veronica Dorocz Vettori nasceu em Cotegipe (antiga Floresta) em 1914. Seus pais imigraram da Polônia ao Brasil em 1911. Ela foi uma das estudantes do professor Roman Wachowicz, autor do livro *Maragatos*. Ela cresceu, casou-se e teve nove filhos. Alguns deles imigraram para os Estados Unidos da América, inclusive a Veronica. Durante uma de suas visitas de volta ao Brasil, ela visitou o Sr. Wachowicz em Curitiba. Alguns anos depois o Sr. Wachowicz faleceu e a Veronica sentiu o desejo de traduzir o seu livro, Maragatos, da língua polonesa para português. Veronica já estava no inicio dos seus oitenta anos quando iniciou esta tarefa. Demorou alguns anos para completar seu trabalho porque seu estudo formal foi somente ate o quinto ano primário. Durante sua vida escolar, pela manha assistia aulas em polonês e a tarde em português.

As correções ortográficas e gramaticais no português foram feitas pela professora Andrea Fraga Miranda de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.